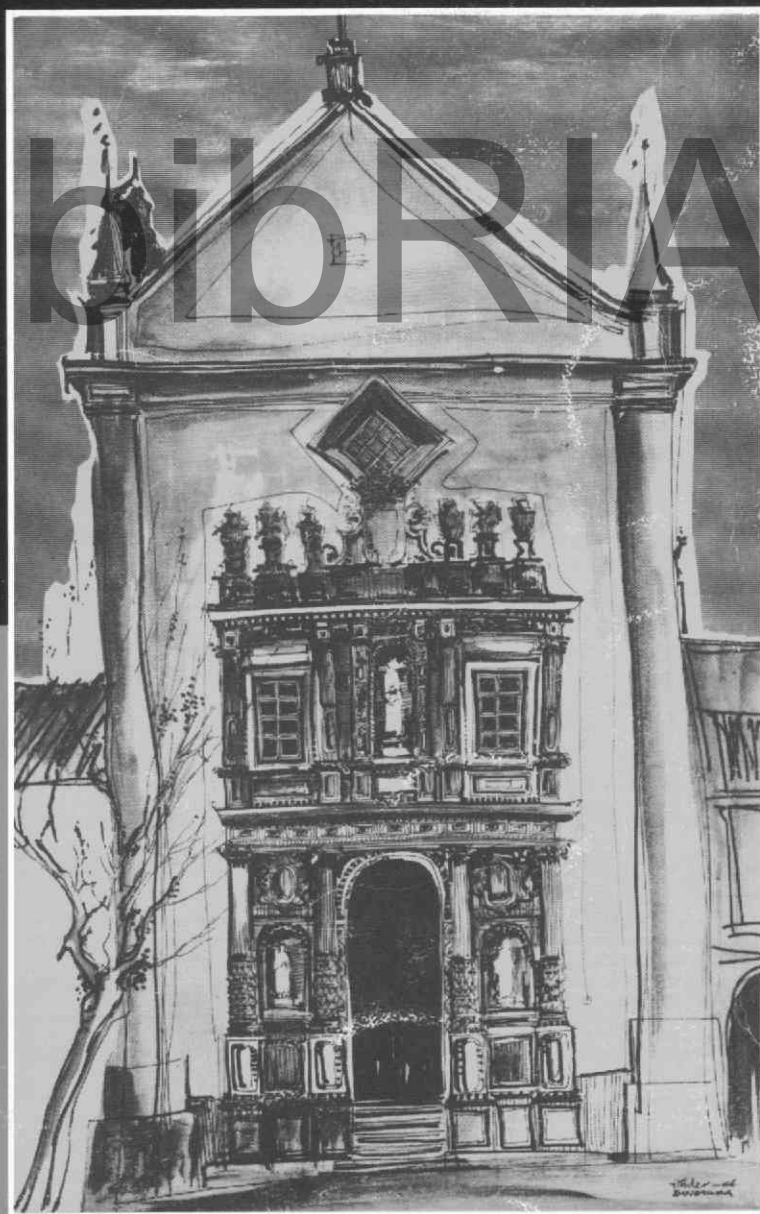


BOLETIM MUNICIPAL DE AVEIRO

ANO X - Nº 19



FL
908
141



BOLETIM MUNICIPAL DE AVEIRO

biblioteca



BIBLIOTECA
municipal de aveiro

PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS

OFERTA



BIBLIOTECA
municipal de aveiro

FUNDO
LOCAL

INTERDITO
AO
EMPRÉSTIMO

bibRIA



A IGREJA DA MISERICÓRDIA

"A igreja da Misericórdia he edificio sumptuoso de pedraria, seu tecto da mesma arqueado, e quartejado; (...) está decentemente, e com aseio paramentada com paramentos de todas as cores, calices, patenas, galhetas, missaes, toalhas, corporaes, bolsas, e sanguinhos; tudo perfeito".

Fr. Félix Mendes de Ramos

("Relação...", de 1760 a 1775.

Vd. Arquivo do Distrito de Aveiro, VII, pg. 191).

BOLETIM MUNICIPAL DE AVEIRO

Publicação Semestral de Índole Cultural e Informativa

Ano X — JUNHO 1992 — Nº 19

bibRIA

BOLETIM Nº 19

DIRECÇÃO: Presidente da Câmara Municipal de Aveiro — Vereador do Pelouro da Cultura

PROPRIEDADE: Câmara Municipal de Aveiro

REDACÇÃO: Praça da República — Aveiro — Tel. 24081 — Fax 22787

SUPERVISÃO: Assessor Cultural da C.M.A.

CAPA: Jeremias Bandarra (Design); postal de Helder Bandarra

TIRAGEM: 1.000 exemplares

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: Gráfica do Vouga, Lda.

Depósito Legal n.º 12 442/86

ISBN 972-9137-13-7

A Igreja da Misericórdia – Fr. Félix Mendes de Ramos	3
Abertura – Prof. Celso dos Santos	7
A Santa Casa da Misericórdia de Aveiro – Daniel Tércio Ramos Guimarães	9
O Ressurgimento do Gabão de Aveiro – Manuel Eduardo dos Santos Oliveiros	29
Igreja de São Jacinto	41
Edições da Câmara Municipal	42
Duas Comemorações	43
Noticiário	45
Notícias Breves	63

bibRIA

Os textos assinados são da responsabilidade dos autores.

Os artigos publicados podem ser transcritos, total ou parcialmente, desde que se indique a origem.

Obedecendo à regularidade semestral que vem desde a primeira hora, publica-se mais um número – o 19º – do **Boletim Municipal de Aveiro**. No desejo de continuar a ser de "índole cultural e informativa", as suas páginas são inteiramente ocupadas nessas duas vertentes.

Assim, resolvemos dar à estampa um valioso estudo sobre "A Santa Casa da Misericórdia de Aveiro", da autoria do Arq. Daniel Tércio Ramos Guimarães. É um artigo que, embora extenso, se lê com agrado, elucidando-nos em diversos aspectos da construção e da arte da nossa Misericórdia. Estamos convencidos de que não se pode fazer a história de Aveiro, pondo de lado ou esquecendo o capítulo da Santa Casa, importante por sua natureza e longo de quinhentos anos.

Um outro trabalho que se desenvolve nesta revista versa "O Ressurgimento do Gabão de Aveiro", subscrito pelo Dr. Manuel Eduardo dos Santos Oliveiros. Numa altura em que se procura defender a nossa identidade específica, um artigo sobre o Gabão de Aveiro é uma importante achega para nos lembrarmos de que os aveirenses têm motivo para se orgulharem de uma veste típica que os distinguiu e pode continuar a distinguir. Também desta forma se preservam os valores e costumes tradicionais da nossa terra e da sua gente.

Recordamos aqui, desde já, a próxima passagem de duas efemérides, referentes a notáveis figuras de Aveiro: – O centenário do nascimento do Dr. Francisco Ferreira Neves (24 de Dezembro de 1992) e o cinquentenário da morte de Francisco Manuel Homem Cristo (25 de Fevereiro de 1943). Desejamos que as datas não fiquem despercebidas, mas que, na devida altura, sejam celebradas as ilustres personagens que elas evocam; para isso, uma Comissão alargada a representantes de diversos sectores já vai pensando, discutindo e sugerindo o programa das comemorações.

As últimas páginas são dedicadas ao registo de alguns acontecimentos, feiras e exposições, que julgamos mais salientes e que ocorreram durante o primeiro semestre de 1992.

Finalmente, resta-nos agradecer aos nossos colaboradores, sem cujo trabalho e dedicação não seria possível a edição desta revista municipal. Bem hajam.

Aveiro, Junho de 1992

O Vereador do Pelouro da Cultura,



(Prof. Celso dos Santos)

bibRIA

A Santa Casa da Misericórdia de Aveiro

Daniel Tércio Ramos Guimarães

NOTA PRÉVIA

A Santa Casa da Misericórdia de Aveiro constitui a matéria de reflexão do presente estudo, levado a cabo durante o ano de 1990 no âmbito de uma das disciplinas curriculares do curso de Mestrado em História da Arte na Universidade Nova de Lisboa.

É o edifício da igreja referência obrigatória nos roteiros artísticos aveirenses, juntamente com o mosteiro de Jesus, a igreja de S. Domingos, actual Sé, o conjunto formado pela igreja de S. Francisco e pela igreja do convento de Santo António, os edifícios que restam do convento das carmelitas descalças, a igreja do convento do Carmo e um grupo de interessantes templos poligonais (S. Gonçalo, Nossa Senhora das Areias, Nosso Senhor da Barrocas, etc.). Assim, a investigação actual sobre esta matéria tem a facilitá-la a existência de estudos já concluídos que fornecem ideias definidas. A este respeito, há que destacar a obra monumental **Inventário Artístico de Portugal**, cujo vol. VI, dirigido pelo Padre Nogueira Gonçalves, é justamente dedicado ao património edificado em Aveiro.

Em comparação com aquilo que sobre a matéria está publicado, procurámos explorar, com a inestimável orientação do Prof. Horta Correia, novas abordagens, a saber:

- "ampliação" da problemática da igreja para a problemática de toda a casa;
- entendimento da Misericórdia na sua implantação e envolvimento urbanístico;
- comparação das soluções aveirenses com soluções noutros pontos do país, nomeadamente em Coimbra.

Três vias que se nos afiguram indispensáveis para alcançar aquele grau de originalidade obrigatório numa monografia de História da Arte. Três vias que, no entanto, não desenvolvemos por igual até ao mesmo ponto e que, portanto, no seu conjunto, ficam por completar.

Por completar fica também uma pesquisa demorada ao arquivo da Santa Casa, onde só tivemos ocasião de consultar um dos nove livros de obras (nº 356 do cat.), uma pasta contendo cartas, sentenças e provisões datadas entre 1533 e 1865 (nº 264 do cat.), e uma outra de correspondência trocada com as diversas Misericórdias do Reino entre 1603 e 1645 (nº 262



O pórtico retábulo da igreja da Misericórdia, em Aveiro. Esquema estrutural da composição.

do cat.). Usámos ao longo do presente trabalho alguns dos documentos compulsados, mesmo quando incompletamente decifrados.

Tivemos também a preocupação de encontrar um equilíbrio entre a imagem e o texto, na convicção de que as imagens podem funcionar, elas próprias, como propostas de leitura e análise dos objectos de arte.

Nesta matéria, tivemos o privilégio de ter acesso a uma colecção fotográfica (col. Tércio Guimarães), em parte inédita, onde encontrámos elementos preciosos para o estudo do desenvolvimento urbanístico de Aveiro.

Quanto aos edifícios da Misericórdia, procurámos colmatar a inexistência de plantas e alçados rabiscando alguns desenhos, também incluídos no presente estudo.

INTRODUÇÃO

Quem entra em Aveiro pela banda de oeste, vê o recorte da cidade espalhando-se para lá dos montes brancos do sal.

É ainda uma cidade plana, de luz.

No perfil urbano, se nos abstrairmos daqueles corpos estranhos que se enquistaram recentemente no corpo da cidade, podemos vislumbrar as cruzes que rematam os frontões triangulares das fachadas anterior e posterior da igreja da Misericórdia. Assim, entrevemos a importância que ela teve no passado, naquele tempo, não muito recuado, em que a cidade ainda não se perdia em ânsias de altura.

Até há poucos anos, a presença tranquila da igreja da Misericórdia acima do horizonte urbano funcionaria, por assim dizer, como um farol, simultaneamente nas suas dimensões temporal e espiritual. Ora, esta presença assumiria - podemos adivinhá-lo - um efeito ordenador na experiência da urbe.

Como é que a Santa Casa da Misericórdia de Aveiro se implantou na malha urbana?, qual o seu grau de "visibilidade"?,¹ como é que esse grau evoluiu?, são questões que permitem delinear uma problemática urbanística. Neste ponto, parece-nos especialmente interessante abordar o desenvolvimento da actual Praça da República, enquanto espaço de implantação dos edifícios da Misericórdia. Que relações se foram desenhando entre estes edifícios e outros edifícios notáveis da praça, nomeadamente, o edifício da Câmara Municipal e a demolida igreja de S. Miguel? Como é que o conjunto edificado da Misericórdia interveio na definição da própria praça?

É também no domínio da articulação de espaços e de volumes que se levanta o estudo dos diversos edifícios da Santa Casa. O observador comum, situado na Praça da República, será naturalmente atraído pelo corpo da igreja, em cuja

fachada se destaca o pórtico. Para a sua compreensão formal e funcional, é, no entanto, imprescindível esclarecer o lugar que o referido corpo ocupa em toda a fábrica.

De bastante interesse se nos afiguram, neste ponto, o **pátio interior**, sugestionando edifício conventual, a **casa do despacho**, muito recentemente restaurada, e o edifício adossado a sul, possível lugar do desaparecido hospital.

O conjunto edificado transmite, no seu despojamento decorativo, um rigor matemático de formas, onde se adivinha uma cultura arquitectónica, de pendor renascentista. Clareza, ordem, proporção e simplicidade, características reconhecidamente presentes no conjunto edificado da Santa Casa aveirense, constituem, afinal, traços delineadores de um "estilo chão".

Simultaneamente, a igreja relaciona-se, de modo muito claro, com as igrejas colegiais da Rua da Sofia, em Coimbra. A organização do espaço interior numa nave única, a abóbada semi-circular, de cantaria, composta por séries de caixotões, o próprio sistema de implantação do coro alto, permite situar a "nossa" igreja na mesma família de formas a que pertencem as coimbrãs igreja do Colégio de Nossa Senhora da Graça e igreja do Colégio de Nossa Senhora do Carmo.

O Padre Nogueira Gonçalves é peremptório nesta filiação ao considerar que na estrutura, composição, elementos e perfis a Misericórdia aveirense lembra as igrejas colegiais da Sofia "a que se tivessem suprimido as capelas da nave e reduzido aos elementos essenciais".² A própria autoria da fábrica aveirense, resolve-a Nogueira Gonçalves a favor de Francisco Fernandes, mestre de obras da cidade de Coimbra, também autor dos planos e construtor da igreja do Carmo. Quanto ao portal, considera-o "exemplar coimbrão da última renascença, já de influência clássica, pela adopção das fórmulas dos arcos triunfais da antiguidade".³

O **portal** levanta justamente problemas muito interessantes, quer no domínio do seu impacto sobre a praça, quer no domínio da relação com os espaços interiores, nomeadamente com o arco cruzeiro e com o altar-mor, quer finalmente na sua morfologia intrínseca. Para o tratamento destas questões, partimos do seguinte postulado: a solução do portal vai no sentido da construção de um retábulo frontispicial que, antecipando, por assim dizer, a fronteira entre o sagrado e o profano, acentua a possibilidade de franquear essa linha divisória.

Interessa, também, neste ponto, esclarecer e enquadrar esta solução no sistema, de arquitectura retabular, a uma escala regional e nacional. Nomeadamente, importa determinar o grau de originalidade que a opção da Misericórdia aveirense patenteia.

A completar esta teia de problemas, colocava-se obrigatoriamente o da autoria da traça original da igreja, questão que tem feito correr alguma tinta, gerando respostas contrárias. Não nos atrevemos, no presente estudo, a uma resposta conclusiva, se é que a há, nesta matéria. Entre a hipótese de autoria de Filipe Terzi e a de autoria de Francisco Fernandes, inclinamo-nos para esta última, justamente pela filiação que a aveirense manifesta relativamente às igrejas colegiais coimbrãs. Por outro lado, atrevemo-nos a ampliar o problema, acrescentando ao rol de arquitectos "candidatos" à referida autoria o nome de Gregório Lourenço, até à data reconhecido apenas como mestre de obras de pedraria, vindo da cidade do Porto para trabalhar em Aveiro.

DO LARGO DE S. MIGUEL À PRAÇA DA REPÚBLICA

No início do séc. XV, o primeiro sinal de transformação de Aveiro é também índice da importância crescente da vila; trata-se da construção da muralha, iniciada por impulso de D. João I, em data anterior a 1513 ⁴ e mandada

Sobre os lanços da muralha virados a norte, ficavam os postigos, apenas para serventia de peões. Ainda a norte, mas junto do canal, duas portas, a do Côjo e a da Ribeira, sendo esta a mais importante, por permitir a ligação com os bairros piscatórios do outro lado do canal. Finalmente, no lanço de oeste, ficavam a porta do Alboi e a de Rabões.

A cerca, que protegia a parte mais nobre da vila, antecipava também o crescimento urbano, incluindo áreas menos povoadas, situadas a sul e sudeste. Seria, justamente, em terrenos nas imediações do lanço sudeste da muralha, da banda de dentro, que viria a ser edificado o convento dos frades de S. Domingos, fundado pelo Infante D. Pedro, em 1423. Defronte, igualmente no interior da muralha, ficaria instalado o Real Mosteiro de Jesus das religiosas dominicanas - 1461, é a data da bula papal autorizando a respectiva fundação - aonde se recolheria, a partir de 1472, a Princesa D. Joana.

Mais próximo da ribeira, em ambas as margens, concentrava-se o maior número de fogos: na parte noroeste, a partir das marinhas de sal, habitavam os marnotos, pescadores e mareantes, associados na Confraria de Santa Maria de Sá, legalmente constituída em meados do séc. XV; do outro lado do canal, vencida a ligeira encosta que

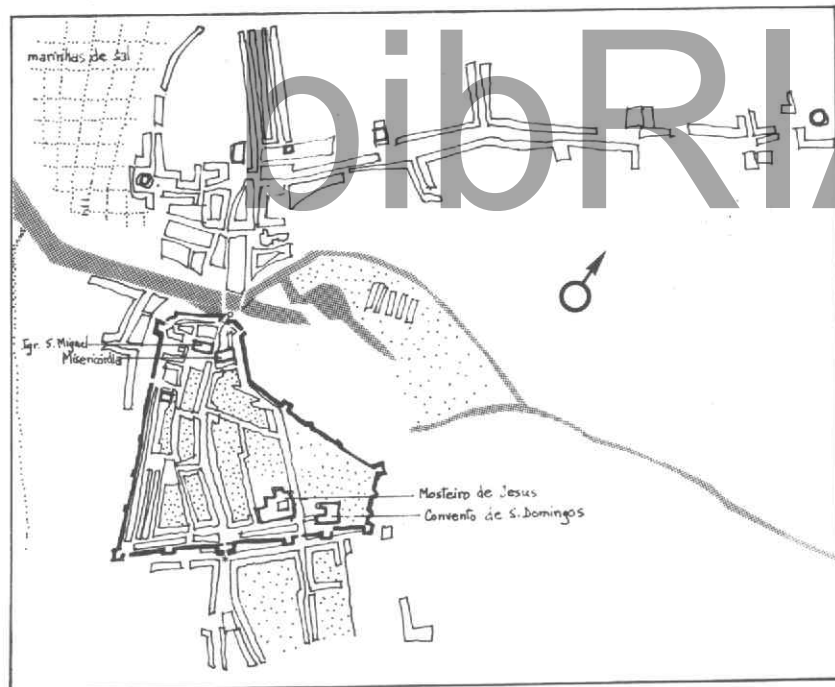
subia da porta da Ribeira, ficava a enorme e vetusta igreja de S. Miguel, verdadeiro coração do burgo muralhado.

Seria nas proximidades desta, com portal para o adro de S. Miguel, que se viria a construir, nos começos de seiscentos, a igreja e demais dependências da Santa Casa da Misericórdia. Nas circunstâncias da instalação desta, há pois que equacionar a presença "forte" da outra, mais antiga, que era matriz da vila.

Não há notícia segura sobre a data da antiguidade da igreja de

S. Miguel, nem é já possível chegar a conclusões a partir da análise do edifício, já que foi este demolido no segundo quartel do séc. XIX. As informações que Cristóvão Pinho Queimado redigiu em 1687, sob o título de **Memória sobre a**

villa de Aveiro, bem como a "Relação" das construções religiosas escrita por Fr. Félix Mendes dos Ramos no terceiro quartel do séc. XVIII, referem-se-lhe minuciosamente, sem todavia adiantar a data da fundação. Em duas vistas de Aveiro, ambas do séc. XVIII, actualmente expostas no Museu local, surge nitidamente a representação (parcial) desta nas imediações da igreja da



* - porta da Vila
o - porta da Ribeira
Planta da Cidade de Aveiro (fim do século XVIII).

continuar pelo Infante D. Pedro, a quem coube o senhorio de Aveiro. No final do século, é possível que a cerca estivesse concluída, formando um hexágono irregular, no qual se abriam oito portas e quatro postigos. A primeira porta, chamada da Vila, posicionava-se a meio do lado sudeste; sobre o mesmo lado, abriam-se, a poente, a Porta do Sol e a porta do Campo, e a nascente a porta de Vagos.

Misericórdia; ou, preferível seria dizer o contrário, isto é, que a Misericórdia surge nas imediações da igreja de S. Miguel, já que é esta anterior àquela seguramente em mais do que um século. A partir das referidas fontes escritas e destes elementos iconográficos podemos conceber com alguma nitidez a velha e demolida igreja matriz da vila, que era "colegiada com Vigário, e cinco beneficiados; hum Thezoureiro, providos todos pela Mesa da Consciência, e Ordens" (**Relação...** de Mendes dos Ramos).

Quanto ao edifício, era ele "grande, sem naves, de pedra, e cal; o tecto com forma arqueada divididos em quadros pintados de ramos azuis em madeira" (**Relação...**).

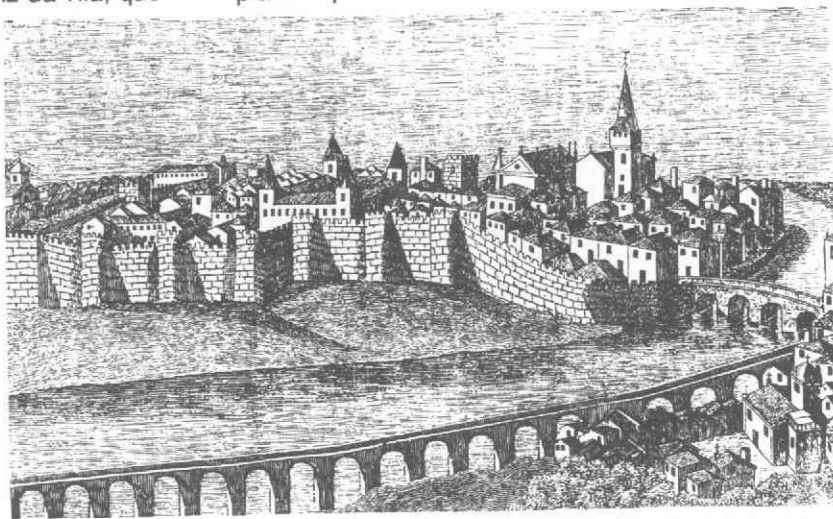
A capela-mor, pequena, de pedra e cal, com abóbada de tijolo, apresentava quatro capelas de forma arqueada, imbuídas na parede do fundo; tinha ainda uma capela do lado do Evangelho a que respondia, do lado da Epístola, a escada para o coro. Adossadas à capela-mor, por lados opostos, ficavam duas sacristias. O frontispício do arco cruzeiro era revestido de "azulejo antigo" com "hum painel de S. Miguel com moldura dourada colocado no meio" (**Relação...**). Dois altares colaterais, respectivamente do Santíssimo Sacramento, do lado do Evangelho, e de Nossa Senhora da Graça, do lado da Epístola, completavam a zona da cabeceira.

Ao longo da nave abria-se um conjunto de capelas "muito antigas e redondas entre as quaes a de S. Braz, que possuiu D. Thomaz de Noronha - a de S. Vicente que pertence aos Pinhos, e de outros morgados; tem muitos túmulos, entre os quaes sobresaem os dos morgados de Balacó que estão na sua antiga capela de arquitectura gothica do lado do evangelho. Tem esta egreja muitas inscripções gothicas, e duas inscripções de letras arábicas, uma das quaes está à entrada da porta lateral por onde se entra pelo lado do sul, todas esculpidas em pedra, e varias sepulturas muito antigas com armas, e inscripções de famílias nobilissimas" (**Memória sobre Aveiro** de Pinho Queimado). Frei Félix Mendes dos Ramos descreve-as pormenorizadamente na citada **Relação**, embora sem atender especialmente às respectivas características architectónicas.

Um dos elementos mais curiosos do edifício era a torre, adossada à zona da cabeceira, do lado do Evangelho. Frei Mendes dos Ramos descreve-a como "hua torre arruinada com relógio, trez sinos, e hua garrida" (**Relação...**). Nas vistas de Aveiro,

que atrás referimos, é ela claramente visível, apresentando varandim ameado e uma cobertura em pirâmide bastante aguda, certamente mais recente do que a própria torre.

Funcionava como um autêntico farol do burgo, cuja altura almejava vencer a extensa planície por onde corriam os esteiros e as marinhas.



Aveiro no século XVIII, com as muralhas quatrocentistas.

Ora, a implantação próxima da igreja da Misericórdia, perfeitamente visível nas gravuras, ia no sentido de ombrear, em altura, com a matriz da vila. Interpretando com alguma liberdade esta relação, podemos afirmar que era o diálogo entre o novo, representado pela arquitectura da Santa Casa e o velho, representado pela arcaica igreja de S. Miguel, que, a partir do séc. XVII, se projectava no espaço da planície. Quando em 12 de Abril de 1840, a Câmara Municipal arrematou a obra de demolição da vetusta igreja e consequente rectificação do Largo Municipal, o gesto, que estava obviamente marcado pelos decretos da década de trinta, simbolizava também a opção de preservar o novo e enterrar o velho,⁵ encerrando definitivamente o diálogo de que falamos.

Mas, voltemos atrás, a finais do séc. XV. A relação entre a Misericórdia e a matriz da vila começa no facto de a Confraria da Misericórdia de Aveiro (fundada por volta de 1499) ter estado instalada, praticamente durante um século, na capela de Stº Ildefonso que, juntamente com a capela de Santa Catarina, estava erguida no adro da igreja de S. Miguel, "ambas com porta para ella" (**Relação...**). A capela a Stº Ildefonso era edifício "de pedra, e cal, o tecto de madeira de forma arqueada" (**Relação...**), não existindo elementos seguros sobre a sua fundação e instituição.

Aberta para o adro, no lugar do actual Liceu, portanto igualmente em estreita relação com a igreja matriz, ficava a albergaria de S. Brás. Fora esta fundada, em 1457, por Fernando Brás de Agomide, contador-mor de D. Duarte e de D. Afonso V,

possuindo seis camas e dando medicamentos.⁶ Sobre esta, escreveria Pinho Queimado: "Tem anexa e vizinha da igreja huma albergaria muito boa, em que todo o peregrino por três dias se hospeda" (**Memória...**).

Parece-nos que o largo da igreja de S. Miguel constituiu, pois, já desde o séc. XVI, a matriz ordenadora do urbanismo da vila de Aveiro. Especialmente significativa é a posição do largo no principal eixo de circulação a atravessar a área muralhada do burgo, constituído pela "Rua Direita" e pela "Rua da Costeira", que uniam a "Porta da Vila" à "Porta da Ribeira"; ora, o largo de S. Miguel situava-se (e situa-se) justamente no fim de uma das ruas e no princípio da outra.

O crescimento populacional da povoação, relacionado com as condições transitoriamente⁷ favoráveis de navegabilidade na zona da barra e nos canais da laguna, obrigaria à divisão da única freguesia em quatro freguesias: a de S. Miguel (que conservava, pois, o nome da primitiva), a do Espírito Santo, a de Nossa Senhora das Candeias (depois, de S. Gonçalo) e a da Vera-Cruz,⁸ isto em 1572, sob impulso do Bispo de Coimbra, D. João Soares.

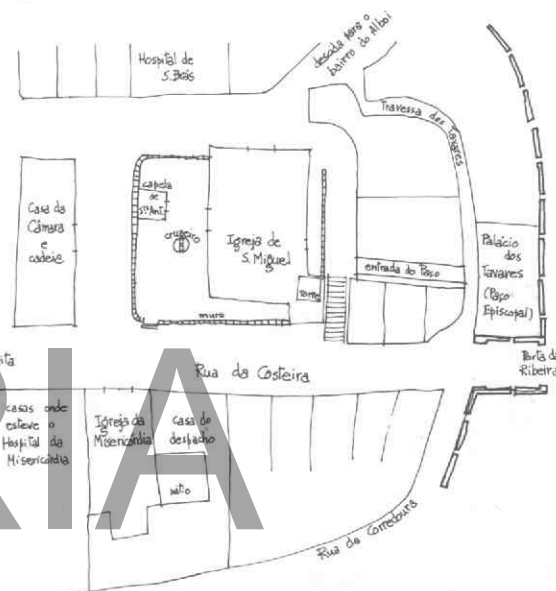
Em 8 de Agosto de 1599, o provedor da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro, Pedro de Tavares, recebeu de Filipe II um subsídio proveniente dos crescimentos da renda das entradas desta vila, para ajudar à edificação de uma nova casa.⁹ Um ano depois, iniciou-se a construção. Enriquecia-se, assim, o largo de S. Miguel com um edifício de arquitectura nova, cujo grau de inovação seria acentuado, em meados do séc. XVII, com a aposição do portal que hoje lhe conhecemos.

O passo seguinte na transformação urbanística deste espaço aconteceu nos finais do séc. XVIII, com a construção de nova Casa da Câmara e cadeia no flanco sudoeste do adro de S. Miguel. Aveiro fora elevada a cidade, em 1759, na sequência da condenação do duque, D. José de Mascarenhas, implicado no atentado régio; ora, reunida a população e os diversos poderes instituídos na igreja de S. Miguel, em 6 de Janeiro de 59, "depuseram um protesto solene contra aquele atentado, declarando que não queriam que esta povoação continuasse sob a tutela de donatários mas que desejavam que ficasse imediatamente sob o governo de D. José I, a quem prestaram juramento de fidelidade".¹⁰ O novo edifício dos Paços do Concelho, concluído em 1797, viria assim coroar, da melhor maneira, esta promoção. A frontaria do edifício desenvolve-se em 3 planos, divididos em 5 sectores por pilastras de feição toscana. Destaca-se, sobre o plano superior, a torre. O piso térreo funcionava, primitivamente, como cadeia, podendo os presos assistir aos ofícios divinos na capela defronte, situada no extremo sul do adro de S. Miguel. Na **Relação...**, Frei Félix

Mendes dos Ramos refere-se a esta capela nos seguintes termos:

"A capela de S. António dos Prezos cita de frente da cadeia desta cidade, no adro da Paróquia he dedicada ao mesmo Sancto: não consta da sua instituição; he de pedra e cal o tecto de aboboda arqueada com porta da mesma largura, e altura p^a poderem os prezos ouvir missa todos os domingos, e dias sanctos, e esta de esmola de cento e vinte reis, que por obrigação manda dizer a confraria do Santíssimo Sacramento da freguesia d'Presentação desta cidade, p^a o que tem hu legado importo na dira Confraria, que satisfaz esta obrigação".

No seu conjunto, o largo de S. Miguel não foi certamente até ao séc. XIX a praça desafogada que hoje conhecemos.



Planta do Centro Cívico de Aveiro (fim do séc. XVIII)

Como já referimos, este espaço, por assim dizer, ainda atravancado, seria transformado numa moderna Praça, no segundo quartel do séc. XIX. Transformação alcançada à custa da demolição da igreja de S. Miguel e da capela de Santo António, como consta na condição primeira do auto de arrematação da obra:

"O arrematante receberá toda pedra extraída das ruínas do edifício demolido e bem assim da capela de Santo António, excepto o cruzeiro e a pedra que se acha à porta do teatro".

Ficou ainda encarregado o arrematante, na circunstância, o aveirense Simeão Ribeiro de Paula, de reparar "ruínas de muros, guardas, escadas e diferença de nivelamento" (**Auto de arrematação...**), bem como obrigado a proceder à transladação das ossadas para o novo cemitério.

Também em meados do século passado, dois novos edifícios, alinhados, estabeleciam definitivamente o limite poente da Praça: trata-se do edifício do Liceu, mandado construir em 1855 e concluído em 60, e o Teatro Aveirense, cuja

construção principiou em 1857. Já mais próximo do fim do séc. XIX, a estátua de José Estêvão era colocada no exacto local da desaparecida igreja de S. Miguel.

A última grande transformação operada na Praça da República teve lugar em consequência do novo plano director da cidade, implementado a partir dos anos sessenta deste século. Na prática, foram demolidos um conjunto de prédios a norte e noroeste, de modo a abrir ao canal central um espaço, até então contido. A opção, que nos parece interessante, sobretudo no sistema de terraços sugestionando varandas sobre a ria, é menos agradável na arquitectura do edifício do turismo que fecha (ou melhor, que deixa de fechar) a Praça, a norte.

Vimos, pois, como é que as novas

instalações da Santa Casa foram implantadas neste espaço. Podemos ainda acrescentar que as inevitáveis transformações que o antigo largo de S. Miguel foi sofrendo até chegar à actual Praça da República, transformações de que fizemos rápida resenha, não afectaram a qualidade arquitectónica da Misericórdia. Há, naturalmente, variações do impacto visual de uma peça como o pórtico da igreja. A sua leitura altera-se consoante, por exemplo, a possibilidade de recuo do observador. É possível que, no antigo largo, a fachada da Misericórdia parecesse mais surpreendentemente imponente; hoje, a possibilidade de a olhar desafogadamente de pontos mais longínquos, combinada com a nova escala da Praça, fazem-na "ganhar" tranquilidade visual.



Aspecto da Praça da República. Os edifícios do fundo foram demolidos em 1964. (Fot. de 1963). Retirado de "Cat. da Expos. de Ant. Graça - Aveiro Antigo; C. M. A., 1984.

A SANTA CASA DA MISERICORDIA DE AVEIRO

O Novo Programa Assistencial

Com o advento da Idade Moderna, iniciou-se um novo período na história da assistência, marcado por um assinalável esforço organizativo vulgarmente entendido como centralizador. Em lugar de centralização é preferível falar em padronização, já que não competiu à Coroa a direcção das novas instituições assistenciais, mas sim a definição dos modos de organização e funcionamento.

A fundação das Misericórdias e o estabelecimento dos Hospitais Gerais constituíram os dois vectores da remodelação assistencial, promovida no séc. XV. Não significa isto que a assistência fosse inexistente até então, mas tão só que, por um lado devido ao declínio moral das ordens religiosas, por outro devido a uma contradição entre o pulular das fundações medievais e a escassez de recursos, se tornava necessário reequacionar todo o programa assistencial. A partir da aceitação do Papa Sisto IV do programa reformador de D. João II, iniciou-se neste reinado o movimento de fundação de Casas da Misericórdia e de Hospitais Gerais. É assim que, em 1485, a Rainha D. Leonor fundou o Hospital das Caldas, pedra fundamental na seguinte implementação daquele programa. Em 1491, surgiu, em Lisboa, o Hospital de Todos os Santos, e, em 1498, também na capital, passou a existir a Confraria da Misericórdia. O movimento de fundação de Misericórdias alastrou por todo o país alcançando a vila de Aveiro provavelmente no começo de quinhentos. D. Manuel manteve, pois, esta política, de criação de uma rede assistencial nacional. Em 1514, foi emanado o "Regimento das Capelas e Hospitais", e 1519 foi a data da concessão régia de estatutos próprios à Misericórdia aveirense.

Cada confraria devia possuir Igreja, Hospital e a "Casa do Despacho". Na composição da confraria mantinha-se um equilíbrio entre nobres e oficiais. Quem a governava era uma "Mesa" administrativa constituída por doze confrades, pertencendo a direcção a um Provedor, da classe da nobreza, eleito anualmente.

A Confraria da Misericórdia aveirense começou por funcionar na Capela de St^o Ildfonso, que estava talvez adossada à igreja de S. Miguel, seguramente no adro da mesma; a albergaria de S. Brás, criada ainda segundo o modelo assistencial medievo, servia certamente de Hospital.

Francisco Ferreira Neves, que pesquisou o Arquivo da Misericórdia, considera difícil reconstruir os primeiros decénios de vida da Confraria aveirense, já que, no respectivo acervo, não existem livros e documentos anteriores ao ano de 1584,

com excepção de uma provisão do Cardeal D. Henrique de 1565 e documentos sobre legados depois de 1573; "A falta de livros e documentos já se verificou em 1813, quando se fez o inventário geral do dito arquivo. Em virtude disto, só se toma conhecimento dos provedores da Misericórdia de Aveiro a partir do ano de 1584. O provedor conhecido mais antigo é Gonçalo Esteves (1584/1585), juiz de fora da vila de Aveiro que aqui se salientou muito nos acontecimentos de 1580, por morte do Cardeal-Rei D. Henrique." ¹¹

AS NOVAS INSTALAÇÕES

As primeiras informações seguras começam, pois, no ocaso do séc. XVI e princípios do séc. XVII. Ora, é justamente neste período que os confrades aveirenses decidiram arrancar com a construção de novas instalações. Já nos referimos atrás à mercê de quatro mil cruzados que Filipe II fez à Misericórdia de Aveiro, para se fazer nova casa; Pedro de Tavares, o 16^o provedor contado a partir de 1584, recebeu o donativo no dia oito de Agosto de 99. Os preparativos para a construção iniciaram-se imediatamente.

Do Livro do dr^o: e gastos da nova casa da Misericórdia do anno de 1599 (...) constam uma série de pagamentos realizados ainda durante o mês de Agosto. A referência a Mestre Gregório Lourenço repete-se por diversas parcelas, em termos semelhantes: "Pag(ueis a gregorio lourenso mestre q(ue) veio chamado mil quatrocentas e corenta t(amb(em) cõ a cavalgadura,¹² "feria de doze dagosto"... "o mestre Gregorio Lourenso quatro dias cõ o caminho cavalgadura e barquo mil duzentos e cinquenta".¹³

Gregório Lourenço era mestre de pedraria na cidade do Porto tendo vindo repetidamente a Aveiro ainda em 1599. Por que razão? Duas respostas são viáveis:

- procurava o construtor determinar com exactidão as condições e implicações da empreitada (lembramos, por exemplo, que, por efeito das marés lagunares, os terrenos em algumas zonas de Aveiro são movediços), bem como proceder às indispensáveis demolições;

- procurava adaptar e precisar debucho anteriormente feito, provavelmente por outro arquitecto.

A "obrigação" com ele estabelecida pela Mesa da Santa Casa permite-nos resposta afirmativa à primeira, mas não à segunda, sobretudo no que concerne à autoria da traça da igreja. Aí se escreve nomeadamente:

"pera consertarem com elle sobre a ver se mestre das obras da casa nova da M(isericord)ia desta villa que ora se comesa nella"; adiante - e é neste ponto que a questão fica por esclarecer -

acertaram com ele "do q(ue se lhe (h)avia de dar p(ara) as(s)im ser mestre das ditas obras e as fazer pella traza q(ue) tem feita".

Tem-se manifestado a tendência para interpretar esta passagem como a confirmação de que o autor dos planos da igreja da Misericórdia é outro arquitecto. Mas, sabendo nós que Gregório Lourenço esteve na vila de Aveiro desde Agosto de 99, não nos repugnaria considerá-lo autor da traça da mesma. Teria sido esta desenhada sobre debuxo anteriormente feito? É provável que sim. O problema transfere-se então para a atribuição da autoria de tal debuxo.

Marques Gomes, nos finais do séc. XIX, adiantou o nome de Filipe Terzi, em termos "perturbadores", já que nunca se encontrou confirmação arquivística de lhe pertencer a autoria dos planos da Misericórdia aveirense. Parece-nos, no entanto, importante reflectir sobre algumas das afirmações daquele estudioso:

"Havia porém anos já que a ideia da nova casa era o pensamento constante das mesas suas administradoras. O seu provedor Henrique Esteves da Veiga ao mesmo tempo que, em 1585, diligenciava obter do rei um subsídio para a obra, alcançava do grande arquitecto do tempo, o italiano ao serviço de Portugal, Felipe Tércio, o debuxo da igreja que se pensava construir e pelo qual pagou a este sete dias de trabalho à razão de 1\$00 reis cada um. O subsídio desejado, quatro mil cruzados dos sobejos do cabeção das sizas da vila de Aveiro e seu termo, pagas anualmente, foi concedido por Filipe II em 1598. Em Agosto de 1599, recebeu-se o primeiro dinheiro e logo em Outubro seguinte a Mesa mandou aqui chamar o mestre Francisco Fernandes, de Coimbra, para dar parecer sobre a escolha do terreno e levantar as plantas para construção do edifício que Tércio anos antes delineara. Da direcção dos trabalhos, que só vieram a principiar em 2 de Julho de 1600, ficou encarregado o mestre Gregório Lourenço, do Porto executando as indicações que Felipe Tércio e Francisco Fernandes deixaram".¹⁴

A minúcia de dados indica, na verdade, uma recolha documental que infelizmente Marques Gomes não apresentou. Por isto mesmo, se tem posto em causa a associação de Filipe Terzi à igreja da Misericórdia aveirense. Extraímos este texto de artigo assinado por Alberto Souto, onde este, embora admitindo a referida associação, inaugura, por assim dizer, a suspeita de inverdade; escreve este estudioso:

"Não me repugna acreditar que a igreja e sua formosa fronteira sejam de Terzi. O Sr. Dr. João Barreira em carta que há anos me escreveu sobre o problema, admite também a possibilidade dessa autoria, mas faz alguns reparos, pois detalhes há, que são um tanto estranhos à maneira do arquitecto italiano".¹⁵

O Padre Nogueira Gonçalves, no vol. VI do **Inventário Artístico de Portugal**, que já citámos no capítulo precedente, não desenvolve a hipótese de Terzi ter estado envolvido nos planos da Misericórdia aveirense, deixando para Francisco Fernandes a autoria daqueles e para Gregório Lourenço a sua execução.

Francisco Ferreira Neves, que à Misericórdia de Aveiro dedicou diversos e esclarecedores estudos, veio, mais recentemente, em defesa da tese de Marques Gomes. No artigo "A Igreja da Misericórdia de Aveiro - o arquitecto e engenheiro militar Filipe Terzi ao serviço de Portugal (1577-1597)", publicado no **Arquivo do Distrito de Aveiro**, Ferreira Neves começa por fazer uma esclarecida resenha do que se tem escrito sobre a questão da autoria da traça da igreja; afirma, nomeadamente:

"O facto de não ser actualmente conhecido o documento que mostre expressamente ter sido Filipe Terzi o autor do projecto da igreja da Misericórdia de Aveiro não prova que tal documento não exista ou não tenha existido e que não tenha sido examinado por Marques Gomes".¹⁶

Ferreira Neves faz, pois, fé nas afirmações de Marques Gomes, até porque este "apresenta um conjunto de pormenores que obrigam a crer na sua afirmação relativamente a Terzi".¹⁷ Assim, escreve Ferreira Neves:

"Podemos admitir sem dificuldade que Filipe Terzi tenha aceite o encargo de fazer o projecto da igreja da Misericórdia de Aveiro em 1585 a pedido do provedor Henrique Esteves da Veiga. Com efeito, este era um fidalgo de grande categoria, e de grande influência pessoal e política. Ele tinha sido eleito procurador por Aveiro às Cortes de Almeirim de 1580, onde advogou as pretensões de Filipe II de Espanha à coroa de Portugal".¹⁸ Assim, pode-se admitir, sem dificuldades, que o provedor Henrique Esteves da Veiga cultivava o tipo de contactos que lhe permitiriam obter os serviços de Terzi.

A culminar esta hipótese - ou melhor, a iniciá-la, já que, numa sequência temporal, é ela a primeira - surge a referência de Pinho Queimado na sua **Memória da Vila de Aveiro**; escreveu ele, em 1687:

"Em todo o reino não ha igreja da Mizericordia, que iguale a desta villa pela sua magestade, e belleza, foi riscada por um architecto florentino".

É certo que Terzi não era florentino, mas sim italiano de Bolonha. No entanto, a confusão aceita-se, sobretudo se tivermos em consideração a popularidade da imagem de Florença renascentista. Por outro lado, não devemos escamotear a proximidade cronológica de Pinho Queimado relativamente à construção da Santa Casa de Aveiro, o que acentua o grau de

verosimilhança da atribuição da autoria dos planos ao mestre italiano.

Em suma, parece-nos legítimo considerar como facto histórico a consulta que os confrades da Misericórdia aveirense fizeram ao Mestre de todas as obras régias, o italiano Filipe Terzi, através do seu provedor Henrique Esteves da Veiga. Não nos parece, no entanto, que deste contacto tenham resultado os planos da Santa Casa aveirense. A quem cabe então a respectiva autoria? Neste ponto, inclinamo-nos a favor da tese de Nogueira Gonçalves, que aponta Francisco Fernandes como o autor da igreja, excluindo o portal, embora este também de escola coimbrã.

Porquê esta inclinação?

Sobretudo pela semelhança morfológica que a aveirense tem com as igrejas colegiais da Rua da Sofia, nomeadamente com a igreja do Carmo, desenhada por Francisco Fernandes, semelhança que adiante trataremos com maior detalhe. No entanto, na pesquisa (ainda incompleta) que realizámos no arquivo da Misericórdia de Aveiro, não encontramos referência ao nome deste arquitecto, o que não é de admirar, tendo em conta o extravio dos documentos mais antigos.

Por outro lado, considerando a presença em Aveiro do mestre de pedraria Gregório Lourenço, bem antes do início da obra - isto efectivamente registado no **Livro de Obras** de 1599 - enunciamos a hipótese de o construtor portista ter desempenhado papel mais importante do que o de mero executor de planos alheios, talvez redesenhando debuxo ou debuxos de outro, ou outros arquitectos.

Portanto, começaram as obras de edificação das novas instalações - Igreja e Casa do Despacho - no ano de 1600, quando Pedro de Tavares era o provedor da Misericórdia de Aveiro. No citado **Livro de Obras**, constam diversos pagamentos feitos a mestre Gregório Lourenço, bem como a Brás Simões, "pedreiro", a Manuel de Ansam, a Fernão Lopes, a Pantaleão Pereira, a Jorge Afonso e a um "francês". É curioso que, pelo menos dois destes nomes se tenham vindo a notabilizar especialmente em obras de engenharia; foram eles: Pantaleão Pereira, que arremataria a reconstrução da ponte de Matozinhos sobre o rio Leça (1619),¹⁹ e Jorge Afonso, a quem seria atribuída a construção de duas pontes próximas de Aveiro (1616),²⁰ e outras obras hidrográficas no rio Vouga (1627),²¹ bem como a construção (e talvez concepção) da igreja de Esgueira (arrematante em 1607). Jorge Afonso teria também estado na superintendência das obras da Misericórdia de Aveiro no período compreendido entre 1607 e 1612, substituindo Francisco João que, em 1603, ocupara a posição do mestre Gregório Lourenço.

As obras da Misericórdia de Aveiro parecem ter servido de oficina onde se formou uma geração

de construtores locais, pragmáticos e competentes para resolver problemas de engenharia.

Se o conceito de "arquitectura chã" a reconhece subsidiária de técnicas de engenharia, nomeadamente de arquitectura militar, o que temos, no caso presente, é a sugestão de uma relação em sentido inverso; isto é, a experiência do fazer esta arquitectura, dominada pelos valores de ordem, simplicidade e pragmatismo - traços patentes no conjunto edificado da nova Casa - é também "escola" de engenharia.

Ferreira Neves escreve que "a Casa do daspacho e o corpo da igreja sem o portal ficaram concluídas em 1608; este portal foi terminado em 1622, como se verifica pelo letreiro "Mia 1622", em bronze, existente na parte superior da porta principal".²²

No arquivo local, encontramos um documento avulso, onde é referido a conclusão do corpo da Casa nova:

"Disem o Provedor & irmãos da Casa da Santa M(isericord)ia da Villa de Av^a q(ue) (...?) tem acabado a Casa nova da d(ita) s(anta) M(isericord)ia & feito nella seu Altar com a prefeição q(ue) se requiere. Pera se poderem selebrar nella os offiços divinos (...?) determinão fazer esta coresma pello que Pedem a V.S. lhe de licença p(ara) que se possa dizer missa no (...?) Altar"; "Damos licença p(ara) se poder dizer missa no Altar como pede, & lhes quitamos o marquo de prata, que devião a nossa chancellaria. Em Coimbra, 9 de Março de (609 ?)".²³ Era, então, Pedro de Tavares quem assumia, pela terceira vez, funções de provedor.

Em 1622, foi sob a Provedoria de André Afonso Migalhas que se concluiu o magnífico portal, que Nogueira Gonçalves considera "exemplar coimbrão da última renascença, já de influência clássica, pela adopção das fórmulas dos arcos triunfais da antiguidade".²⁴

A nova capela-mor começaria a ser construída já ultrapassado o meado do século, segundo risco de Manuel de Azenha, natural de Ançã; em 1653, ficava concluída.

Este intervalo de tempo, de mais de um quarto de século, que separou a finalização do pórtico, do começo da capela-mor, deveu-se, talvez, a dificuldades financeiras, reflexo de uma recessão nas condições económicas de Aveiro.

Para avaliarmos esta recessão torna-se necessário saber que, durante o primeiro quartel de seiscentos, entraram na barra de Aveiro cerca de trezentos navios ingleses, franceses e holandeses; de 1624 a 1683 o movimento da barra decresceu bastante, provavelmente devido a alterações nas condições de navegabilidade.²⁵ Magalotti, o relator da viagem do Duque Cosme de Médicis por terras de Portugal, em 1668, referiu-se assim à vila de Aveiro: "É questa terra assai grande, ma a porporzione pochissimo abitata,

essenso a fatica 200 fuochi in 500 case che vi si contano".²⁶

Temos pois que, em meados do séc. XVII, à Misericórdia de Aveiro faltariam instalações hospitalares condignas, à altura da qualidade dos outros edifícios. E escasseavam sobretudo os meios para as conseguir. Provavelmente, era ainda a albergaria de S. Brás que fazia as vezes de hospital.

O testamento da senhora aveirense D. Isabel da Luz de Figueiredo veio prover a Santa Casa dos meios necessários para a construção do referido hospital. Assim, por volta de 1685, os mesários mandaram-no edificar junto da igreja. Acerca da sua localização exacta, não encontramos referências seguras. É possível que, no início o hospital estivesse instalado nas traseiras da igreja, com porta para a Rua da Corredoura. Depois, em momento incerto, as necessidades de ampliação obrigaram a aumentá-lo e/ou transferi-lo para prédio na Rua Direita, sobranceiro à Praça da República, hoje ao serviço da Câmara Municipal de Aveiro.

Com o correr dos anos, diversas foram as obras de beneficiação dos edifícios, porventura nem sempre orientadas na melhor direcção. Referimo-nos concretamente ao revestimento azulejar da fachada, promovido durante o séc. XIX. Também a entrada para a igreja tem sido alterada com o correr dos tempos, em qualquer dos casos segundo soluções que nos parecem aceitáveis. Nota positiva tem a recente recuperação da Casa do Despacho, nomeadamente a parte do madeiramento do tecto.

A Santa Casa da Misericórdia de Aveiro apresenta um conjunto edificado, em que os valores estéticos andam associados a exigências de racionalidade e funcionalidade.

ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

Uma das principais questões que se punha na construção de um conjunto com a natureza e as finalidades da Santa Casa dizia respeito ao modelo de articulação dos diferentes espaços.

Havia que encontrar um plano de relações espaciais entre as três vertentes da assistência, a saber:

- a componente religiosa, que tinha na igreja a sede própria;

- a componente higiénica, que era realizada no hospital;

- e os serviços de governação de todo este sistema, cuja cabeça era a Casa do Despacho.

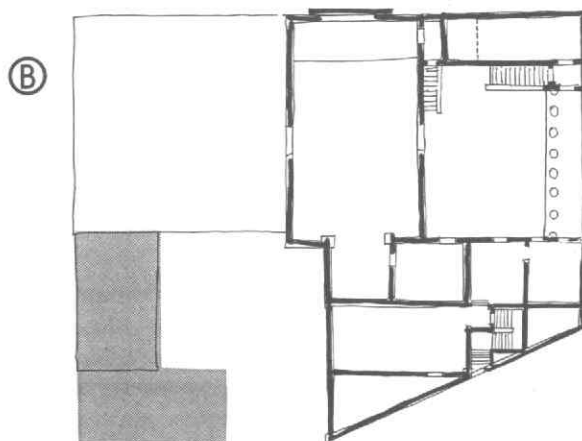
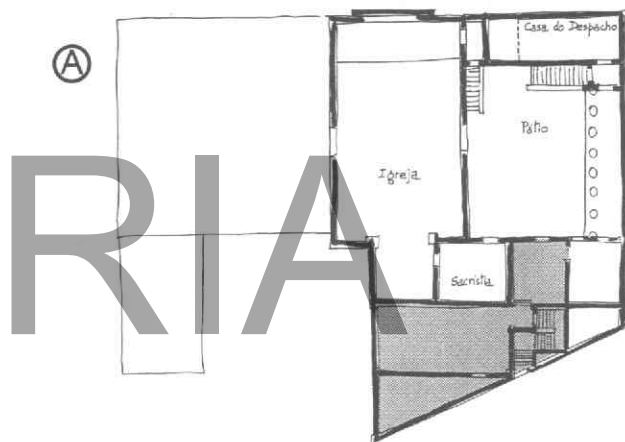
É, por enquanto, difícil determinarmos com objectividade as preocupações manifestadas na distribuição estrutural destes três sectores, uma vez que nos faltam dados mais seguros acerca da implantação da parte hospitalar.

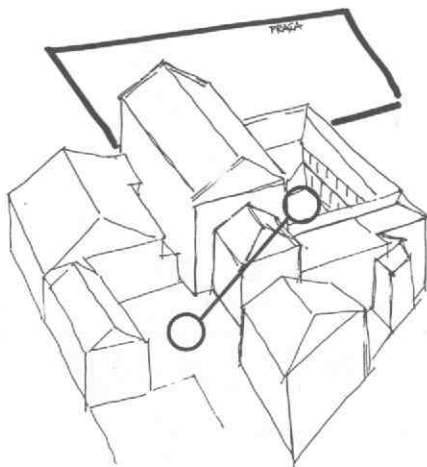
Ressalta no conjunto o posicionamento do pátio interior, a céu aberto, com acesso para a rua através de passagem sob a Casa do Despacho,

com ligação à igreja por uma das duas portas laterais, fechado a noroeste por uma galeria de dois andares, e permitindo acesso à sacristia, ao coro alto e às dependências das traseiras. Trata-se de um espaço de ligação, de circulação, que não exclui um certo recolhimento.

Podemos, pois, afirmar que o pátio da Santa Casa da Misericórdia desencadeia, num movimento centrífugo, uma lógica ordenadora do espaço, oferecendo-se simultaneamente, num movimento centrípeto, como ponto de confluência das diversas dependências assistenciais.

Relativamente ao hospital, sabemos, como já foi dito, que, por volta de 1685, ele foi instalado nas traseiras da igreja, isto é, na vizinhança da capela-mor, com porta para a Rua da Corredoura; não possuímos, porém, elementos sobre a sua exacta localização. São, portanto, conjecturais as hipóteses que adiantamos sobre esta matéria.





Vejamos:

A ter-se verificado a sua instalação nas traseiras da sacristia e da capela-mor, como vem indicado no desenho =A=, continuaria a destacar-se a relação com o pátio anteriormente descrito.

Por outro lado, a ter-se verificado a sua instalação primitiva no edifício a sudeste (desenho =B=), haveria a sugestão de um segundo pátio (efectivamente existente no local) simétrico ao primeiro segundo uma diagonal; neste caso, a igreja passaria a funcionar como eixo ordenador, permitindo acesso à zona do hospital pela porta do lado da Epístola, e à zona dos serviços de administração pela porta do lado do Evangelho. Numa segunda fase, o hospital teria sido ampliado em direcção à Rua Direita, pela construção ou adaptação de prédio, hoje ainda existente e, como se disse, ao serviço da Câmara Municipal.



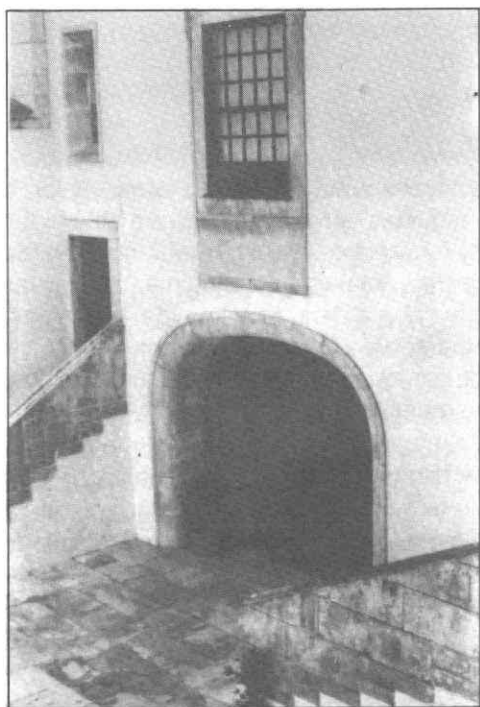
Pátio da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro.

Portal lateral da igreja.

Lanço de escadas exteriores de acesso ao coro alto.

Passagem, sob a Casa do Despacho, de acesso ao exterior.

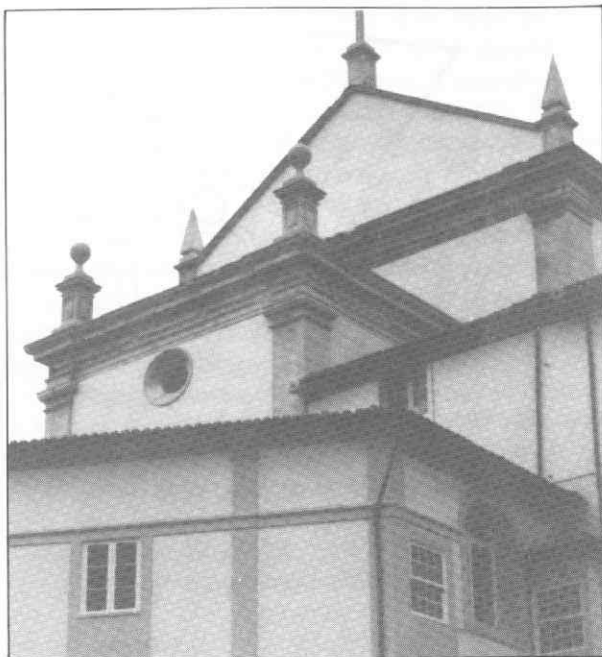
Galeria.



A IGREJA DA MISERICÓRDIA DE AVEIRO

Pinho Queimado escreveu que, em todo o reino, não havia igreja da Misericórdia a igualar, em beleza e majestade, a da vila de Aveiro. Mais tarde, na **Relação (...)** das construções religiosas aveirenses remetida ao bispado de Coimbra, Fr. Félix Mendes dos Ramos, seu autor, refere-se-lhe nos seguintes termos: "A igreja da Mizericordia he edificio sumptuoso de pedraria, seu tecto da mesma arqueado, e quartejado; cuja instituição, e completo estabelecimento, que consiste em rendas de bens imóveis, não pude saber; mas só que dão comprimento a muitos legados, de que, dão contas ao Provedor da Comarca: está decentemente, e com aseio paramentada com paramentos de todas as cores, calices, patenas, galhetas, missaes, toalhas, corporaes, bolsas, e sanguinhos; tudo perfeito".

No conjunto edificado da Santa Casa aveirense, a igreja, pela sua majestade essencial, ocupa posição nuclear. Vimos que, a ter-se verificado o programa representado pelo desenho B, ela se posicionaria no eixo do sistema das relações funcionais entre os diversos corpos. Em qualquer dos casos, a igreja era, e é, a peça dominante nas relações da Santa Casa com o envolvimento urbanístico. No plano religioso,



chegou a ser Sé Episcopal, de 1775 a 1822. No plano arquitectónico, a sua presença impunha-se sobretudo graças ao concurso de dois aspectos:

a "desmesurada altura",²⁷ a que já nos referimos, e o pórtico, integrado numa tipologia retabular, que analisaremos adiante.

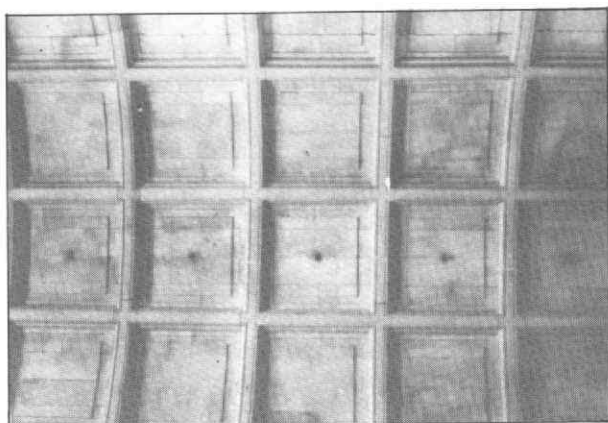
O exterior impressionaria pela simplicidade matemática, porventura mais flagrante quando apreciada pela banda da Rua da Corredoura (actual R. do Batalhão de Caçadores 10). A ordem e a austeridade da peça, associadas a um grande sentido pragmático e de integração no conjunto, que procurámos analisar no ponto anterior, inscrevem-na, na nossa perspectiva, numa arquitectura chã.

Basicamente, a igreja é constituída por dois volumes paralelepípedicos, o maior correspondendo ao corpo e o mais pequeno à capela-mor. Em ambos, os cunhais estão trabalhados como pilastras toscanas, sobre os quais correm cimalkhas adinteladas. Sobre cada beirado do corpo maior, a partir das esquinas, erguem-se quatro pirâmides embasadas, num ritmo regular, quebrado, no lado esquerdo, pela presença da sineirita. Nas duas esquinas da capela-mor, em vez de pirâmides, existem bolas sobre plintos. Os alçados do corpo maior são rematados por frontões triangulares com cruzes nas empenas.

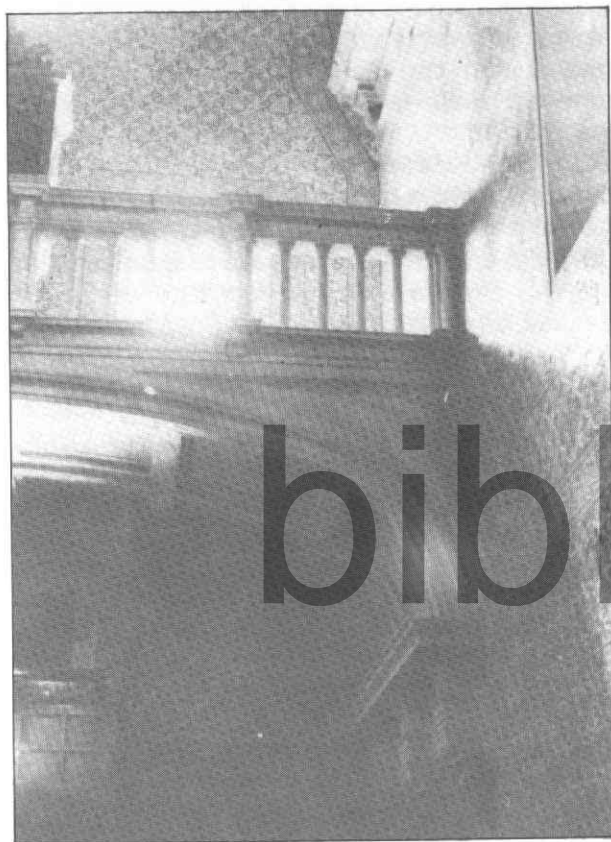
No interior, a igreja apresenta uma única e ampla nave, sem capelas laterais, com cobertura de abóbada de berço, toda em pedra da região da Ançã, e assenta sobre o entablamento denticulado com ressaltos sugestionando mísulas, que corre por todo o perímetro; a abóbada, por sua vez, está dividida em onze séries de sete quartelas.

Sensivelmente a meio da nave, abrem-se duas portas, iguais e muito bem lavradas, das quais,





Quartelas da abóbada da nave.



O coro alto sobre abóbada de arco abatido, com elegante balastrada.

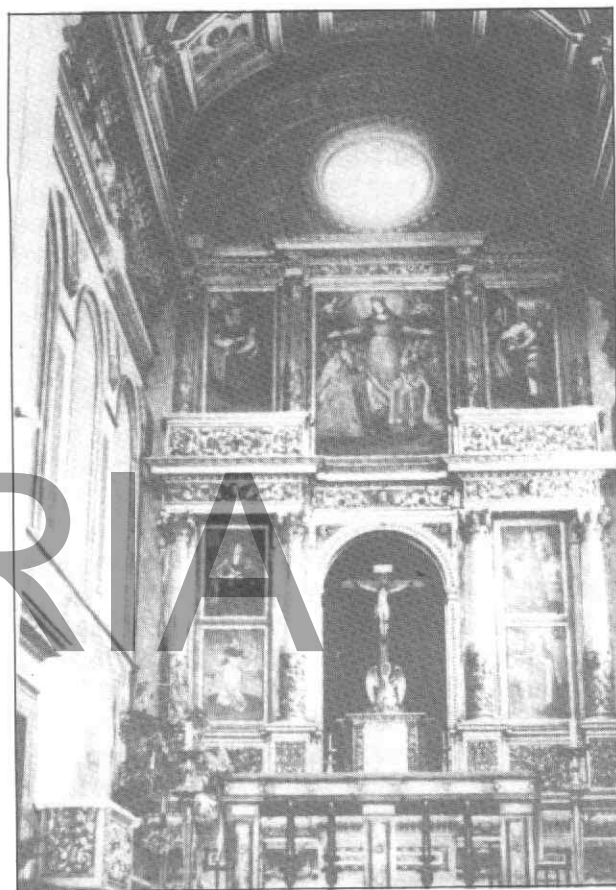
a do lado do Evangelho dá acess ao pátio. Exteriormente, estas portas são enquadradas por pilastras de feição dórica, sobre as quais acenta um entablamento decorado com métopas e triglifos, encimado por frontão curvo, de tímpano liso.

A igreja apresenta coro alto, sobre abóbada de asa-de-cesto, arrancando de cornija saliente que coroa um entablamento ritmado em três vãos, apoiado por misulas. A dita abóbada é dividida em duas séries de sete quartelas. O coro é superiormente definido por elegante balastrada ritmada em cinco séries de quatro balaustres de vulto pleno ladeados por dois adossados. Liga-se à Casa do Despacho graças à serventia do pátio, a que antes nos referimos.

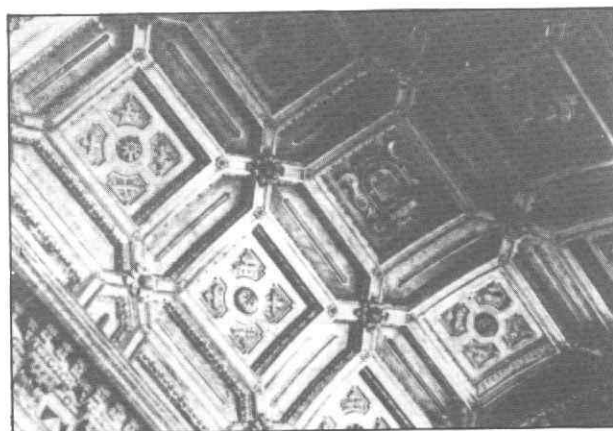
Estes aspectos permitem inscrevê-la na tipologia das igrejas das Misericórdias nacionais.

Por outro lado, a solução da capela-mor, com profundidade ligeiramente superior à largura, afasta-a desta tipologia, que é a das igrejas de topo plano, com três altares justapostos.

Todavia, quando, por volta de 1609, o templo ficou concluído, a solução apontava neste sentido. A demonstrá-lo existe um requerimento no Arquivo da Misericórdia, que já citámos anteriormente, no qual o provedor e demais confrades dizem ter "acabado a Casa nova da d(ita) s(anta) M(isericórd)ia & feito nella seu Altar com a prefeição



Capela-mor da igreja da Misericórdia.



Pormenor da abóbada, vendo-se a representação do escudo régio no quartão central.

q(ue) se requiere". Portanto, é possível que não tenha sido apenas por razões financeiras (como no capítulo precedente sugerimos) que se iniciou a construção da capela-mor somente em 1651, mas também por efeito de outros ventos estéticos. O novo programa, de orientação barroca, posto em prática por Manuel de Azenha, natural de Ançã, contou com as contribuições de Bartolomeu Fragoso, mestre das obras do retábulo, Domingos Alves, João Fernandes e Francisco Roiz, entalhadores, João da Mota, marceneiro, Francisco da Rosa, carpinteiro, e João Dias, "mestre".²⁸

Parece-nos que a capela-mor apresenta planta quadrada. O alçado é mais baixo do que o do corpo da igreja. Sensivelmente a dois terços da altura, apresenta frisos e cornijas ressaltadas muito decoradas. Destas arranca a abóbada de canhão como a da nave, mas bastante mais rica, formando três séries de cinco quartões. O quartão do meio é dominado pela representação do escudo régio, enquadrado por cartela barroca. Na parede, do lado do Evangelho, rasga-se uma porta de acesso à sacristia, a que corresponde, do outro lado, uma porta em "trompe l'oeil", integrada em pintura do séc. XVIII.*

Também o dourado do retábulo do altar-mor data de setecentos, sendo a sua construção anterior, do terceiro quartel do séc. XVII. Marques Gomes informa que, por deliberação da Mesa, de 10 de Agosto de 1653, houve a preocupação de seguir a traça do pórtico da fachada.²⁹ Com efeito, é ele estruturalmente idêntico ao pórtico: desenvolve-se em dois andares, numa relação de 4:3, e em três secções, definidas por colunas coríntias. O segundo plano é dominado pela representação central da Nossa Senhora da Misericórdia. Esta pintura segue o modelo das "Misericórdias" - composição simétrica, o manto da Virgem aberto por dois anjos, de um lado abrigando os nobres, do outro clero - tal como o encontramos nos retábulos em pedra da igreja da Varziela e no da igreja paroquial de Cantanhede. Esta tela é ladeada por outras duas, representando a "Anunciação" e a "Visitação". No plano inferior, o sacrário está ladeado por dois pares de telas, onde estão representados St^a Ana e S. Raimundo (do lado do Evangelho) e St^o António e St^a Teresa (do lado da Epístola).

A sacristia, que dá para o pátio, apresenta também abóbada de canhão, bastante mais simples e mais baixa, formada por quatro séries de cinco caixotões. As paredes são revestidas a azulejo, proveniente de Lisboa e aplicado, em 1652, pelo mestre João Roiz.³⁰

É também do séc. XVII o revestimento azulejar das paredes do corpo e das partes livres do arco-cruzeiro; recentemente, completou-se o dito revestimento aplicando azulejos com o mesmo padrão na parede acima do coro alto. Nogueira Gonçalves considera que "aquilo que mais impressiona nesta igreja, a seguir à arquitectura, é o revestimento de **azulejos**, polícromos, dos padrões do séc. XVII e de fabrico lisbonense".³¹

Com efeito, na aplicação azulejar manifestou-se, a nível nacional, desde o começo do séc. XVII, uma intenção renovadora da própria arquitectura. José Fernandes Pereira, em artigo incluído no vol. 8 da **História da Arte em Portugal**, escreve que o azulejo se revelou "um modo de dinamizar espaços que já não correspondiam ao novo gosto em formação. Mas terá gerado, por seu turno, um discurso próprio, que progressivamente tende a impor-se".³² A Misericórdia de Aveiro é, pois, nesta matéria, exemplo da pesquisa de um sentido novo sem alterar as estruturas edificadas, à semelhança da igreja da Misericórdia de Óbidos, da igreja da Marvila, em Santarém, da igreja de Jesus, em Setúbal, da igreja do Carmo, em Coimbra, etc..

No interior da igreja, há ainda que destacar o arco-cruzeiro, concebido como um arco do triunfo, de sugestão serliana, que teria em alguns templos nortenhos, como a igreja jesuítica dos Grilos, no Porto, solução equivalente. Na Misericórdia aveirense, desenvolve-se simples até às impostas, facilitando pois a aposição dos dois altares colaterais. Erguem-se, depois, duas pilastras jónicas, decoradas, enquadrando, por fora, o arco de volta perfeita. Estas pilastras do arco-cruzeiro suportam o entablamento geral, ritmado por quatro ressaltos misulados. Acima deste, forma-se, a meio, nicho rectangular, com uma pintura representando Cristo na Cruz, enquadrado por pilastras sobre o qual corre entablamento encimado por frontão curvo interrompido; duas urnas sobre pedestais, no seguimento das primeiras pilastras jónicas, unem-se através de finas aletas contra-curvadas ao entablamento do dito nicho.

Os altares colaterais, em pedra, acomodam-se aos espaços deixados pelo arco cruzeiro. Sobre estes, escreveu Fr. Félix Mendes dos Ramos, na sua **Relação (...)**:

"Nos dous altares, q sómte. tem encostados a face do arco cruzeiro, com retabulos de pedra pintada, e dourada estão, no do lado do Evangelho a imagem do Snr Ecce-Homo de vulto inteira, e perfeitíssima, e no da Epístola a de Nossa Snr^a da Conceição de vulto inteira, e perfeita, ambas de

baixo de vidraça, e cortina". É, pois, de crer que as imagens foram trocadas depois do séc. XVIII.

Acerca da imagem do Ecce-Homo, Pinho Queimado diz ser ela "a suspensão de nacionais, e estrangeiros, que entendem de escultura, a qual foi trazida de Inglaterra, e escondida aos desacatos da heresia quando lá governava Henrique VIII, que abraçou a diabólica doutrina de um frade da ordem dos Agostinhos descalços, digo dos Agostinhos calçados, que se chamam Gracianos, o qual frade se chamava Luthéro, que depois se casou segundo dizem com uma freira professa: aquella santa imagem tem servido de modelo a outras, mas ainda não foi possível imitá-la: muitos milagres se lhe atribuem, e certamente não tem o reino outra semelhante".

A iluminação de toda a igreja é generosa, mas não excessiva: rasgam-se nas paredes da nave quatro janelas rectangulares, duas de cada lado, dispostas simetricamente; na parede da fachada principal, portanto, na zona do coro alto, abrem-se outras duas mais pequenas, rectangulares, pelo exterior, no pórtico da entrada. A capela-mor é iluminada graças ao óculo, funcionando como remate do retábulo principal, e às três janelas rasgadas na parede do lado da Epístola, a que correspondem, do outro lado, três janelas cegas.

Já noutros pontos deste estudo mencionámos certas semelhanças estruturais entre a igreja da Misericórdia de Aveiro e as igrejas dos Colégios da Rua da Sofia, em Coimbra. Para compreender cabalmente tal similitude, importa equacionar o facto de Aveiro ter estado dentro dos limites da diocese de Coimbra, desde os tempos de reconquista cristã até ao terceiro quartel do séc. XVIII; a nova divisão paroquial da freguesia de S. Miguel foi promovida justamente por D. Frei João Soares, bispo de Coimbra a partir de 1545, que esteve presente na última fase do Concílio de Trento. De resto, é de crer que Aveiro fora sensível à nova mentalidade, não só pela proximidade do renascimento coimbrão, como também pela presença no burgo de alguns notáveis humanistas, como Cataldo Sículo (c. 1490)³³ e Aires Barbosa (1530-1540).³⁴

Em 1536, rasgava-se, em Coimbra, uma nova artéria que, inspirada nos modelos urbanísticos renascentistas, propunha uma escala por assim dizer mais racional e uma ambiência mais arejada; referimo-nos à Rua da Sofia que, saindo de St^a Cruz, evolui como plataforma intermédia entre a Baixa e a Alta da cidade. Foi nesta nova artéria que se implantaram os Colégios do Carmo, da Graça e de S. Pedro, integrados na

reforma joanina do ensino e, em Coimbra, associados à reforma de St^a Cruz, da iniciativa de Frei Brás de Barros. Interessa-nos, sobretudo, esclarecer a tipologia das igrejas destes colégios, de forma a avaliar as semelhanças estruturais que a igreja da Misericórdia de Aveiro manifesta.

A primeira igreja a ser finalizada foi a do Colégio da Graça, em 1555. É esta de uma só nave, com seis capelas laterais, duas das quais servem de transepto. O coro alto ocupa cerca de dois quintos da nave, sobre abóbada de canhão, formada por seis séries de oito caixotões, de pedra. A igreja apresenta abobadamento geral, de cantaria, também semi-cilíndrico, definido, até ao arco-cruzeiro, por catorze séries de oito caixotões, e na capela-mor por quatro séries de oito. É esta da mesma largura da nave e de planta quadrada.

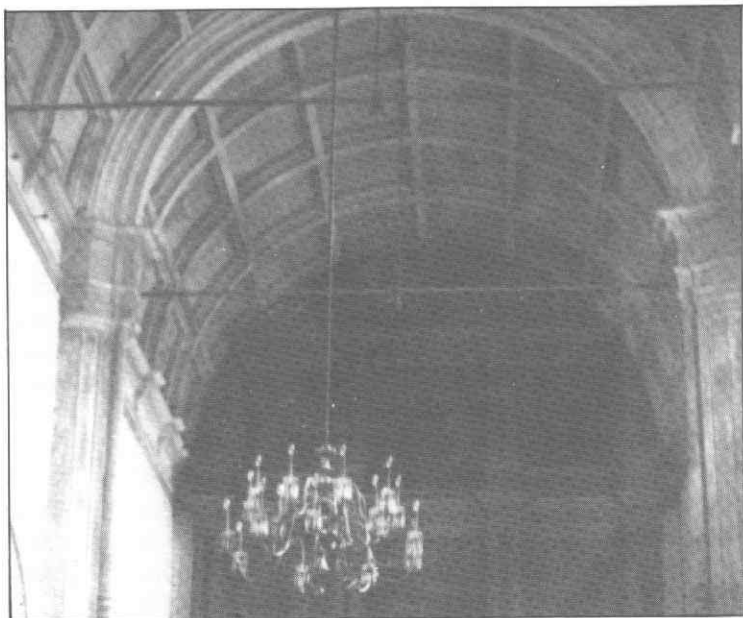
A igreja do Colégio de Nossa Senhora do Carmo data de 1597, tendo cabido a Francisco Fernandes a direcção dos trabalhos de construção e muito provavelmente os planos da mesma. Francisco Fernandes é, como já noticiámos, um dos "candidatos" à autoria do debucho da Misericórdia aveirense, cuja construção seria iniciada em 1600. Em 1605, a Câmara de Coimbra nomeá-lo-ia mestre das obras de pedraria da cidade, nomeação confirmada quatro anos mais tarde, por Filipe II. Ora, a igreja colegial do Carmo manifesta estrutura idêntica à do Colégio da Graça: nave única, com seis capelas nos flancos, duas em função do transepto; abobadamento geral; capela-mor com a mesma altura e a mesma largura da nave; arco-cruzeiro comportando-se como saliente. As diferenças mais notórias são: o ritmo das abóbadas, alcançado, na nave, por dezasseis séries de nove quartelas e, na capela-mor, por caixotões quadrados e rectangulares resultantes do agrupamento dos arcos aos pares; o coro alto sobre abóbada em arco abatido, segmentada em quartelas e lájeas decoradas.

Finalmente, a igreja do Colégio de S. Pedro, cuja construção principiou em 1621, apresenta "o mesmo esquema das outras igrejas dos Colégios vizinhos, mas mais pobre, concretamente no abobadamento que não atinge o nível da Graça ou do Carmo."³⁵

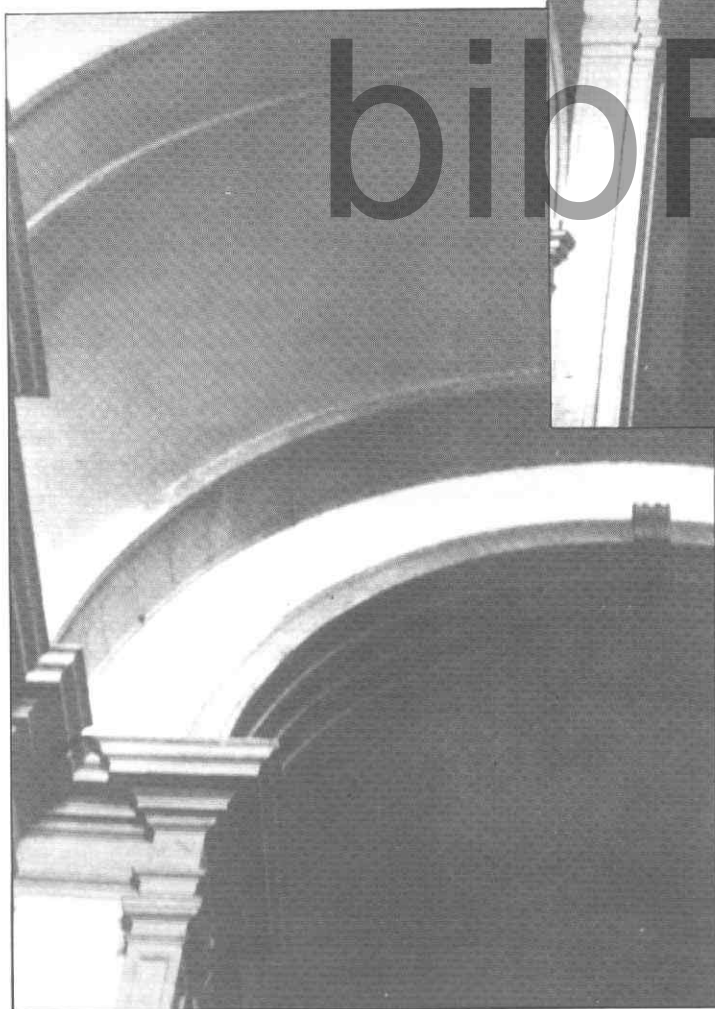
Ora, a Misericórdia de Aveiro parece ser, como a igreja de S. Pedro, uma simplificação das outras duas igrejas colegiais da Rua da Sofia. Só que, enquanto nesta a abóbada simples indica um empobrecimento extremo conjugado com dimensões mais humildes, na igreja aveirense a inexistência das capelas nos flancos parece vir acentuar o carácter majestoso do edifício.

IGREJAS COLEGIAIS NA
RUA DA SOFIA, COIMBRA

Igreja da Graça



Igreja do Carmo



Igreja de S. Pedro

O PÓRTICO RETÁBULO

No alçado poente da igreja, abre-se o pórtico principal, desenhado como um verdadeiro retábulo de pedra deslocado para o exterior, ou melhor, para o limiar do exterior. O discutível revestimento azulejar da parede, levado a cabo no séc. XIX, acentuou a independência da peça relativamente ao coro da igreja. Mas, primitivamente, a unanimidade da pedra, teria certamente produzido um diálogo mais complementar do que antitético. Diálogo, portanto, entre o pórtico e o corpo da igreja. Diálogo, também, como já aflorámos, com o interior do templo, nomeadamente com o arco-cruzeiro e com o retábulo do altar-mor, e com o exterior, isto é, com o envolvimento urbanístico, em especial, com o largo de S. Miguel, a que sucedeu a Praça da República.

O desenho do pórtico, dramatizando o acto de franquear a entrada, sublinharia o edifício no espaço urbanístico do largo/praza. Para compreender integralmente as funções do portal da Misericórdia aveirense, há, no nosso entender, que equacionar a sua presença num espaço que, como vimos, esteve desde o séc. XVI até quase ao séc. XX, saturado de referenciais religiosos, sobretudo organizados em torno da igreja de S. Miguel. O pórtico da Misericórdia, justificado, por assim dizer, num quadro de emulação, teria pois possibilitado um maior peso visual da Santa Casa no espaço "acanhado" do largo/praza.

Um outro aspecto que decorre do desenho retabular do pórtico diz respeito ao relacionamento entre exterior e interior, entre profano e sagrado.

A propósito de arquitectura retabular, Elídio Salteiro escreve que "o retábulo podendo ser uma fachada exterior no interior, com suportes para a presença constante de imagens, torna-se fachada interior aberta para um 'outro exterior', onde 'janelas' nos deixam antever essas outras realidades de um mundo pensado, reflectido e desejado".³⁶ Elídio Salteiro refere-se obviamente aos retábulos interiores, que interpreta, pois, como fachadas deslocadas para dentro do templo; ora, o retábulo frontispicial não é tanto um regresso da fachada ao "topos" legítimo, mas mais uma nova deslocação, para fora, de uma fachada transformada. Não é a fachada que recupera a sua posição, identificando-se com o alçado principal da igreja, mas sim a fachada corrigida, refeita, portadora de uma nova carga simbólica, que agora se desloca para o exterior. Por isto, ela não se pode identificar com o alçado principal, mas apenas ser-lhe adossada. Por isto, também, os retábulos frontispiciais inauguram uma outra relação entre exterior e interior, marcada por uma diferente linha divisória e por uma teia mais ambígua. A relação

entre exterior e interior, entre profano e sagrado, desenrola-se, por assim dizer, segundo um jogo interminável, na Misericórdia aveirense acentuado pela feitura do retábulo do altar-mor à semelhança do pórtico de entrada.

Está este estruturado em dois andares, aproximadamente na relação de 4:3, segundo a fórmula de sobreposição das ordens, no primeiro coríntia, no segundo compósita. As colunas, caneladas nos dois terços superiores e relevadas no restante, dividem-no em três secções, na relação de 1:2:1. A porta ocupa toda a secção central do plano inferior, enquanto a meia altura dos intercolúnios se abrem nichos, onde se albergam as imagens de S. Pedro e de S. Paulo, encimados por "cartouches" com duas cabeças, uma masculina, outra feminina. No segundo plano, duas janelas correspondem aos ditos nichos, abrindo-se, na secção intermédia, um terceiro, mais amplo, enquadrado por pilastras, albergando a imagem de Nossa Senhora da Conceição. Por remate, eleva-se, ao centro, um escudo nacional, com coroa régia entre volutas, ladeado por dois conjuntos de três elementos (urna/cruz/urna e urna/esfera armilar/urna)



Esquema estrutural da composição.

Vejamos o modo como o pórtico se referencia relativamente a peças similares noutros edifícios. O problema da sua classificação estilística tem sido invariavelmente posto por todos aqueles que têm escrito sobre a igreja da Misericórdia. Marques Gomes, por exemplo, escrevia, no início do século, que "este pórtico, sem ser uma obra de grande carácter artístico, é um apreciável modelo da

arquitectura do Renascimento, quando este pendia para o seu ocaso, no período da degeneração".³⁷ Mais tarde, Alberto Souto escreveria que "a ideia dos retábulos frontispiciais deste género teve muita voga na Renascença e no Barroco, devendo ter vindo até nós de Itália, onde Andrea Sansovino (1460-1529) a aplicou no mausoléu do Cardeal Ascânio Sforza, em Santa Maria del Pópulo, em Roma".³⁸ Segundo Nogueira Gonçalves, no pórtico da Misericórdia aveirense desenha-se "exemplar coimbrão da última renascença, já de influência clássica, pela adopção dos arcos triunfais da antiguidade";³⁹ acrescenta este autor que a sua principal novidade está no desenvolvimento do segundo corpo, "quando em comum era substituído pelo remate, como o exigia o habitual e limitado espaço, tal acontecendo na universitária porta-férrea".⁴⁰ Amaro Neves, no seu **Aveiro: História e Arte**, considera que "quer a frontaria, quer o corpo da igreja denotam, claramente, a adopção da gramática maneirista".⁴¹

De uma maneira geral, verifica-se unanimidade:

primeiro, na consideração deste pórtico integrado na tipologia dos retábulos;

segundo, na sua subsequente classificação no período final do Renascimento, ou no Maneirismo.



O pórtico retábulo da igreja da Misericórdia, em Aveiro.

Ora, o pórtico frontispicial da Misericórdia aveirense não é peça isolada na arquitectura portuguesa. Já vimos, a partir da sugestão de Nogueira Gonçalves, que é este uma evolução do modelo de um único andar, exemplificado pela porta férrea da Universidade de Coimbra. Evolução no mesmo sentido - isto é, para dois andares - se encontra, por exemplo, na igreja da Misericórdia de Guimarães e na catedral de Miranda do Douro, bem como no pórtico lateral de S. Gonçalo de Amarante (com um terceiro andar, claramente barroco).

Germain Bazin propõe um quadro de evolução do retábulo português, considerando, no séc. XVII, duas tipologias principais: o retábulo "maneirista" ou "proto-barroco" e o retábulo clássico, respectivamente subsidiários do tipo plateresco e do tipo Contra-Reforma, do séc. XVI/XVII. Neste sistema, o pórtico da Misericórdia aveirense situar-se-ia na tipologia do retábulo clássico, por sua vez na tradição da reforma arquitectural da escola de Portalegre. Segundo Bazin, os retábulos da capela-mor da catedral de Portalegre e da capela-mor do convento das carmelitas de Coimbra "sortent résolument des proportions Renaissance pour adopter celles de la Contre-Réforme, inaugurées dans la péninsule ibérique par Juan de Herrera".⁴² Esta inflexão ter-se-ia traduzido também por um regresso à madeira, abandonada pelos escultores renascentistas em favor da pedra: "la pierre, chère aux sculpteurs de la Renaissance, sera abandonnée pour le bois. C'est la ligne de départ d'un art nouveau qui va se développer parallèlement à l'architecture, puisant en elle ses inspirations ou lui en fournissant, parfois en contradiction avec elle".⁴³

Com efeito, durante os séculos XVI e XVII, os dois materiais de construção, que são a pedra e a madeira, travaram entre si um diálogo extremamente estimulante, que necessariamente se teria reflectido na arquitectura retabular. A madeira e a pedra deram corpo ao esquema **tese - antítese - síntese**, onde esta funciona como uma outra tese a que se oporá uma nova **antítese**....

O pórtico da Misericórdia de Aveiro prolongando, pois, o movimento quinhentista de substituição do entalhador pelo escultor,⁴⁴ não exclui as novidades classicistas da talha de Portalegre do final desse século.

É, pois, o pórtico uma síntese que, deslocada para a entrada da igreja, suscita, como já sugerimos, uma nova experiência de interioridade num espaço que, pela amplidão da nave única, poderia ser lido como um prolongamento da praça; para o crente, é também uma nova experiência do sagrado, porventura tecida segundo uma outra rede de ambiguidades.

NOTAS

1. Utilizamos o conceito de "visibilidade", tal como ele é exposto por Kevin Lynch na obra *L'Image de la Cité*; (trad. do Inglês) Paris, Dunod, 1976.
2. *Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Aveiro - zona sul*; vol. VI; Lisboa, impr. na tip. da E.N.P., 1959; p. 103.
3. *Idem*; p. 105.
4. Maria João Marques da Silva veio trazer novos e preciosos dados sobre, entre outros assuntos, a muralh de Aveiro, na obra *Aveiro Medieval*; Aveiro, C.M.A., 1991.
5. Consideramos que existem três momentos na história de Aveiro em que a opção moderna é claramente dominante. O primeiro teve lugar em 1840 e resultou, como referimos, na demolição da Igreja de S. Miguel; os dois outros tiveram lugar no início do séc. XX: a amputação de parte do claustro e da Igreja das Carmelitas Descalças, para a abertura da Praça Marquês de Pombal, e a abertura da Avenida Central (Av. Dr. Lourenço Peixinho) com a imprescindível correcção de canais.
6. Vide, por exemplo, A. Nogueira Gonçalves; *Inventário Artístico de Portugal (...)*; p. 102.
7. A relação entre a barra e as condições de vida da população aveirense tem sido destacada por diversos autores como Amorim Girão, António Nascimento Leitão, Luís S. Lucio, Pdre. João Gonçalves Gaspar, etc.. No passado, o problema principal residia na necessária fixação da barra, de forma a evitar o seu fechamento por acção do assoreamento. Este problema é já referido por Pinho Queimado na *Memória da Vila de Aveiro*.
8. Em 1835, a freguesia de S. Miguel e a do Espírito Santo seriam aglutinadas na actual freguesia de Nossa Senhora da Glória; as duas restantes ficariam na actual freguesia da Vera-Cruz.
9. "Reseebo o provedor Pe(dro) de Tavares em houtes de Agusto de noventa e nove quatro mil cruzados dos cresim(en)tos da renda das entradas desta villa de Av(eiro), e de q(ue) ElRey fez merce a Misericórdia, p(ara) eleito de se fazer hua nova casa da Misericórdia". Arq. da Santa Casa, LIVRO 356; f.1.
10. João Gonçalves Gaspar; *Aveiro - notas históricas*; Aveiro, C.M.A., 1983; p. 111.
11. "Os Provedores da Misericórdia de Aveiro" in *Arquivo do Distrito de Aveiro*; nº 167, 1976.
12. LIVRO 365 do CAT.; f. 37 r.
13. *Idem*; f. 55 r.
14. Transl. por Alberto Souto; "Fichas e notas, Aveiro arqueológico, artístico e monumental (...)" in *Arquivo do Distrito de Aveiro*; vol. VI, 1940; p. 143.
15. *Idem*, p. 144.
16. *Arquivo do Distrito de Aveiro*; vol. XXXIII, 1967; p. 15.
17. *Idem*.
18. *Idem*; p. 23.
19. No *Dicionário histórico e documental dos architectos (...)*, Sousa Viterbo translada o documento de arrematação.
20. Sousa Viterbo; *Dicionário (...)*.
21. *Idem*. Também Nogueira Gonçalves se refere às obras de engenharia, e não só, que Jorge Afonso veio a executar.
22. *Art. Cit.*; p. 23.
23. PASTA 264 do CAT.
24. *Op. Cit.*; p. 105.
25. S. Rocha e Cunha; *O porto de Aveiro*; Lisboa, 1924.
26. "Viagem do gran duque da Toscana a Portugal" in *Portugal e Itália*; vol. 3-4; p. 92.
27. A expressão é de Alberto Souto, por exemplo, em *A Arte em Portugal*; Porto, M. Abreu, 1952; p. 12.
28. Informações retiradas de Amaro Neves; *Aveiro - História e Arte*; Aveiro, ADERAV, 1984; p. 40.
29. *Campeão das Províncias*; 3/Março/1923; nº 6834; p. 4.
30. Amaro Neves; *Op. Cit.*; p. 40.
31. *Inventário Artístico de Portugal - Distrito de Aveiro, zona sul*, vol. VI; Lisboa, Tip. da E.N.P., 1959; p. 106.
32. Lisboa, publ. Alfa, 1986; p. 12.
33. O mestre italiano Cataldo Sculo, tendo vindo para Portugal por convite de D. João II, foi nomeado professor de D. Jorge, filho bastardo do Rei, e com ele veio

viver para Aveiro; para esta vila, também D. João II mandou os dois filhos de Rodrigo de Sousa, para, com o mestre, se instruírem em latim. Sobre este assunto, vide M. Gonçalves Cerejeira; *O Renascimento em Portugal (...)*; Coimbra, Coimbra ed., 1975.

34. Aires Barbosa é exemplo de humanista, mestre de grego e de latim, professor na Universidade de Salamanca; em 1523, abandonou a cátedra salamanquina e regressou a Portugal; demorou-se pela Corte até 1530, altura em que veio para Aveiro (Esgueira), onde se instalou até à data da morte (1540). Sobre este assunto, vide M. G. Cerejeira; *Op. Cit.*

35. Pedro Dias; "Rua da Sofia"; *Mundo da Arte*; 6; Coimbra, Maio de 1982; p. 33.

36. *Arquitectura retabular no séc. XVI (tese de mestrado)*; Lisboa, U.N.L.; 1986; p. 24.

37. Artigo publicado no jornal *Campeão das Províncias*; republ. em 3/Março/1923; nº 6834.

38. *A Arte em Portugal*; Porto, Marques Abreu, 1952.

39. *Inventário Artístico de Portugal (...)*; vol. VI, (...); p. 105.

40. *Idem*.

41. Aveiro, ADERAV, 1984; p. 37.

42. "Morfologie du Retabulo portugais", *Boletim da Academia Nacional de Belas Artes*; Lisboa, 2ª série, 5, 1953; p. 6.

43. *Idem*.

44. Ilídio Salteiro refere-se a esta substituição na primeira metade do século XVI: "Deste modo estes imaginários-escultores substituirão os entalhadores das molduras-retábulos de expressão gótica, e por conseguinte a pedra substituirá a madeira, nas formas dos retábulos da primeira metade deste século" (*Op. cit.*; p. 156).

BIBLIOGRAFIA

- Aveiro antigo. Cat. da expos. de António Graça (5 a 14 de Outubro de 1984); Aveiro, ed. da C. M. de Aveiro, 1985.

- BAZIN, Germain; "Morfologie du Retábulo Portugais"; *Boletim da Academia Nac. de Belas Artes*; Lisboa, 2ª série, 5, 1953.

- BRANDÃO, V. C. C. de Souza; "Memória sobre Aveiro de Pinho Queimado" in *Arquivo do distrito de Aveiro*. Vol. III, 1937.

- CEREJEIRA, M. Gonçalves; *O Renascimento em Portugal*. Clenardo. O Humanismo, a Reforma; Vol. II; (nova ed.); Coimbra, Coimbra ed., 1975.

- CHRISTO, António; *Capelas de Aveiro*; Pref. e notas de Amaro Neves (reed. de artigos saídos no *Litoral*, seman. regionalista); Aveiro, ADERAV, 1989.

- CORREIA, Fernando da Silva; *Estudos sobre a História da Assistência - origens e formação das Misericórdias portuguesas*; Lisboa, H. Torres, 1944.

- CUNHA, S. Rocha e; *O porto de Aveiro*; Lisboa, 1924.

- DIAS, Pedro; "Rua da Sofia"; *Mundo da Arte*, 6; Coimbra, Maio de 1982.

- FERREIRA NEVES, Francisco; "Uma descrição das igrejas e capelas da freguesia de S. Miguel de Aveiro no séc. XVIII" in *Arquivo do distrito de Aveiro*; vol. VII, 1941.

- "A criação e a extinção do coro da igreja da Misericórdia de Aveiro" in *Arquivo do distrito de Aveiro*; vol. XVII, 1951.

- "A igreja da Misericórdia de Aveiro. O arquitecto e engenheiro militar Filipe Terzi ao serviço de Portugal (1577 - 1597)" in *Arquivo do distrito de Aveiro*; vol. XXXIII, 1967.

- "Origem da Praça da República em Aveiro" in **Arquivo do distrito de Aveiro**; vol. XIX, 1953.
- "Os provedores da Misericórdia de Aveiro" in **Arquivo do distrito de Aveiro**; nº 167, 1976.
- FREITAS, Eugénio da A. da Cunha e; "Os retábulos da Igreja da Misericórdia de Freixo de Espada Cinta", **Museu** (sep.).
- GASPAR, João Gonçalves; **Aveiro - notas históricas**; Aveiro, ed. da C. M. de Aveiro, 1983.
- GOMES, Marques; "Igreja da Misericórdia", **Campeão das Províncias** (periódico regionalista); 3/03/23, nº 6834.
- GONÇALVES, A. Nogueira; **Inventário Artístico de Portugal**, (distrito de Aveiro - zona sul); vol. VI.; Lisboa, impr. na tip. da E.N.P., 1959.
- **História da Arte em Portugal**; vols. 6, 7 e 8; Lisboa, Publ. Alfa, 1986.
- KUBLER, George; **A arquitectura Portuguesa chã - entre as especiarias e os diamantes, 1521 - 1706**. Trad.: J. Henriques Pais da Silva; Pref.: José Eduardo Horta Correia; Lisboa, Vega, s.d..
- LYNCH, Kevin; **L'image de la Cité**; (trad. do inglês), Paris, Dunod, 1976.
- MAGALOTTI; "Viagem do gran duque da Toscana a Portugal" in **Portugal e Itália**; vol. 3-4.
- NEVES, Amaro; **Aveiro - história e arte**, Aveiro, ADERAV, 1984.
- OLIVEIRA, José Osório (compil.); **Beira Litoral**; Lisboa, Bertrand, (1964).
- OLIVEIROS, Albertina Valentim; "Aveiro no século XV"; **Boletim Municipal de Aveiro**; ano II, 1984, nº 4.
- RANGEL DE QUADROS, José Reinaldo; **Aveiro, Origens, brasão e antigas freguesias**; Aveiro, Paisagem ed., 1984.
- SALTEIRO, Ilídio; **Arquitectura retabular no séc. XVI** (tese de mestrado); Lisboa, U.N.L., 1986.
- SILVA, Jorge Henrique Pais da; **Estudos sobre o maneirismo**; Lisboa, Estampa, 1983.
- SILVA, Maria João Violante Branco Marques da; **Aveiro Medieval**; Aveiro, ed. da C.M.A., 1991.
- SILVA, Maria João Violante Branco Marques da; "Esboço de introdução metodológica a um estudo sobre Aveiro Medieval"; **Boletim Municipal de Aveiro**; ano VII, 1989, nºs 13/14.
- SOUSA, José Ferreira da Cunha e; "Memória de Aveiro, no séc. XIX" in **Arquivo do distrito de Aveiro**; vol. VI, 1940.
- SOUTO, Alberto; **A arte em Portugal - Aveiro** (trab. fotogr. de Marques Abreu e do arqº J. Marques Abreu Júnior); Porto, Marques Abreu, 1952.
- "Fichas e nótulas. Aveiro arqueológico, artístico e monumental (...) in **Arquivo do distrito de Aveiro**; vol. VI, 1940.

- VITERBO, Sousa; **Diccionario historico e documental dos architectos, engenheiros e construtores portugueses ou a serviço de Portugal**; Lisboa, Impr. Nac..

FONTES PRIMÁRIAS

Documentos trasladados

- *Memória sobre a villa de Aveiro*, de Christóvão de Pinho Queimado, doc. datado de 1687.
(= "A memória sobre Aveiro de Pinho Queimado" in **Arquivo do distrito de Aveiro**, vol. III, 1937).
- *Relação que ao Illmo., e Revmo. Sñr Vigario Capitular do Bispado de Coimbra dá Fr. Felix Mendes de Ramos, Beneficiado Coadjutor, e Vigario encomendado da Paroquial Igra. Colegiada Matriz da Cidade de Aveiro de 1760 (?) ou 1775 (?)*.
(= "Uma descrição das igrejas e capelas da freguesia de S. Miguel de Aveiro no século XVIII" in **Arquivo do distrito de Aveiro**, vol. VII, 1941).

- *Auto da arrematação da obra que se vai a fazer no sítio da Igreja e adro da extinta freguesia de S. Miguel, defronte da casa da Câmara desta cidade*, de 1840.

(= in **Arquivo do distrito de Aveiro**, vol. XIX, 1953).

Documentos de Arquivo

Pasta contendo cartas dirigidas à Santa Casa da Misericórdia provenientes de diversas Misericórdias do reino, da Índia, China e Brasil (1603-1645).

262 do cat. do Arq. da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro.

Pasta contendo cartas, sentenças e provisões relativas à Santa Casa da Misericórdia (1533-1865).

264 do cat. do Arq. da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro.

Livro do dinheiro e gastos da Nova Casa da Misericórdia (1599-1601).

365 do cat. do Arq. da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro.

Daniel Tércio Ramos Guimarães

O Ressurgimento do Gabão de Aveiro

M. Ed. dos Santos Oliveiros
Vila Nova de Monsarros (Bairrada)

*"Eu fui o Gabão de Aveiro.
Fui alguém, prestei serviços;
a todos agasalhei".*

(Dr. José Pereira Tavares, em "A Última visita de Pangloss", 1956)

Traje de gala da Confraria dos Enófilos da Bairrada
Traje académico dos estudantes da Universidade de Aveiro
Traje de cerimónia da Confraria Gastronómica de S. Gonçalo de Aveiro

O Gabão de Aveiro, antiga e tradicional vestimenta não só dos "Aveiros" como de todos os povos que vivem e labutam em redor da Laguna, a que chamamos Ria de Aveiro, é "peça de grande carácter" como o qualifica J. S. Franco referido por Rocha Madalil em "Alguns Aspectos do Traje Popular na Beira Litoral", publicado em 1941.

Foi este estudioso que, nesse ano e nesse seu trabalho, escreveu assim, ao referir-se, entre outras vestimentas, ao gabão de Aveiro: "... são ainda o mercantel da Ria e os pescadores de Ovar, da Murtosa e Ílhavo, com (...) seus gabões cingidos e encapuzados, os mais lídimos representantes dos mais característicos trajes masculinos do povo português".

Após as leituras que tenho feito, poderei não só acrescentar como especificar que, para além dos mercantéis da Ria e dos pescadores de Ovar, Murtosa e Ílhavo, também os pescadores de Aveiro, os mareantes, os marnotos, os mesteirais, os camponeses e os agricultores bem como os "grandes senhores" de Aveiro e outras terras são lídimos representantes da elegante vestimenta da Região: - o típico "gabão de Aveiro" que mais tarde se chamou também "Varino".

Presumivelmente conhecido e usado pelos Romanos, quando da estadia das suas legiões na Lusitânia, está representado numa figura vestida "com um manto especial a que não falta capuz e parece ter romeira" (...), figura esculpida na célebre coluna rostrata, erigida no ano de 112 da era cristã, em Roma, no Forum Trajano, em honra deste Imperador, nascido em Itália, cidade situada na

via romana para a Lusitânia.

Esta peça de vestuário era designada pelos Romanos pelo nome latino de LACERNA, capa muito ampla, aberta à frente de alto a baixo e segura, ao pescoço, por um colchete ou alamar; dispunha de um capuz, que se podia puxar para a cabeça, quando se desejava ocultar o rosto.

Também não podemos deixar de pensar, igualmente, na influência que poderá ter tido o "albornoz" mourisco durante os cinco séculos que os mouros se mantiveram na faixa ocidental da península ibérica e, principalmente, quando faziam as suas incursões ou arremetidas até aos povoados situados na actual Ria de Aveiro, vindos quer de locais perto, até serem empurrados para lá dos campos do Mondego, quer de Lisboa até à conquista desta cidade, no ano de 1147.

De remota ascendência, esta característica vestimenta, o gabão de Aveiro, mistura feliz de veste monástica e de trajo civil medieval - a capa com mangas e capuz da Idade Média - que foi tão vulgar em todos os países da Europa e também em Portugal, vem aparecer-nos no séc. XIII e XIV com o nome de "gabinardo" e "tabardo arrequifado", a menos que se tratasse de um gabão de "mangas curtas", como se observa nos cartógrafos do Painel da Escola de Sagres, caso em que era conhecido por "ferragoulo" ou "ferragoilo".

SÉCULO XV:

No Painel que representa a Escola ou Academia de Sagres, criada após a fundação da

Vila do Infante em 1443, vemos o Infante D. Henrique rodeado de cartógrafos, astrónomos, construtores navais e pilotos, destacando-se em primeiro plano um dos seus caravelistas.

Este mareante - o caravelista - veste uma rodada capa com mangas, romeira e capuz, vestimenta que caracteriza gentes da região de Aveiro e que, então, era designada pelo nome de gabão.

Estamos, pois, na presença de um navegador da época de quatrocentos, caravelista do Infante como lhe chama Jaime Cortesão, (1) cuja veste o situa no solar do gabão de Aveiro, a região da nossa Ria.

Por certo que teria de ser "um homem de Ílhavo, marinheiro sabedor, ousado e valente, imprescindível na arte de navegar à vela", no dizer de Dinis Gomes em "Costumes e gentes de Ílhavo".

A Fábrica da Vista Alegre, num prato de porcelana comemorativo da "Partida de Vasco da Gama para a Índia" - 8 de Julho de 1497 - e o pintor e aquarelista Roque Gameiro, no seu Quadro "A Partida de Vasco da Gama", não deixaram de prestar homenagem ao uso do gabão representado no desenho a sépia do prato VA e profusamente assinalado na aquarela de Roque Gameiro, vestindo o gabão nas areias da praia do Restelo,

"a gente da cidade (...)

uns por amigos, outros por parentes,

outros por ver somente (...)"

como canta Camões nos Lusíadas.

SÉCULO XVI:

No Livro 2º das Ordenações de D. Manuel I, de 1514, pode ver-se uma figura, retirada de uma magnífica gravura em madeira, representando um lavrador agarrado à rabiça de um arado e tendo por vestimenta uma larga capa "a que nem sequer falta o capuz", amarrada à cintura por um cordel, tal como ainda, não há muitos anos, o gabão era usado pelos pescadores de Aveiro, que o cintavam com uma corda.

- Estou a referir-me aos pescadores da "chinha" os "chincheiros de penosa vida", como diz Evangelista Campos.

Sabemos - e não há dúvidas - que o gabão de Aveiro nasceu na região da Ria de Aveiro - Ovar, Murtosa, Estarreja, Aveiro, Ílhavo, Vagos e Mira - e que daqui irradiou, não só para os concelhos vizinhos, tendo grande implementação na região da Bairrada - principalmente em Águeda, Anadia e Mealhada - como para outros lugares distantes do país.

Camilo Castelo Branco, no seu Romance Histórico "O OLHO DE VIDRO", no qual muito fala de então Vila de Aveiro e dos seus arrabaldes, logo na Introdução nos diz que no dia 28 de Janeiro de 1692, há cerca de 300 anos, "Francisco

encapuzou-se no gabão, e abriu as portadas da janela (...)"

Trata-se de Luís de Abreu, estudante do segundo ano médico da Universidade de Coimbra. (2) Estamos na última década do séc. XVII.



Aveiro - Varino e Peixeira, séc. XVIII.
(Museu Marítimo de Ílhavo).

O uso do gabão está representado no século XVIII num quadro existente no Museu Marítimo e Regional de Ílhavo, que tem como legenda: "Aveiro - Varino e Peixeira", século XVIII". O varino traça um gabão castanho debruado a vermelho escuro na orla, no cabeção e capuz; está cintado com uma corda à maneira dos chincheiros.

Chegamos, agora ao século XIX, o século que pode ser considerado como a "idade d'ouro" do uso do gabão.

Só a partir de agora o "gabão de Aveiro" começa a ser conhecido, também, por "varino". Vejamos:

A. G. Madahil no seu trabalho "Alguns aspectos do traje popular na Beira Litoral", a página 62 afirma: "Tão usado foi... por pescadores da Ria, que por varino passou a ser designado o gabão, ganhando grande aura a nova denominação que, suponho, lançada no final do século dezanove".

No mesmo trabalho encontramos, na página 64, a opinião do agrónomo João Vasco de Carvalho, de Ovar, que em 1912 escreveu:

"O vestuário do vareiro, actualmente, pouco difere do comum do nosso povo!. Apenas há a notar o uso quase geral (...) do varino".

A apoiar esta opinião, encontramos na reedição de 1989 da "Monografia da Gafanha", do padre João Vieira Resende, pároco da freguesia da Gafanha da Encarnação e historiador do Concelho de Ílhavo, a seguinte afirmação, referida ao ano de 1880:

"O gabão, a que mais tarde se chamou varino..." acrescentando que "o gabão, também de burel ou saragoça, era vestuário do casamento e na missa, e ainda aqui continuou a usar-se quando, por outras terras, há muito tempo tinha sido substituído pelo sobretudo. O varino foi uma peça de transição entre aquele e este vestuário".

Ainda em 1869, J. S. Franco, ao falar da vestimenta do varino, isto é do homem da beira-mar entre o Furadouro e Mira, referia-se assim ao seu traje: "No homem, um gabão que lhe desce até aos pés, de mangas e capuz".

Severim Marques, no jornal "Litoral" de 7 de Abril de 1989, ao referir-se ao gabão e ao varino, esclarece que aquele passou a ser conhecido por varino, isto já no século XIX, mais propriamente a partir de 1828.

É nosso propósito esclarecer que a palavra "varino" pouco terá a ver com a cidade de Ovar, donde poderia ter derivado a designação de "varino" para designar os seus habitantes, termo muito pouco usado por ser mais frequente o uso das palavras ovarense ou vareiro.

Pretende-se que "varino" tenha derivado de "ovarino" por aférese do "o" inicial, mas a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, no seu volume XXXIV ensina que varino é "Tipo étnico português de gente da beira-mar dada tradicionalmente à faina da pescaria".

Vem a propósito anotar que, em 25 de Julho de 1985, António Manarte, um homem vareiro da mais pura estirpe, designou a veste típica que foi usada pelos vareiros com o nome de "varino" ou mesmo gabão vareiro (digo eu).

Das nótulas com a designação "O Gabão - (Varino)", da autoria de Severim Francisco Marques - um estudioso do gabão - que me foram gentilmente remetidas pelos Serviços da Cultura da Câmara Municipal de Aveiro, podemos concluir:

- A tribo dos "varinos", com origem tradicional na raça pelásgia, do norte da Grécia, veio fundar colónias piscatórias na costa portuguesa, tanto a norte como a sul da foz do Vouga. Era esta tribo constituída por gentes extremamente prolíferas, trabalhadoras e aventureiras, "os varinos", que lançaram para outras regiões o excedente da densa população da sua raça e que, sem perder um só dos seus caracteres, fundou, mesmo longe, numerosas, grandes e importantes colónias piscatórias, levando consigo o uso do traje dos pescadores da costa de Aveiro, com as suas manaias, o GABÃO e o gorro de ã.

Assim se expressou na "Revista Portugalia -

1889 a 1903" o Conselheiro Luís de Magalhães, grande e ilustre Senhor de Aveiro, que não desdenhava o uso do gabão, nas suas visitas nocturnas.

E ainda nas mesmas "nótulas" se refere haver notícia de o gabão ter sido usado na Póvoa do Varzim, em Vale de Papas, na Serra da Gralheira e lembrado em Castro Laboreiro.

Por mim, acrescento a notícia de que os gabões ainda hoje e já velhinhos são usados por pastores idosos, quando vão guardar os seus rebanhos na Serra da Estrela, mais concretamente nas povoações de Carvalho, Pai Viegas e Trajinha, ao norte da cidade da Guarda.

Chegou o momento de compilar todas as referências encontradas acerca do uso do gabão a partir dos primeiros anos do século XIX até ao final do século XX, mais precisamente até ao ano de 1990.

Comecemos por dizer que o gabão mais antigo que nos foi dado olhar e ver, se encontra exposto num manequim no Museu de Ovar: - tem a data de 1825 na legenda que apresenta e trata-se de um gabão castanho, debruado a preto, representando "um lavrador com gabão".



1825 - Homem com Gabão. (Museu de Ovar).

Com a data de 1828 apresenta Kinsey em "Portugal Ilustrado" uma gravura de "Pescador de Ílhavo" com o seu gabão de burel amarrado à cinta com um nó feito pelas próprias pontas, capuz enfiado na cabeça (...) "em geito muitos séculos repetidos pelos pescadores da Ria, murtoseiros ilhavenses ou gafanhões" comenta Rocha Madahil, afirmando também que "há gravuras que documentam graficamente o uso do gabão, desde 1828, pelos habitantes da Ria de Aveiro". (3)

O Dr. José Pereira Tavares, ilustre Reitor que foi do Liceu de Aveiro, diz ter conhecimento que tanto José Estêvão (1809-1862) como Mendes Leite (1809-1887) passeavam juntos, debaixo dos Arcos, em Aveiro, "embrulhados nos seus elegantes gabões", o mesmo acontecendo com outros senhores da cidade.

Estamos agora em 1843, data da publicação de "Viagens na minha Terra" de Almeida Garrett, onde o autor conta ter encontrado, no Tejo, alguns Ílhavos que "vestiam o amplo saiote grego dos varinos (4) e o tabardo arrequifado (5) siciliano".

Dizendo o "saiote grego dos varinos" refere-se a uma tribo da raça pelásgia, vinda do norte da Grécia fundar feitorias ou colónias na foz do Vouga, entre as quais Ílhavo.

Tabardo arrequifado é uma espécie de capote com capelo e mangas, sendo estas e aquelas debruadas como era uso nos gabões, na sua forma mais antiquada.

A presença de gabões nas regiões ribeirinhas do Tejo não é de estranhar, pois é também Rocha Madahil que nos informa:

"Até para o Tejo os pescadores de Ovar, Murtosa e Ílhavo levaram o seu traje popular da Beira-Litoral, "afirmação que é corroborada pelo Rev^a Vieira Resende, quando se refere a um gabão numa lista de despesas com um enteado do seu paroquiano Pata.

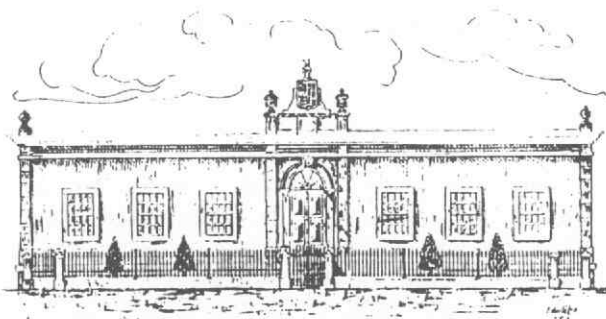
São da mesma época, 1841/1842 e 1853, as Litografias de Jaubert, Macphail e Palhares publicados em 1968 em "Trajos e Costumes Populares Portugueses no século XIX", em que estão representados vários pescadores de Ílhavo, com seus gabões debruados a azul.

Chegamos agora, aos finais do século XIX.

Eça de Queirós, nascido no ano de 1845, passou os primeiros anos da sua meninice e da sua adolescência em casa de seus avós paternos, na vizinha povoação de Verdemilho, em Aveiro; por isso mesmo se designou como "filho de Aveiro, quasi peixe da Ria". (6)

Sendo certo "que o berço onde o homem nasceu tem por assim dizer uma espécie de infiltração natural, de poder secreto, misterioso e constante em todo o curso da sua existência", (7) este "quasi peixe da Ria" ao escrever "Os Maias" -

episódios da vida romântica - cuja acção se desenvolve em Lisboa a partir do outono de 1875,



Casa do Conselheiro Queirós, em Verdemilho, (meados do séc. XIX); Aqui viveu também José Maria Eça de Queirós, durante parte de sua infância. - Do livro "Eça em Verdemilho e a sua", de António Lebre, Aveiro, 1962.

refere-se algumas vezes ao gabão de Aveiro, então muito em uso por algumas camadas sociais da Capital.

Assim é relatado em "Os Maias" que o Dr. Carlos da Maia, médico, quando à noite ia visitar uma das suas doentes, encontrava o MARCELINO, seu marido, defronte do leito, COM UM GABÃO DE AVEIRO PELOS OMBROS, e também que o seu grande amigo e companheiro, "o famoso CRAVEIRO, meditava a" Morte de Satanás "encolhido NO SEU GABÃO DE AVEIRO".

Mais adiante refere que o janota e rico Dr. CARLOS DA MAIA "à meia noite SAÍA ENCAFUADO NUM GABÃO DE AVEIRO" para ir de visita à Toca.

Quase no fim de "Os Maias" mais uma vez se refere ao traje em uso, dizendo que ao elegante João da Ega, quando ia assistir a um sarau no Teatro da Trindade lhe "apareceu o" MARQUÊS ABAFADO NO SEU GABÃO DE AVEIRO". (8)

Data do último terço do século XIX o aparecimento do gabão ou varino nas praias da Nazaré e Quiaios, embora se presuma, sem confirmação, que ele foi também levado pelos Ílhavos para Buarcos, Sesimbra, Afurada e Matosinhos, povoações onde fundaram colónias de homens do mar e pescadores.

Foi a partir de 1885 que o gabão de Aveiro começou a ser usado pelos nazarenos, núcleo populacional originário dos Ílhavos. Do seu uso dá conhecimento o Painel "O Milagre da S^a da Nazaré" do artista Almada Negreiros, painel decorativo que se encontrava na gare da Estação Marítima de Alcântara: nele se via um dos figurantes vestindo um gabão negro encapuzado.

Outrossim, se verifica num postal ilustrado da praia da Nazaré, onde figuram dois pescadores, vestindo cada um deles um gabão castanho.

Neste postal se inspirou o ceramista Afonso Henrique, com oficina em Aveiro, para criar uma escultura em barro vermelho - peça única, em meu



Foto de Paulo Romão

"O Milagre da Srª da Nazaré". (Painel de Almada Negreiros).

poder - representando um pescador de gabão com a inscrição: "Ida para o mar - Nazaré".



Praia da Nazaré - Pescadores com o Gabão de Aveiro.
Postal cedido pelo M^o dico-Veterinário Dr. Fernando R. Sousa, Nazaré.

A presença deste vestuário em Quiaios é atestada pelo velho pescador Lila, da Praia de Mira, que se lembra de ver a "Companha da xávega do Belmiro" vir, em romaria, á festa da Senhora da Saúde, na Costa Nova, envergando, cada pescador, o seu gabão.

Embora sem confirmação, não deixamos de anotar que António Nobre, no seu livro de poemas "Só", ed. Tavares Martins, 1950, pag. 51, insere uma longa poesia, intitulada "Viagens na Minha Terra, jornadas que eu fazia ao velho Douro, mais

meu Pai" na qual conta que os seus companheiros da diligência, "passageiros, todos brancos, ressinavam em seus gabões".

Esta poesia está datada de Paris, no ano de 1892, e é de presumir que os companheiros de viagem fossem ílhavos ou vareiros habitantes quer da praia da Afurada, quer de Matosinhos, povoações da Foz do Douro onde fundaram colónias.

É de 1896 uma longa poesia do Conselheiro Luís de Magalhães (filho de José Estêvão) que numa das quintilhas conta ir "embuçado no seu gabão às reuniões em casa de Domingos Leite".

Também o juiz de Direito Dr. Roberto Macedo, que frequentou o Liceu de Aveiro de 1900 a 1905, no seu poema "O meu Varino", nos dá a notícia de ter usado o gabão de Aveiro.

Eu mesmo, nascido em Aveiro nos princípios deste século, lembro-me de o ver muito usado até ao ano de 1930, quer pelos senhores de Aveiro, quer pelos camponeses, pescadores, marnotos, barqueiros e mercantéis.

Entre os senhores de Aveiro, quero mencionar o nome do "Aveiro" Evangelista Campos, como um dos últimos abencerragens na usança do gabão de Aveiro, quando nas suas "rondas nocturnas", (segundo a sua própria expressão), bem como o do ilustre clínico Dr. Humberto Leitão nas suas visitas de noite.

Também refiro o nome do diplomata e poeta António Feijó, que sempre o usou, muito especialmente quando nosso Ministro na Suécia.

Não quero esquecer o nome do coronel médico Dr. Zeferino Borges que tinha pelo gabão de Aveiro uma singular afeição. (9)

Podeis encontrá-los nas fotografias que fazem parte da publicação "Aveiro Antigo", ed. da C. M. de Aveiro.

Podeis vê-los na publicação da ADERAV "O Postal Ilustrado" com datas de 1909 e 1928.

Ainda na década de 30 era usado pelo Dr. Alberto Vidal, de Salreu, quando se dirigia para Estarreja, onde dava aulas no Colégio daquela vila.

Também foi visto por mim, quase diariamente no Rossio de Lisboa, no passeio dos cafés, vestido por um elegante senhor, que me dissera ser professor da Escola Superior de Belas Artes: - gabão preto, de boa fazenda de lã acetinada, de corte impecável, cingido à cintura por uma corda de esparto, cânhamo ou cisal.

Profusamente vulgarizado em terras bairradinas - até se afirma que o gabão de Aveiro é também da Bairrada - o gabão é vestimenta que ainda hoje se apresenta com toda a dignidade, exibido pelo arqueólogo Dr. Machado Lopes, director da Cantata e Tocata do Grupo Etnográfico da Pampilhosa - Mealhada.

Em abono desta asserção de o gabão de Aveiro ser também da Bairrada, lembramos que

entre os anos de 1880 e 1920 viveu em Arcos, concelho de Anadia, junto á igreja matriz, o mestre alfaiate Joaquim José de Pinho, com oficina de alfaiataria, onde confeccionava os afamados gabões de Aveiro que vendia ali aos seus clientes bairradinos, ou levava também para a sua loja de Aveiro e para as feiras da região.

Esta afirmação foi-me prestada por uma sua neta que reside actualmente na Curia, Anadia, e confirmada por um "Aveiro" que se lembra de ter visto o anúncio do mestre-alfaiate publicado, em tempos, no jornal "Povo de Aveiro" ou no "Democrata".

Por gentileza do autor de "Acheegas para a historiografia de Aveiro", tenho em meu poder fotocópia de uma "Comunicação" no "Povo de Aveiro" de 7 e 14 de Janeiro de 1883, em que o mestre-alfaiate, residente em Aveiro, informou que "mudou o seu estabelecimento de alfaiataria para o lugar de Arcos, perto de Anadia".

É igualmente a vestimenta que ostentam cerimoniosamente os confrades da Confraria dos Enófilos da Bairrada, desde a sua fundação em 1979, nas suas reuniões capitulares e nas suas visitas a outras Confrarias do país e do estrangeiro.

Queremos lembrar neste trabalho o mestre capitular Luís Costa, afamado viti-vinicultor bairradino, alma-mater da fundação da Confraria e principal promotor do renascimento do uso do gabão de Aveiro, como traje obrigatório dos confrades enófilos.

Interessado estudioso do gabão bairradino, no seu trabalho o "GABÃO, algumas notas, 1981", conta-nos em cuidada prosa que "o gabão, ou varino como também era conhecido, traje tradicional da Bairrada, até ao final da década de vinte, desapareceu completamente. Nos anos trinta, já não era vulgar encontrá-lo, embora, à noite, principalmente nas escarpeladas do milho, ainda aparecesse um ou outro "encapotado".

Se o gabão de encorpado surrobeco castanho era usado dia a dia, mesmo em certos trabalhos de Inverno se chovia ou se a temperatura era gelo, como por vezes acontecia durante a poda da vinha, o gabão preto, de boa fazenda de lã, era usado apenas nos dias domingueiros, nas festas ou para ir à missa.

Por isso mesmo, resolvemos adoptar o gabão tal como ele era, com toda a sua pureza, toda a sua verdade, toda a sua dignidade. Como o autêntico vinho da Bairrada, sem fantasia: - puro, verdadeiro, digno".

Isto sem esquecer aqueles outros mestres-capitulares - da Direcção da CEB - co-responsáveis pelo uso do gabão: - o engº Dias Cardoso, director da Estação Viti-Vinícola da Beira-Litoral, José Gamelas, Rui Alves, Lopo de Freitas e o engº Luís Pato.

Como notável bairradino que é (nascido em

Barrô, de Águeda), o Coronel Roque da Cunha contou-nos que na sua terra natal o gabão foi muito usado e que já nos últimos tempos era traje obrigatório nas rondas nocturnas dos "homens bons" da aldeia, para sacudirem para suas casas a juventude noctívaga.

E também o agudense Joaquim Madeira nos deu conhecimento de que na sua freguesia de Aguada de Cima, para além de ser usado ainda hoje na Festa da Escarpelada, o gabão foi muito usado nos trabalhos de campo e pelos barqueiros de Águeda, tendo acabado por ser vestido pelas mulheres casadas das redondezas, para de varapau em punho irem em busca dos seus homens, quando estes tardavam, à noite, em regressar a casa.

Factos semelhantes me foram relatados pelo arqueólogo Dr. Machado Lopes, da Pampilhosa, Mealhada, todos eles contribuindo para que o gabão de Aveiro, acabasse por ser designado em toda a região da Bairrada, por "Gabão Bairradino".

O GABÃO DE AVEIRO, NOS AÇORES:

O nosso patrício Evangelista Campos dá-nos a conhecer, numa das suas magníficas "Acheegas" insertas no "Litoral", que o gabão foi muito usado em terras açorianas, para onde os mareantes de Aveiro o levaram, quando para lá transportavam o sal das nossas salinas, ficando o gabão a ser conhecido, nessas ilhas, pelo significativo nome de "O Aveiro".

Para o seu uso nestas paragens muito contribuiu um propício clima.

Em 26 de Novembro de 1988, foi o gabão de Aveiro envergado pelo Presidente da República, Dr. Mário Soares, em soleníssima cerimónia de Investidura na Confraria dos Enófilos, realizada no salão nobre do Palácio do Buçaco, após um cortejo de algumas dezenas de gabões.

Foram exibidos em 14 de Maio de 1989, durante as Festas do Município de Aveiro, no desfile Etno-Folclórico da Região do Vouga:

- Catorze "Homens da Ria" vestindo gabões castanhos, pretos e amarelos, uns soltos, outros enfaixados com cintas pretas ou encarnadas e outros ainda com cordas. Assim desceram a Av. Dr. Lourenço Peixinho. (10)

Em 7 de Janeiro de 1990, assistimos a uma "arruada" nocturna, com a incorporação de mais de uma dezena de gabões, a desfilar ao som da música pelas ruas da freguesia da Glória, de Aveiro, arruada comemorativa da tradicional festa da "Entrega dos Ramos" da Confraria do SSmo. Sacramento.

Depois de o gabão ter sido aprovado como traje académico pelos estudantes da Universidade de Aveiro, reunidos num Colóquio/Debate em 8 de Março e num Plenário em: 3 de Novembro de 1989,

realizados ambos no Anfiteatro III da mesma Universidade, procedeu-se à cerimónia da "Investidura" dos primeiros universitários, no dia 17 de Janeiro de 1990.

Nesse mesmo dia, foi investido como membro honorário da "Ordem do Gabão", em solene cerimónia, o Prof. Doutor Renato Araújo, Reitor da Universidade de Aveiro, bem como a Dr^a Albertina Oliveiros, madrinha dos universitários investidos, e o Dr. Manuel Oliveiros, designado patrono do gabão, como traje académico.



Universitários de Aveiro investidos na "Ordem do Gabão" – 1990

Numa das escadarias da Universidade de Aveiro, o registo memorável do final da cerimónia da Investidura do gabão.

13 de Março de 1990: Apresentação no programa "Às Dez" da TV do Porto dos estudantes universitários de Aveiro com o seu traje académico, constando de uma entrevista com o 1º bastonário da Ordem do Gabão, o quintanista de engenharia electrónica Luís Filipe, e da actuação do seu grupo de fados e canções.

Em Abril de 1990, foi o gabão apresentado em Barcelos pelos "Aveiros" Luís Clemente, Jaime Borges e Gaspar Albino, na festa da XXI Convenção Nacional de Lions.



O Gabão de Aveiro em Barcelos.

13 de Setembro de 1990: - Entrevista no programa "Bom Dia" da TV do Porto, com o estudante universitário de Aveiro, Luís Filipe, versando o tema: - O "gabão de Aveiro" como traje académico. Esta entrevista foi precedida pela apresentação, no mesmo programa, dos mestres

capitulares da Confraria dos Enófilos da Bairrada, com o seu traje de gala: - O "gabão de Aveiro".

Inspirado no traje académico dos universitários de Aveiro, Zé Augusto, o ceramista da expressão aveirense, modelou, em barro vermelho, um estudante envergando o gabão de Aveiro.

A escultura, peça única de que sou possuidor, tem 61cm de altura e está assinada e datada de 1990.



Foto de M. Oliveiros

Estudante da Universidade de Aveiro, revestido com o Gabão (o seu traje académico). Escultura do ceramista aveirense Zé Augusto, 1990.

Mas, depois de tudo isto, o que é afinal o "gabão de Aveiro"?

O gabão de Aveiro é uma "peça de grande carácter" que "durante muitos anos foi usada por pobres, remediados e ricos das diversas classes sociais" (11) e que nasceu na Ria de Aveiro, nas terras dos varinos, isto é, nas terras dos homens da beira-mar, desde o Furadouro até Mira: - vareiros, murtoseiros, aveiros, gafanhões, ilhavos e mirões.

Foi vulgarizado por toda a Bairrada, especialmente em Águeda, Anadia e Mealhada.

"Foi moda durante alguns séculos, foi consolo de muitas gerações e o seu uso aproximava as classes, irmanava os homens, adoçava as

diferenças sociais; foi vestuário de janotas, luxo nesta terra de Aveiro, cobiça de estranhos e admiração de visitantes". (12)

Mesmo velhinho, era orgulho dos aveiros que, sem ele, não iam à igreja.

"Agasalho vulgaríssimo de pobres e ricos", era tão popular, que, ainda hoje, persiste na memória de muitos. (13)

"PEÇA DE GRANDE CARÁCTER", não é demais repeti-lo sempre, é a réplica da Beira Litoral ao Nordeste Transmontano, com a sua capa de honras de Miranda do Douro, rica e hierática.

"GABÃO DE AVEIRO" é uma capa bastante ampla e rodada, descendo quase até aos tornozelos, de cor preta (feito de pano de varas, fazenda de lã acetinada ou de merino) ou de cor castanha (se for feito de estaménha, de surrobeco, de burel ou mesmo de briche) com farta romeira ou cabeção curto, mangas e capuz em bico.

Inicialmente tinha uma gola, que acabou por desaparecer.

Algumas vezes é debruado a vermelho escuro - na região de Aveiro - ou a azul - na região de Ílhavo - ou a preto - na região de Ovar.

Aberto à frente, de alto a baixo, é aconchegado ao pescoço por um colchete ou alamar de metal, que os ricos usavam de prata.

Por vezes eram forrados, de castorina, de baeta ou escocês e de seda os de mais luxo.

Tem em si a alma e a magia da nossa Cidade e da nossa Ria.

Decorrido meio século, poderei parafrasear o investigador Rocha Madalil, dizendo que são não só os estudantes da nossa Universidade os mais lídimos representantes da mais característica vestimenta dos "aveiros", apresentando-se no Campo Universitário de Santiago e nas ruas da cidade envergando o seu traje académico, os elegantes e tradicionais gabões de Aveiro, mas também os confrades da Confraria dos Enófilos da Bairrada e os da Confraria Gastronómica de S. Gonçalo gozam do mesmo privilégio ao apresentarem-se nas suas manifestações culturais - os Grandes Capelos - vestindo os seus gabões, tal como em tempo o tinham feito José Estêvão, Mendes Leite, o Conselheiro Luís de Magalhães e mais recentemente outros grandes senhores da cidade de Aveiro.

Entre estes destaco os nomes do grande "aveiro" que foi o meu contemporâneo e quase vizinho Dr. David Christo e actualmente o euro-deputado Dr. Carlos Candal.

É agora o momento de prestar cuidadosa atenção à Associação Cultural - Confraria Gastronómica de S. Gonçalo de Aveiro.

Começada a organizar-se em 1987, veio a adquirir forma jurídica em 11 de Maio de 1989 outorgando os seus fundadores no Cartório Notarial

de Aveiro a escritura de constituição.

Algum tempo depois de ter tomado conhecimento do facto, dirigi uma carta à Direcção da Confraria, na qual lembrava que todas as suas manifestações culturais careciam do uso de uma vestimenta que fosse testemunho vivo das suas raízes na milenária Alavario, sugerindo a adopção da quase vestimenta monástica, o "Gabão de Aveiro".



— Confraria Gastronómica de S. Gonçalo de Aveiro.
Mestres Capitulares e Confrades "devidamente trajados com gabão castanho".

Alguns dias depois, em 16 de Junho, o confrade fundador Dr. Armando França, em amena conversa, me deu conhecimento de que a carta recebida tinha tido toda a aceitação e que iriam usar o gabão de burel.

Na assembleia geral ordinária de 10 de Janeiro de 1990, dia festivo de S. Gonçalinho, mestres capitulares e confrades maiores não só adoptam oficialmente o gabão de cor castanha e de autêntico burel, como decidem apresentar-se em público no dia 12 de Maio de 1990, envergando as suas vestes de cerimónia, numa louvável manifestação de aveirismo.

Em 22 de Janeiro, o "Jornal de Notícias" anuncia "estar prevista a apresentação pública do traje de cerimónia da Confraria de S. Gonçalo e em 26 do mesmo mês o "Litoral" confirma a notícia adiantando que o gabão será de cor castanha, isto é, o de uso mais antigo e o mais castiço entre as gentes do bairro da Beira-Mar.

Assim o fizeram, incorporando-se com toda a pompa na procissão de Santa Joana Princesa, Padroeira de Aveiro, no dia do V Centenário da sua morte e dia comemorativo do VIII Centenário do nascimento de S. Gonçalo da Beira-Mar, nascido no ano do Senhor de 1190, e venerado como seu Patrono.

Que sejam louvados os mestres capitulares Carlos Souto, António Santos e Mário Cruz.

Na memorável noite desse 12 de Maio, realizou-se um Grande Capítulo da Confraria, onde se apresentaram engaboados nos seus gabões castanhos os mestres e confrades da Confraria de

S. Gonçalo, juntamente com mestres da Confraria dos Enófilos da Bairrada com seus gabões negros, acompanhados não só da Real Scalabitana Confraria de S. Nicolau, de Santarém, como da Confraria de Gastronomia Vicent Von Gogh da Friselandia (Holanda) e da Confraria d'Angers (França).

Estão a cumprir-se as profecias de Eduardo Cerqueira e de Mário de Fiuza, de seu nome José Vinício Caracol Meireles:

- (...) se é que não será possível ressurgi-los (...) aos gabões de Aveiro".

- "... mas tenho fé que das cinzas do passado ainda um dia voltará a renascer; e então o gabão de Aveiro tornará a ser o orgulho dos aveirenses".

Tudo começou em 26 de Março de 1988, XVIII Aniversário do Lions Clube de Aveiro, sob o signo de um verso de Fernando Pessoa:

"DEUS QUERE; O HOMEM SONHA; A OBRA NASCE".

ANOTAÇÕES

"Cancioneiro de Aveiro"

Recolha e compilação de João Sarabando, 1966

"O Vitória Quintaneira,
Não vou mais ao teu serão;
Tu PEDISTE a Deus chuva
P'ra molhar o meu gabão."

"Cancioneiro rural de Ovar"

no jornal "Notícias de Ovar", de 5 de Abril de 1989

Tenho catorze piolhos
No capuz do meu gabão;
Hei-de matá-los a tiro,
Qu'a martelo já não vão.

"Cancioneiro de S. Gonçalinho"

"Redondilhas a S. Gonçalo" de Amadeu de Sousa, 1989

Para ir pescar ao rio
fez-se o Santo costureiro.
Para resguardar do frio,
Criou o gabão de Aveiro.

Não irel dançar contigo
Por causa do teu gabão.
Eu sei lá, se nesse abrigo,
Não se esconde uma traição.

Provérbios e Adágios

"Até ao S. João leva o teu gabão;
do S. João em DIENTE leva-o
sempre".

Sentença escrita no painel da proa de um moliceiro, exposto no Museu Marítimo de Ílhavo.

"Nem no Inverno, nem no verão,
guardes o gabão".

Adágio no Almanaque Bertrand, 1949.

"Lavra de gabão e sacha em leitão".

Rifão comunicado por J. Evangelista Campos.

"Quem tem capa sempre escapa;
quem tem gabão ou escapará ou
não".

Provérbio popular, de tradição oral.

OS MESTRES-ALFAIATES DE AVEIRO:

Tomás Ferreira
Albano Pereira
Antero de Almeida
Manuel Inácio
Mário Teles
Gafanhão
Henrique Sobreiro

Em Litoral de 12 Novembro 1960



ESTABELECIMENTO
DE
Fazendas de lã, seda e algodão, nacionaes
e o estrangeiras
DE
Joaquim Dias Abrantes
7 - RUA DE MENDES LEITE - 11
AVEIRO

Este estabelecimento tem sempre um grande
sortido de fazendas de lã, seda e algodão, as quaes,
tanto em qualidade como em preço, satisfazem,
sem competencin, a todas as classes.
Grande sortido e alta novidade em
CHALES
ESTA CASA É A FORNECEDORA
DO
GABÃO ELEGANTE
DE
AVEIRO

Anúncio publicado no almanaque
aveirense, Beira-Mar, em 1898.

António da Silva Melo - Largo da Apresenta-
ção

Aurélío - Antiga rua da Sé

J. Salgado - Antiga rua Direita

Misael - Largo da Fonte Nova

Resta, para terminar esta anotação, relacionada com o nome dos mestres-alfaiates, referir-me à "Achega" de Evangelista Campos, no "Litoral" de 22 de Setembro de 1989.

Nela nos dá a notícia dos mestres-alfaiates, que na primeira metade do século XX marcaram uma posição de destaque no corte e feitiço dos gabões de Aveiro.

São eles

- O Tomás
- O Manuel Inácio
- e O Antero

e também os "especialistas" que os tinham "prontos a vestir", como o Joaquim Dias Abrantes, em Aveiro, e o José Clemente, em Lisboa, na sua famosa "Casa das Tesouras".

Há a anotar a presença dos "adeleiros" que os expunham nas suas barracas da "Feira de Março", no Largo do Rossio, em Aveiro (1920 a 1930).

A gravura que se reproduz veio publicada no vol. 10 da Revista "Atlantis", da TAP Air Portugal, cujo exemplar me foi gentilmente enviado pelo Eng^o Sílvio Cerveira, Presidente da Câmara Municipal de Anadia.



Se bem atentarmos nas palavras do anúncio, não será difícil ajuizar que a moda do gabão estava bastante generalizada na Capital, no ano de 1877, data da montagem do telefone da "Casa das Tesouras" - (Algumas datas para a História do Telefone em Portugal - Museu CTT - 1974).

OS TECIDOS DOS GABÕES

gabões castanhos:

Burel – tecido de lã, simples, áspero.

Surrobeco – semelhante ao burel, mas mais largo e áspero. Fabricado na Covilhã.

Estamenha – tecido ordinário, de lã.

Briche – tecido de lã, felpudo.

Saragoça – tecido grosso, de lã escura.

Catrapeanha – tecido grosseiro.

Saial – pano grosso e ordinário.

gabões pretos:

Pano de vara – pano de lã, baço.

Pano de lã acetinado – pano de lã macio, brilhante e aveludado, ao tacto.

Merino – tecido feito de lã, de merino, muito leve e macio à palpação.

Tecidos para forros de gabões:

castorina – tecido de lã leve, que tinha inicialmente pelo de castor.

baeta – tecido felpudo de lã.

cetim – espécie de pano de seda, lustroso e fino.

escocês – tecido em riscas cruzadas de cores variadas e geralmente muito vivas.

O PREÇO DOS GABÕES

1843 –

O Rev^o Vieira Resende na "Monografia da Gafanha" diz ter encontrado, entre os papéis de um seu paroquiano, um apontamento do ano de 1843, que diz o seguinte:

"Thive despesas com ho meu entiado
Jozé: hum gavão pr 2000".

1900 a 1905 –

O Dr. Roberto Macedo, que frequentou o Liceu de Aveiro, de 1900 a 1905 diz que o seu gabão:

"Ficou por onze mil reis...".

A.D.A., vol. XXIX, 1963

1902 –

M. P. S. em "Litoral" de 22 Novembro de 1960.

"Um gabão custava 12.000 rs".

1979 –

gabão de fazenda preta, para a Confraria dos Enófilos da Bairrada 7.000\$00.

1981 –

gabão de pano acetilado, preto 10.000\$00.

1989 –

gabão, traje académico dos estudantes da universidade de Aveiro 12.500\$00.

1990 –

gabão de fazenda preta, para a Confraria dos Enófilos 21.000\$00.

1990 –

gabão (castanho) traje de cerimónia da Confraria de S. Gonçalo, de Aveiro 36.000\$00.

1990 –

um gabão de fazenda de lã preto, em Aveiro
26.000\$00.

CRONOLOGIA DO TRAJE ACADÉMICO DOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO

12 de Dezembro de 1988 –

O autor dirigiu à AEUA (Associação dos Estudantes da Universidade de Aveiro) uma exposição sugerindo o uso do gabão de Aveiro, como traje académico.

3 de Fevereiro de 1989 –

Convite da AEUA para o autor participar num Colóquio/Debate sobre o traje académico, para o qual foram convidadas AE's (Associações de Estudantes) das Universidades do Minho, Coimbra, Porto, Vila Real, Lisboa, Covilhã e Évora.

8 de Março de 1989 –

Colóquio/Debate no Anfiteatro III da Universidade de Aveiro.

Maio de 1989 –

Baile de gala da AEUA, no Teatro Aveirense. Recepção aos convidados por estudantes trajando o gabão de Aveiro.

6 de Novembro de 1989 –

Assembleia Geral, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

Primeiro - Criação do Conselho Consultivo da Ordem do Gabão, constituído por:

Luís Filipe Botelho - Paredes
Joaquim Augusto Martins da Silva - St^a Maria da Feira
Humberto Manuel Andril Carvalho - Aveiro
Belmiro Guimarães Ferreira Certo - Vila de Aves
Manuel António Gomes de Oliveira - Penafiel
Pedro Manuel Assis Loureiro Simões Vieira - Guarda
Carla Maria Oliveira Santos - Aveiro
Carla Maria de Almeida Brandão Guimarães - St^a Maria da Feira
Isabel Manuela Pimentel Pinto dos Santos - St^a Maria da Feira
Vera Lúcia Santos da Silva - St^a Maria da Feira
Fernando Manuel Leão Ripa - Lamego (representante do Orfeão Académico).

Segundo - Eleição do 1^o Bastonário da Ordem do Gabão:

Luís Filipe Botelho Ribeiro, quintanista de engenharia electrónica.

8 de Janeiro de 1989 –

Plenário no Anfiteatro III da Universidade de Aveiro, para apresentação do gabão de Aveiro, como traje académico.

17 de Janeiro de 1990 –

Cerimónia de Investidura da Ordem do Gabão dos universitários, que figuram no registo memorável:

1^a fila, da esquerda para a direita:

- 1 – Dr. Manuel Oliveiros
- 2 – Carla Maria Oliveira Brandão Guimarães
- 3 – Luís Filipe Botelho Ribeiro
- 4 – Maria Daniel Giraldo M. Silva
- 5 – Irundina Maria de Moura
- 6 – Maria Margarida Silva Monteiro
- 7 – Cristina Alexandre Canelas Firmino
- 8 – Isabel Maria da Cunha Domingues
- 9 – Amélia da Conceição Rodrigues Barros
- 10 – Dr^a Albertina Oliveiros

2^a fila, da esquerda para a direita:

- 1 – Joaquim Augusto Martins da Silva
- 2 – Belmiro Guimarães Ferreira Certo
- 3 – Carlos Manuel Ferreira Nascimento
- 4 – Luís Alberto Correia Fernandes Baptista
- 5 – Adriano José Silveira de Almeida
- 6 – Paulo Adelino Varandas Dias
- 7 – Humberto Manuel Andril Carvalho
- 8 – João Paulo Rocha Martins
- 9 – Luís Miguel Dino Cerveira da Silva
- 10 – Manuel António Gomes Oliveira.

NOTAS

- 1 – "Descobrimentos Portugueses", de Jaime Cortesão.
- 2 – Já médico, veio viver em 1738 para a Quinta da S^a da Oliveira, em Verdemilho, em "Aveiro, história e arte", de Amaro Neves, pag. 215.
- 3 – Arq. Dist. Aveiro, vol. V, pag. 216.
- 4 – As "manaias" dos homens da Ria: pescadores, mamotos, moliceiros e mercanteis.
- 5 – Gabão debruado. Ver Litografias de Macpahl, Jaubert e Palhares, em "Trajes e Costumes Populares no séc. XIX", de Rocha Madahil.
- 6 – Eduardo Cerqueira, em "Boletim Municipal de Aveiro", nº 1, Março de 1983. Armando França, em "Litoral" de 22 de Setembro de 1989.
- 7 – D. João Evangelista de Lima Vidal, em "Correio do Vouga" de 8 de Março de 1983.
- 8 – "Os Maias", ed. Livros do Brasil, Lisboa 1971. Vol. I pag. 96 e 120; vol. II, pag. 91 e 244.
- 9 – Confrontar "Litoral", nº 1576 do ano de 1989.

- 10 – Documentário fotográfico do aveirense Fausto Ferreira.
- 11 – Extraído do artigo "O Gabão de Aveiro" do Dr. José Pereira Tavares, vol. XXXVIII do Arq. Dist. de Aveiro.
- 12 – Fala do gabão, na revista cénica "Ao Cantar do Galo", de Mário Fiuza ou José Fiuza como afirma Evangelista Campos.
- 13 – Fala do Velho, na revista cénica "Última Visita de Pangloss", da autoria do Dr. José Pereira Tavares.

BIBLIOGRAFIA

"ALGUNS ASPECTOS DO TRAJO POPULAR NA BEIRA-LITORAL", A. G. Rocha Madahil, 1941.

"TRAJOS E COSTUMES POPULARES PORTUGUESES NO SÉC. XIX", Rocha Madahil.

"O GABÃO, Algumas notas", Luís Costa, 1981".

"AVEIRO ANTIGO. Fotografias de António Graça". Ed. da C. M. Aveiro, 1985.

"AVEIRO, História e Arte", Amaro Neves. Ed. ADERAV, Aveiro, 1984.

"PARA A IMAGEM ANTIGA DE AVEIRO - O POSTAL ILUSTRADO". Ed. ADERAV, 1984.

"AVEIRO. Silhuetas do Tempo que Passa", Amaro Neves e Carlos Ramos. Ed. ADERAV, 1985.

"VIAGENS NA MINHA TERRA", Almeida Garrett. Ed. Verbo, 1983.

"OS MAIAS", Eça de Queirós. Ed. Livros do Brasil, L. da Lisboa, 1971.

"SÓ", António Nobre. Ed. Tavares Martins, Porto, 1950.

"OLHO DE VIDRO. Romance histórico", Camilo Castelo Branco. 6ª edição, conforme a 1ª, única revista pelo autor. Ed. A. M. Pereira, 1968.

"MONOGRAFIA DA GAFANHA", Pe. João Vieira Resende. Reedição da C. M. de Ílhavo, 1989.

"COSTUMES E GENTE DE ÍLHAVO", Diniz Gomes. Reedição da C. M. de Ílhavo, 1989.

"OS LUSÍADAS VAREIROS", de António Manarte, 1985.

"OS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES", Jaime Cortesão. Ed. Arcádia, nº 1066, autografado.

"CANCIONEIRO DE AVEIRO", compilação de João Sarabando. Ed. 1966.

"S. GONÇALINHO EM REDONDILHAS", Amadeu de Sousa. Ed. da C. M. de Aveiro, 1989.

"DICIONÁRIO GERAL E ANALÓGICO DA LÍNGUA PORTUGUESA", Artur Bivar. Ed. Ouro Lda., Porto, 1925.

"GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA".

PUBLICAÇÕES CONSULTADAS

"Alguns Aspectos do Trajo Popular na Beira-Litoral", Rocha Madahil. Separatas do Arq. do Dist. Aveiro. volumes nº IV, V, VII.

"O Meu Varino", Dr. Roberto Macedo. Separata do Arq. Dist. Aveiro, volume nº XXIX, 1963.

"O gabão de Aveiro", Dr. José Tavares. Separata do Arq. Dist. Aveiro, volume nº XXXVIII.

"Os gabões de Aveiro", Eduardo Cerqueira. Boletim Municipal de Aveiro, nº 1, 1983.

"O Gabão. Algumas notas", Luís Ferreira da Costa. Ed. da Confraria dos Enófilos da Bairrada, 1981.

"A Confraria dos Enófilos da Bairrada" - um pouco da sua história", Luís Ferreira da Costa. Boletim ADERAV, Maio de 1987.

"O Desaparecido gabão de Aveiro", Eduardo Cerqueira. Jornal "Correio do Vouga", nº 2597, Junho de 1982.

"O que é o gabão de Aveiro?" Carta de M. P. S. no jornal "Litoral" de 12 de Novembro de 1960 - Ano V.

"Acheegas para a Historiografia de Aveiro", CLXX e CLXXI, de 22 e 29 de Setembro de 1989, em o "Litoral".

"O gabão. Porquê Varino?", Severim Marques, em "Litoral" de 17 de Abril de 1989.

"Eça de Queirós, em Aveiro", Dr. Armando França. "Litoral" de 22 de Setembro de 1989.

"O gabão (Varino)" - nótulas de Severim F. Marques.

M. Ed. dos Santos Oliveiros

Igreja de São Jacinto

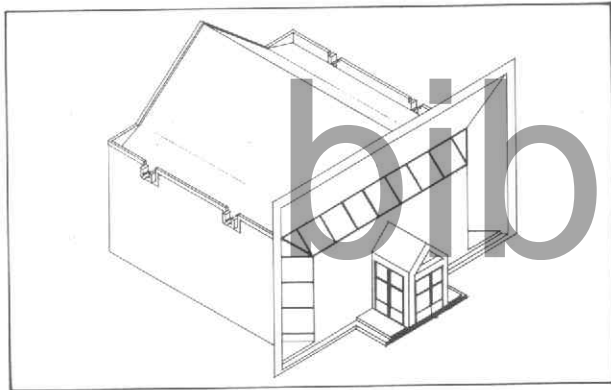
Projecto de Ampliação

A Câmara Municipal aprovou, na sua reunião de 10.2.92, o projecto definitivo das obras de ampliação da igreja de Nossa Senhora das Areias, em São Jacinto.

Os trabalhos estão orçados em cerca de 20 mil contos e, no aspecto técnico, para além da ampliação do templo, propriamente dita, implicam a "limpeza" da construção inicial, com a exclusão dos "acrescentos" que, ao longo dos tempos, foram sendo feitos, descuidadamente, sem respeito pela arquitectura original.

É da preservação daquilo que de melhor existe, ao nível do património construído, que se trata, pelo que nos merece um destaque especial este "trabalho", da autoria do Gabinete de Recuperação da Área Urbana (GRUA), do qual damos notícia desenvolvida.

Trata-se de uma construção do séc. XVII, de planta central (hexagonal) com cantaria em pedra, em



fraco estado de conservação, a que foram acrescentados sem grande cuidado diversos anexos.

Pela delicadeza e risco que contém um projecto desta natureza, defendemos a hipótese de conservar e restaurar este edifício e fazer um novo, em local a designar, que fosse a nova igreja de São Jacinto.

Esta hipótese foi rebatida com os argumentos de que uma nova igreja noutra local votaria esta ao abandono e consequente degradação, bem como significaria afastar os fiéis dos lugares tradicionais.

Assim, e na inevitabilidade da intervenção, foi definida a estratégia a desenvolver que se resume:

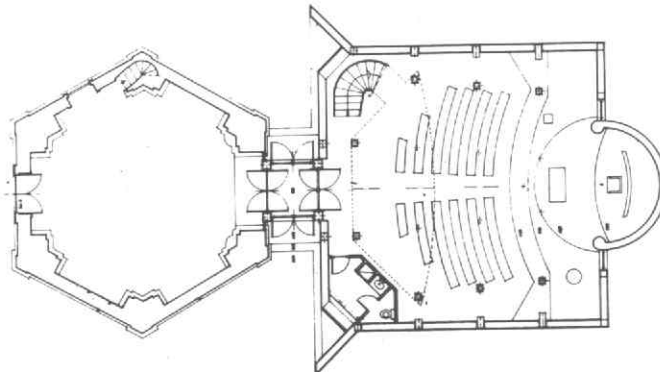
- "Limpar" o edifício existente dos corpos que lhe foram acrescentados, recuperar e reparar a capela hexagonal. Esta, para além de poder ser utilizada como capela mortuária e museu, será a antecâmara da nova igreja, bem como espaço de prolongamento em ocasiões especiais ou procissões;

- Criar um novo corpo, inteiramente autónomo, ligando-o ao existente por uma passagem em vidro. Este corpo desenvolve-se segundo o eixo da entrada da capela hexagonal, no prolongamento do que era o altar-mor;

- No novo edifício opta-se por formas e linguagem puras e rigorosas, evitando competir com a exuberância do templo existente, para que esta mantenha o seu valor referencial. Proporciona-se o edifício de forma a, sem perder a dignidade, valorizar o conjunto numa integração que evita o mimetismo;

- O novo edifício, cuja forma básica é um paralelepípedo, abre-se na ligação visual ao existente, ganhando dimensão e escala de ligação e fazendo a transição. No lado oposto, o volume é interceptado por um outro corpo que marca o novo altar-mor e remata o conjunto.

- Internamente, a estrutura ganha exuberância, soltando-se das paredes (sugerindo a estrutura de um banco), ritmando o espaço e convertendo-se em elementos decorativos. Apoiado nesta estrutura e também solto das paredes, prevê-se um pequeno coro do lado oposto ao altar, aumentando a capacidade da igreja que será de 250 lugares sentados. Por debaixo deste coro, para além da escada de acesso e no lado oposto, organiza-se uma pequena sacristia.



Edições da Câmara Municipal

1. — LIVROS E OPÚSCULOS

AVEIRO, BERÇO DA LIBERDADE, A REVOLUÇÃO DE 16 DE MAIO DE 1828 — Marques Gomes — Ed. 1928.

AVEIRO, ROTEIRO DA CIDADE — Comissão Municipal de Turismo — Ed. 1957.

DIVAGAÇÕES DE UM TERCEIRO — Jaime de Magalhães Lima — Ed. 1957.

DISCURSO DO PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DR. ALBERTO SOUTO NO ACTO SOLENE DA SUA POSSE EM 11 DE MAIO DE 1957 — Ed. 1957.

EFEMÉRIDES AVEIRENSES, VOL. 1 — António Cristo — Ed. 1959.

COLECTÂNEA DE DOCUMENTOS HISTÓRICOS, VOL. 1 — Rocha Madail — Ed. 1959.

JOSÉ ESTÊVÃO — ESTUDOS E COLECTÂNEA — Comissão do Centenário de José Estêvão — Ed. 1962.

O MEU DIÁRIO DE VIAGEM — D. João Evangelista de Lima Vidal — Ed. 1968.

COLECTÂNEA DE DOCUMENTOS HISTÓRICOS, VOL. II — Rocha Madail — Ed. 1968.

LIVRO DE ACORDOS DA CÂMARA DE AVEIRO DE 1580 — Francisco Ferreira Neves — Ed. 1971.

MOLICEIROS — Diamantino Dias — Ed. 1971.

AVEIRO E A SUA REGIÃO — Fernando Rebelo / Ângelo Quaresma — Ed. 1979.

A FREGUESIA DE SÃO BERNARDO — João Gonçalves Gaspar — Ed. 1980.

A PRINCESA SANTA JOANA E A SUA ÉPOCA. 1452-1490 — João Gonçalves Gaspar — 1.ª Ed. de 1981; 2.ª Ed. 1988.

ROTEIRO DE AVEIRO — Comissão Municipal de Turismo — Ed. 1983.

JOSÉ ESTÊVÃO — DISCURSOS PARLAMENTARES. Ed. 1983 (reimpressão fac-similada da 1.ª edição).

AVEIRO. NOTAS HISTÓRICAS — João Gonçalves Gaspar — Ed. 1983.

CACIA E O BAIXO VOUGA — APONTAMENTOS HISTÓRICOS E ETNOGRÁFICOS — Bartolomeu Conde (Coordenador) — Ed. 1984.

AVEIRO ANTIGO. CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO DE ANTÓNIO GRAÇA — Ed. 1984.

INSTAURAÇÃO DA REPÚBLICA. COMEMORAÇÃO DOS 75 ANOS. IMAGENS DA ÉPOCA — Coordenação de Custódio Ramos, Emanuel Cunha e Manuel Rodrigues — Ed. 1985.

CALENDÁRIO HISTÓRICO DE AVEIRO — António Cristo e João Gonçalves Gaspar — Ed. 1986.

ORIGENS DA RIA DE AVEIRO — Orlando de Oliveira — Ed. 1988.

ACHEGAS PARA A HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE — João Evangelista de Campos — Ed. 1988.

AVEIRO ÀS CIDADES IRMÃS E AMIGAS — Júlio de Sousa Martins e João Gaspar, pinturas de Cândido Teles — Ed. 1988.

INVENTÁRIO DESPORTIVO DO MUNICÍPIO DE AVEIRO — Coordenação de Rui Barros, Emanuel Cunha e Jorge Guimarães — Ed. 1989.

A FEIRA DE MARÇO ATRAVÉS DOS TEMPOS — Júlio de Sousa Martins — Ed. 1989.

SÃO GONÇALINHO EM REDONDILHAS — Amadeu de Sousa — Ed. 1989.

I BIENAL INTERNACIONAL DE CERÂMICA ARTÍSTICA (Catálogo) — Serviços da Cultura da C.M.A. — Ed. 1989.

AGENDA CULTURAL — Serviços da Cultura da C.M.A. — Edições de 1990 e 1991.

AGENDA DESPORTIVA — 1990/91 — Serviços de Cultura da C.M.A. — Ed. 1990.

BOLETIM MUNICIPAL DE AVEIRO — Publicação semestral desde 1983.

INFORMATIVO — Publicação mensal desde Fevereiro de 1987.

AVEIRO MEDIEVAL — Maria João Violante Marques da Silva — Ed. 1991.

II BIENAL INTERNACIONAL DE CERÂMICA ARTÍSTICA (Catálogo) — Serviços da Cultura da C.M.A. — Ed. 1991.

2. — CERÂMICA

ESTATUETA DE SANTA JOANA — Escultor: Jorge José de Figueiredo; Material: «Biscuit»; Oficina: Fábrica da Vista Alegre; Tiragem: 1000 ex. numerados (Série limitada); Ano: 1983.

ESTATUETA DE SANTA JOANA — Escultora: D. Maria Graciosa Mendes de Carvalho; Material: Barro vermelho; Oficina: José Augusto; Ano: 1983.

BUSTO DA REPÚBLICA — Escultor e Oficina: José Augusto; Material: Barro vermelho; Ano: 1985.

3. — NUMISMÁTICA

MEDALHA COMEMORATIVA DO 225.º ANIVERSÁRIO DA ELEVÇÃO DE AVEIRO A CIDADE — Desenho: Jorge Trindade; Diâmetro: 7,9 cm; Material: Bronze; Ano: 1984.

MEDALHA COMEMORATIVA DO 550.º ANIVERSÁRIO DA FEIRA DE MARÇO — Desenho: Jorge Trindade; Diâmetro: 7,9 cm; Material: Bronze; Ano: 1984.

MEDALHA COMEMORATIVA DO 555.º ANIVERSÁRIO DA FEIRA DE MARÇO — Desenho: Afonso Henrique; Diâmetro: 7,9 cm; Material: Bronze; Ano: 1989.

MEDALHA COMEMORATIVA DO V CENTENÁRIO DE SANTA JOANA — Desenho: Jeremias Bandarra; Diâmetro: 9 cm; Material: Bronze; Ano: 1990.

Duas Comemorações

1. DR. FRANCISCO FERREIRA NEVES

O conhecido professor liceal e insigne historiador aveirense nasceu, na Travessa de Sá, no dia 24 de Dezembro de 1892, vindo a falecer em 1984. Por isso, ocorre, no próximo dia 24 de Dezembro, o primeiro centenário do seu nascimento.

O Dr. Ferreira Neves é credor da gratidão de Aveiro e da sua região, por inúmeros trabalhos sobre a sua história, referentes tanto a homens ilustres e instituições antigas, como a monumentos e factos aqui ocorridos.

Em Março de 1935, ele e os Drs. José Pereira Tavares e António Gomes da Rocha Madaíl tomaram a iniciativa de começarem a editar a revista trimestral "Arquivo do Distrito de Aveiro", valioso repositório de documentos e estudos de interesse local. Publicada ininterruptamente, o seu último número saiu do prelo no final de 1976.

Além da atribuição do seu nome à toponímia citadina, seria muito útil que se organizasse e se desse à estampa o índice alfabético dos assuntos e dos autores do "Arquivo do Distrito de Aveiro". Além da sua utilidade, esta publicação significaria uma justa homenagem a quem muito se dedicou por Aveiro.

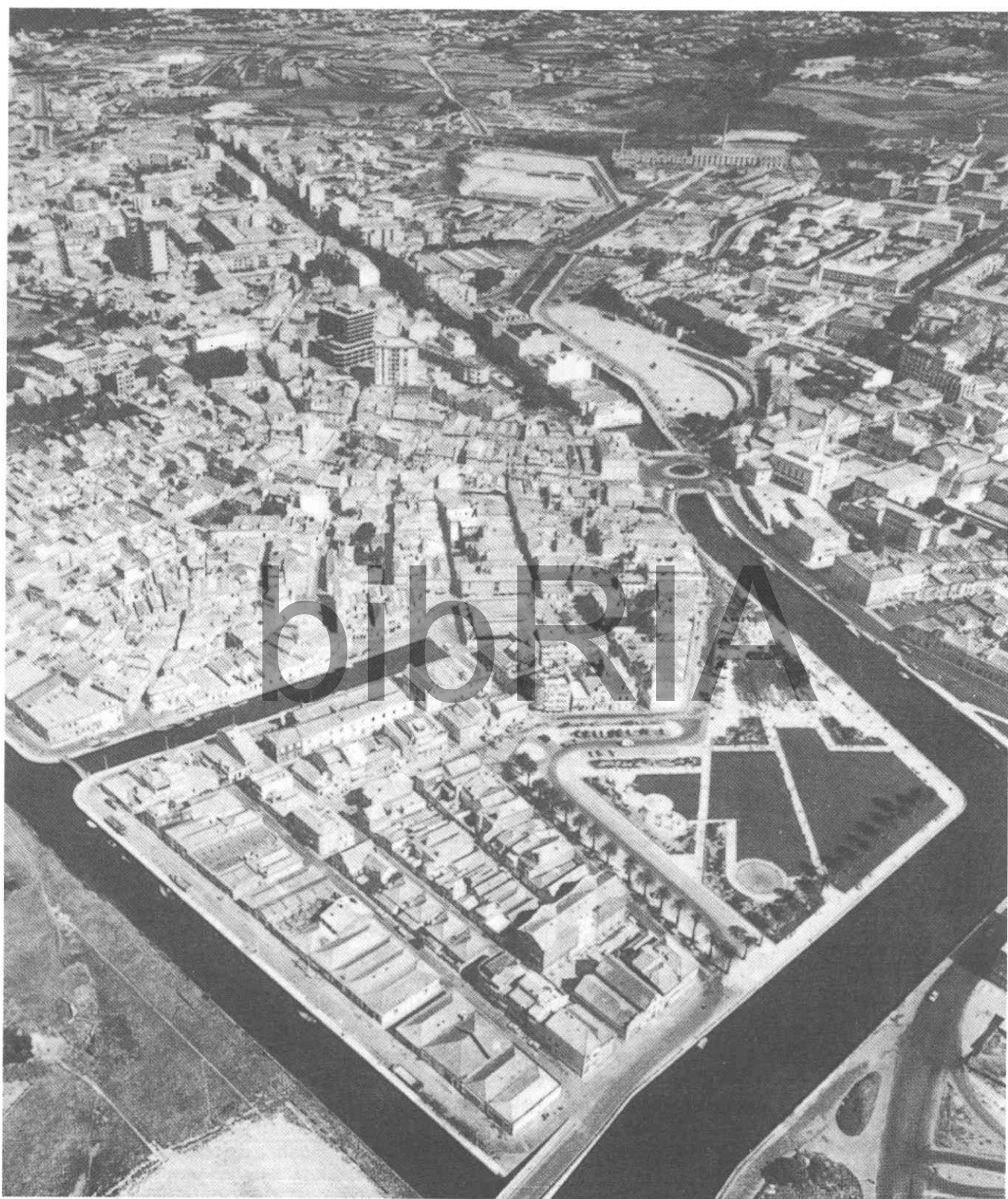
Sabemos que este trabalho já se encontra adiantado.

2. FRANCISCO MANUEL HOMEM CRISTO

Em sua reunião de 8 de Junho de 1992, a Câmara Municipal de Aveiro deliberou oficialmente comemorar em 1993 o 50º aniversário do falecimento do emérito aveirense Francisco Manuel Homem Cristo que, nascido em 1860, na Rua de S. Martinho, faleceu em 25 de Fevereiro de 1943, na sua casa junto ao Parque Municipal.

Oficial do Exército, professor universitário, deputado, militante político, paladino da imprensa popular, escritor e jornalista vigoroso, porventura o maior panfletário português de todos os tempos, a ele também Aveiro ficou a dever assinaláveis benefícios, sobretudo no que respeita às obras da barra e do porto de Aveiro, de cuja Junta Autónoma foi presidente desde 1925 a 1930. O seu jornal – "O Povo de Aveiro" – por ele fundado em 29 de Janeiro de 1882, era conhecido e lido avidamente em todo o país, atingindo uma tiragem excepcional.

Para se dar corpo ao programa da referida homenagem, já se encontra formada uma Comissão, constituída pelo Vereador Prof. Celso dos Santos, Dr. Emanuel Cunha, Mons. João Gonçalves Gaspar, João Sarabando, Dr. Amaro Ferreira Neves, Dr. Manuel Ferreira Rodrigues, Luís Manuel Homem Cristo (pela família), representantes da Universidade de Aveiro, da Diocese de Aveiro e da Junta Autónoma do Porto de Aveiro e um professor de História por cada Estabelecimento de Ensino Preparatório e Secundário.



AVEIRO – Vista Aérea

COOPERAÇÃO COM FARIM

Os Vereadores Victor Silva e António Alves visitaram a Guiné-Bissau, de 17 a 25 de Janeiro, inseridos numa comitiva de aveirenses interessados na exploração de várias formas de cooperação com aquela ex-colónia portuguesa.

Os representantes da Câmara Municipal tiveram oportunidade de assinar um acordo de amizade com as autoridades de Farim, cidade da Região de Oio, no Norte da Guiné-Bissau.

O protocolo, que culminou uma série de contactos com autoridades e agentes económicos locais, tem incidência em diversos aspectos, como a cultura, a acção social, a educação, o turismo e a informação num sentido alargado.

Pretende-se, com este acordo, incrementar os laços históricos e as relações de amizade que unem os dois países e perspectivar um conjunto tão vasto quanto possível de acções de cooperação susceptíveis de elevar o bem-estar das populações e um melhor conhecimento mútuo.

O acordo prevê a formação de diversas comissões, que terão a seu cargo a concretização dos programas sectoriais a levar a efeito nas duas cidades, e estabelece que a Câmara Municipal de Aveiro ajudará a cidade de Farim, na implementação dos seus programas, com apoio técnico e material, na medida das suas possibilidades.

Por informação colhida junto do Vereador Victor Silva, o que mais se solicitou a Aveiro foram medicamentos, materiais diversos e equipamentos.

"MAMOA" DE MAMODEIRO

Localizada e identificada, em 1941, pelo Dr. Alberto Souto, a mamoa de Mamodeiro, na actual freguesia de Nossa Senhora de Fátima, vai ser finalmente explorada e posta à luz do dia. Os trabalhos, que exigem muita perícia e cuidadp, vão estar a cargo do arqueólogo Dr. Fernando Pereira da Silva. A Câmara Municipal de Aveiro também está interessada neste objectivo, procurando contactar os proprietários dos terrenos para que se possa dar início às escavações, além de suportar os custos da estadia e da alimentação de dois arqueólogos e de conceder o necessário apoio logístico.

Situado num pinhal, no lugar da Mamoa, este monumento megalítico foi recentemente e de novo descrito por uma jovem, Maria Miguel Lucas, no âmbito de um estudo patrocinado pelo Município, que este Boletim publicou em 1989. Em 25 de Janeiro do corrente ano, por sugestão da Comissão Consultiva de Cultura, um grupo de aveirenses deslocou-se ao local para ver e ouvir explicações do Dr. Fernando Pereira da Silva.

Pensa-se que a mamoa terá grandes dimensões, com cerca de trinta metros de diâmetro, em forma circular alongada, julgando-se que seja um dos grandes exemplares de arquitectura pré-histórica da Região Centro-Norte.

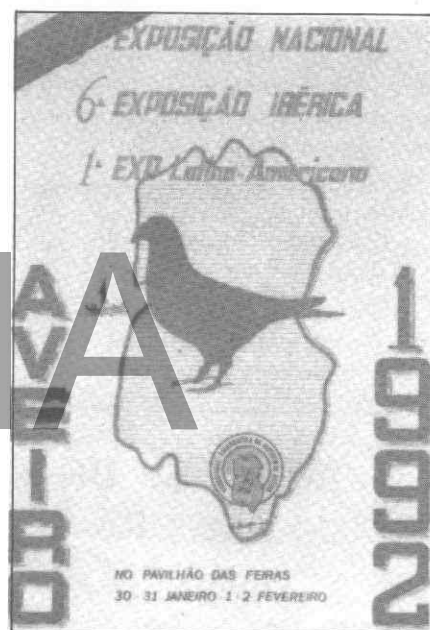
Servindo de cemitério e até de ponto de reunião de pessoas sobre as cinzas dos seus mortos, as mamoas também eram marcas de delimitação territorial da área de influência de determinado grupo tribal. A exploração científica da mamoa de Mamodeiro ocasionará que se faça um pouco mais de luz sobre antecedentes

remotos e desconhecidos das gentes da nossa região, fazendo emergir Aveiro de um passado nebuloso, situado por alturas do segundo milénio antes de Cristo.

EXPOSIÇÕES COLUMBÓFILAS

De 30 de Janeiro a 2 de Fevereiro, realizaram-se em Aveiro, no Parque Municipal de Feiras e Exposições, três exposições columbófilas: - a XIX Exposição Nacional, a VI Exposição Ibérica e a I Exposição Latino-Americana; a abertura contou com a presença de diversas entidades oficiais. A iniciativa e a responsabilidade da organização pertenceram à Federação Portuguesa de Columbofilia e à Associação Columbófila do Distrito de Aveiro, que contaram com os apoios da Direcção Geral dos Desportos, do Governo Civil do Distrito, da Região de Turismo Rota da Luz e da Câmara Municipal de Aveiro.

Um número aproximado de 500 pombos correios, oriundos das treze Associações Portuguesas e das selecções da Espanha, da Roménia e da América Latina, animaram o pavilhão octogonal e atraíram cerca de 35.000 visitantes. Tarefa difícil coube ao júri para apurar os vencedores deste enorme certame, nas classes de Sport e de Standard.



*Cartaz das Exposições
Columbófilas - 1992*

A selecção portuguesa renovou, pela sexta vez consecutiva, o título de campeã ibérica, ficando os seus pombos nos seis primeiros lugares da classificação. Além disso, quanto à prova nacional, o favorito, que era o Distrito de Aveiro, acabou por ficar classificado apenas com uma única vitória, ao contrário do de Santarém, que arrebatou os três primeiros lugares, e o do Porto, com dois.

A par destes certames, decorreu também o I Congresso Ibero-Latino-Americano, que contou com delegados do Brasil, Colômbia, Espanha, México, Perú, Portugal, Roménia e Venezuela; o seu objectivo fundamental foi a análise da situação da columbofilia nos diferentes países e a procura de meios que levem a despertar o interesse pelo desporto columbófilo.

As escolas do concelho de Aveiro também não foram alheias à iniciativa, efectuando um concurso sob o tema "O pombo correio visto pela criança". Perto de duzentos trabalhos apresentaram-se em exposição pública e ao exame do júri, que teve necessidade de alargar os prémios de três para oito.

Esta experiência columbófila uniu em amizade e intercâmbio pessoas de diversos países e continentes. Estreitaram-se laços comuns, enriqueceram-se mutuamente visões culturais, derrubaram-se fronteiras linguísticas e trocaram-se mensagens de paz pela acção e pelo amor do pombo correio.

A Câmara Municipal de Aveiro não podia ser insensível ao acontecimento

marcante, de nível internacional; na sua reunião pública de 3 de Fevereiro, deliberou que se lavrasse em acta um louvor à Federação Portuguesa de Columbofilia e outro à Associação Columbófila do Distrito de Aveiro, pela forma como levaram a bom termo uma actividade que tanto enobreceu Aveiro.

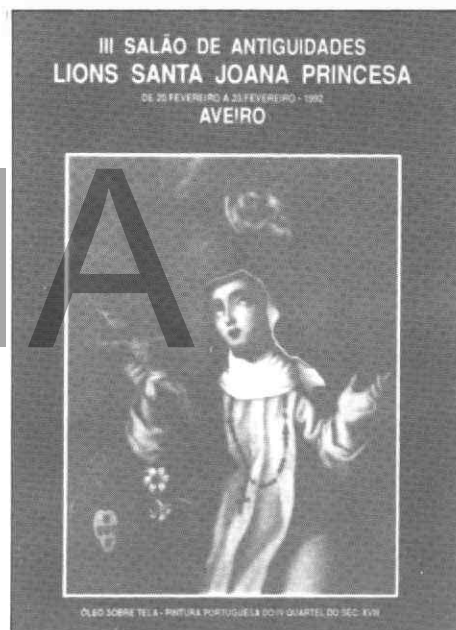
III SALÃO DE ANTIGUIDADES

Pela terceira vez consecutiva, o Lions Clube de Santa Joana Princesa, com o apoio da Câmara Municipal de Aveiro, reuniu antiquários e visitantes no III Salão de Antiguidades, que decorreu de 20 a 23 de Fevereiro, no pavilhão octogonal do Parque Municipal de Feiras e Exposições. De facto, quarenta e cinco expositores, provenientes de Setúbal, Lisboa, Leiria, Figueira da Foz, Águeda, Aveiro, Oliveira de Azeméis, Porto, Póvoa do Varzim, Barcelos e Braga, cada um com a sua própria personalidade, trouxeram até nós muitas centenas de peças antigas, que milhares de visitantes puderam apreciar – e muitos deles adquirir.

Na inauguração estiveram presentes diversas entidades, entre as quais o Governador Civil do Distrito, o Presidente da Câmara Municipal de Aveiro e o Vigário Geral da Diocese. Desde logo se pôde verificar que o certame, apesar dos seus curtos anos, se começa a impor como um acontecimento indispensável em Aveiro e uma iniciativa de relevo no País.

bibRIA

*Capa do Catálogo do
III Salão de Antiguidades*



Como tem acontecido, as receitas do III Salão de Antiguidades reverteram em favor de instituições e obras de solidariedade social.

ANIMAÇÃO CULTURAL

A Câmara Municipal aprovou, para este ano, um programa de animação cultural das freguesias, que se estendeu de Março a Junho.

Ao todo, realizaram-se vinte espectáculos de folclore, teatro e dança, que tiveram por objectivo levar as associações culturais da cidade às freguesias rurais e vice-versa, num intercâmbio que resultou salutar e desejável.

Março:

Dia 14 — 21.30H – Grupo Polifónico de Aveiro. Actuação no Pavilhão Gimnodesportivo - Oliveirinha.

Dia 21 — 21.30H – Grupo Etnográfico e Cénico das Barrocas. Actuação na Santa Cecília - S. Bernardo.

- Dia 22** — 15.30H – CETA - Círculo Experimental de Teatro de Aveiro. Actuação - S. Jacinto.
- Dia 26** — 21.30H – Tuna Santa Cecília. Actuação no Centro Social de Taboeira - Esgueira.
- Dia 29** — 15.30H – Arlequim - Teatro para a Infância. Actuação - Eixo.
- Abril:**
- Dia 5** — 15.30H – CETA - Círculo Experimental de Teatro de Aveiro. Actuação no Pavilhão Gimnodesportivo - Oliveirinha.
- Dia 12** — 15.30H – Orquestra de Câmara de Aveiro. Actuação no Centro Social - Eirol.
- Maio:**
- Dia 2** — 21.30H – Grupo Etnográfico e Cénico das Barrocas. Actuação no Centro Social - Mamodeiro.
- 21.30H – Projecto de Dança de Aveiro. Actuação - S. Jacinto.
- Dia 3** — 15.30H – Projecto de Dança de Aveiro. Actuação - Eixo.
- Dia 9** — 21.30H – Tuna Santa Cecília. Actuação no Centro Social - Cacia.
- 21.30H – Grupo Cultural Semente. Actuação no Centro Social de Taboeira - Esgueira.
- 21.30H – Orquestra de Câmara de Aveiro. Actuação no Centro Social - Requeixo.
- Dia 10** — 15.30H – Arlequim – Teatro para a Infância. Actuação - Santa Joana.
- 21.30H – Grupo Cultural Semente. Actuação na Santa Cecília - S. Bernardo.
- Dia 23** — 21.30H – Arlequim – Teatro para a Infância. Actuação no Centro Social - Eirol.
- 21.30H – Projecto de Dança de Aveiro. Actuação - Santa Joana.
- Dia 30** — 21.30H – Projecto de Dança de Aveiro. Actuação no Centro Social de Verba - Nariz.
- Junho:**
- Dia 18** — 21.30H – Orquestra de Câmara de Aveiro. Actuação no Centro Social - Cacia.
- Dia 21** — 21.30H – Coral Vera-Cruz. Actuação no Centro Social - Cacia.

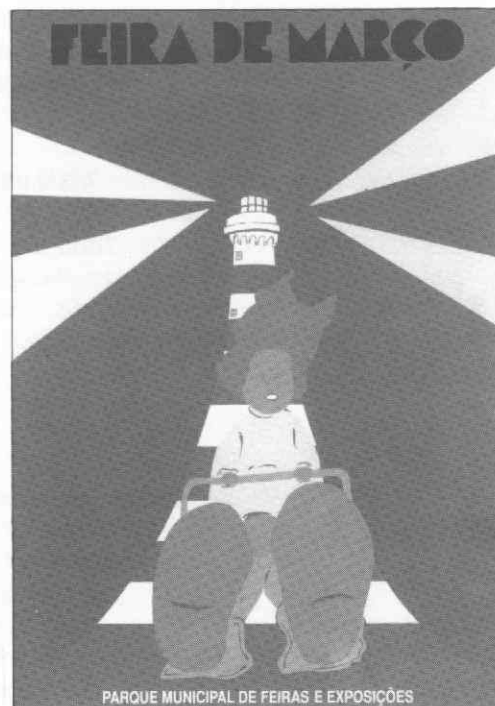
FEIRA DE MARÇO

Com a inauguração realizada no dia 25 de Março, a Feira de Março de 1992 decorreu até 25 de Abril seguinte. Tal como nos últimos anos, a escolha do respectivo cartaz foi objecto de um concurso aberto entre os alunos das escolas secundárias do concelho de Aveiro, que apresentaram várias centenas de desenhos – o que dificultou a escolha do júri.

A selecção acabou por recair no trabalho de Sara Isabel, aluna do 10º ano, turma K, da Escola Secundária de José Estêvão. Em segundo lugar foi classificado o desenho de Carlos César, do 7º ano, turma G, da Escola Secundária de Esgueira; e o terceiro lugar coube a Rui Miguel, aluno do 9º ano, turma G, da Escola Secundária de José Estêvão. Excepcionalmente, o júri decidiu atribuir um prémio especial a Vasco Miguel Neves de Melo, aluno da Escola Secundária de José Estêvão, pelo seu desenho que, embora sem características de cartaz, se distinguia por um grande sentido de humor e uma notável capacidade expressiva do ambiente de uma feira.

Ao longo de todo o mês, especialmente nos fins de semana, o Parque Municipal de Feiras e Exposições registou a presença de centenas de milhares de pessoas, que animaram a Feira de Março. Foram multidões. Simultaneamente decorreu um programa cultural com exhibições de Ranchos Folclóricos, Grupos de Danças e Cantares, Bandas e Grupos de Música, Ilusionismo, Variedades, Palhaços, Cançonetistas, etc..

Cartaz da Feira de Março/92.
(Design de Sara Isabel)



Por sua vez, o concurso de stands teve os seguintes resultados: – 1º prémio, Avó Amaral, Lda. (Aveiro); 2º prémio, Anselmo Santos, Lda. (Aveiro); 3º prémio, Ases - Alarmes e Sistemas Electrónicos de Segurança, Lda. (Aveiro). Menções honrosas: - Mediave (Aveiro); Arsac (Aveiro); Cesai (Aveiro); Induslubre (Esgueira); Sarugo (São João da Madeira); Unissolda (Aveiro); Serração Ideal de Estarreja.

Registamos ainda a presença amiga dos stands das cidades irmãs, Ciudad Rodrigo (Espanha), Arcachon (França) e Viseu.

Transcrevemos aqui os textos subscritos pelo Presidente da Câmara Municipal e pelo Vereador do Pelouro das Feiras e publicados no caderno da Feira de Março:

1.

– *"Sempre que a Feira de Março abre as portas, é uma porção da realidade aveirense - desta comunidade tão rica no dinamismo que transporta como nos contrastes que encerra - que se revela em muitos aspectos que, não raro, o atribulado quotidiano nos impede de perceber.*

Multicentenária, nos seus 558 anos, a Feira de Março continua a orgulhar as gentes e a reflectir as potencialidades da região, de uma maneira única, pedindo meças aos certames mais recentes, às exposições especializadas. E muitas são aquelas que o parque de feiras tem acolhido, especialmente nos últimos anos.

Por isso, ou apesar disto, a procura vem aumentando de ano para ano, superando largamente a capacidade de oferta, trazendo à evidência que o actual Parque Municipal de Feiras e Exposições é manifestamente insuficiente. Já não chega.

Hoje, como há uma dúzia de anos - quando a Feira de Março mudou para o sítio que é o actual parque de feiras - torna-se necessário, senão premente mesmo, projectar um novo parque, mais amplo, mais desafogado e capaz de corresponder tanto às exigências crescentes desta feira como aos requisitos dos restantes certames, que integram o calendário anual de exposições de Aveiro.

Presentemente, estudam-se as hipóteses de implantação do futuro parque de exposições, tendo a Comissão de Gestão chegado à selecção de duas localizações possíveis, sobre as quais a Câmara Municipal vai, agora, ser chamada a decidir. Terá de decidir a breve prazo, sem dúvida...

De qualquer forma, seja qual for a localização que vier a ser adoptada, uma certeza podemos ter: é que a Feira de Março, enraizada como está nos nossos hábitos e nos nossos costumes, terá de manter-se fiel às suas características de

"feira-festa", ao casamento bem sucedido entre o lúdico e o promocional, que foi aprimorando ao longo dos tempos e que fez dela um certame único e singular.

Há 558 anos..."

2.

– *"Mais uma vez, como acontece há 558 anos, a Feira de Março apresenta-se à cidade como se de uma nova feira retratasse.*

Toda a gente a conhece, é certo. Nela tudo acontece durante um mês. São as quinquilharias, a maquinaria, o comércio, a indústria, os comes e bebes e até os carroceiros. Contudo, a todos se apresenta, em cada ano, como que uma surpresa, uma novidade.

A cidade revê-se nela, as terras vizinhas e longínquas têm-lhe amor e todos, embora a conheçam, de séculos, ficam sempre agradavelmente impressionados quando abre as suas portas.

É assim a Feira de Março. Sem perder as suas características, de certo modo invulgares, acompanha e adapta-se ao progresso e modernidade.

Continuando a ser história é também uma importante demonstração das capacidades económicas da região, e contribui fortemente para o seu progresso.

A exiguidade do Parque onde se realiza, nomeadamente a sua área coberta, não permitiu, mais uma vez, que todos os expositores fossem atendidos.

Lamentando o sucedido, fazemos votos de que em breve surja um novo espaço que a todos permita o acesso".

Comissão da Feira de Março:

Presidente: Prof. Celso dos Santos; Secretariado: Alexandrina Maximino; Irene Bártolo e Nelson Chaves; **Comissão Técnica:** António José Bartolomeu, João Portugal, Gonçalo Lé, Dr. Emanuel Cunha, Elmano Ramos, Justino Tomás Ribeiro, José Esperanço, Eng. Acílio Vitória, Serviços de Fiscalização, José Carlos Maximino. **Colaboradores:** Inatel.

Júri do Concurso do Cartaz:

Prof. Celso dos Santos, Arq. José Quintão, Designer João Portugal, Arq^a Maria Teresa Pereira Campos, Pintora Lúcia Seabra, Arq. Ângelo Simões Amaro Centeno.

Júri do Concurso dos Stands:

Dois técnicos municipais, um jornalista e representantes do Lions Clube de Aveiro, da Associação Industrial do Distrito de Aveiro e da Associação Comercial de Aveiro.

Número de Expositores:

Pavilhão octogonal	– 38
Pavilhão rectangular	– 51
Pavilhão verde	– 11
Área livre	– 14

Número de Comerciantes:

Módulos velhos	– 37
Módulos novos	– 19
Particulares	– 36
Comes e Bebes	– 19
Diversões	– 38

BICIMOTA/92

Organizada pela Associação Nacional dos Industriais de Bicicletas, Ciclomotores, Motocicletas e Acessórios (ABIMOTA), efectuou-se em Aveiro, de 6 a 10 de Maio, a II Exposição de Velocípedes, Ciclomotores, Motociclos e Componentes – BICIMOTA/92. O local escolhido para o importante certame nacional foi o Parque Municipal de Feiras e Exposições.

Na abertura, além do Governador Civil do Distrito, do Bispo da Diocese, do Vereador do Pelouro das Feiras da Edilidade Aveirense e do Presidente da ABIMOTA, esteve presente o Ministro dos Transportes, Comunicações e Obras Públicas, acompanhado pelo Secretário de Estado da Indústria.

Ferreira do Amaral aproveitou a oportunidade para afirmar que o sector dos veículos de duas rodas é um dos mais dinâmicos e de maior pujança económica

do País; recordou também que a dinâmica dos respectivos industriais não parou, apesar de se terem feito sentir alguns receios por causa "da liberalização dos mercados, da integração e da concorrência".

Usando da palavra, José Maria Marques, Presidente da ABIMOTA, salientando a importância do sector dos veículos de duas rodas, disse que este produz actualmente trinta e cinco milhões de contos, sendo 36% destinados à exportação; lembrou ainda que 72% dos trabalhadores utilizam este meio de transporte. A conquista de mercados e a penetração a nível comunitário foram temas que José Maria Marques não esqueceu, para peremptoriamente recordar que "temos de aparecer com um padrão de qualidade e com um design atraente".

A BICIMOTA/92 foi visitada por cerca de cem mil pessoas - número que indica ser relevante o interesse pelo sector dos veículos de duas rodas, na nossa região e no nosso País.

O último dia foi a consagração do certame. O recinto viu-se invadido por cerca de mil cicloturistas, afectos à Associação de Cicloturistas do Centro; mais tarde, houve uma concentração de motocicletas, mostrando os modelos mais actualizados. A encerrar, o Projecto de Dança de Aveiro fez uma exibição e a Banda da Força Aérea Portuguesa deu os acordos finais à festa.

Refira-se ainda que, antes da abertura da BICIMOTA/92, a ABIMOTA e o ICEP (Instituto do Comércio Externo de Portugal) rubricaram um protocolo de colaboração, que se situa ao nível do auxílio (50%) a prestar pelo ICEP às associações e organismos, no estrangeiro, visando globalmente a conquista de mercados. A este propósito, José Maria Marques frisou a importância do acordo e o papel dinamizador que o ICEP tem prestado ao meio empresarial, afirmando que "sem o Instituto do Comércio Externo de Portugal o sector das duas rodas não teria hoje a posição de que disfruta".

biblioteca

FESTAS DO MUNICÍPIO

Como tem sido habitual, durante o mês de Maio decorreram as Festas do Município de Aveiro, iniciadas no dia 9, prolongaram-se até ao dia 24, com um programa muito diversificado:

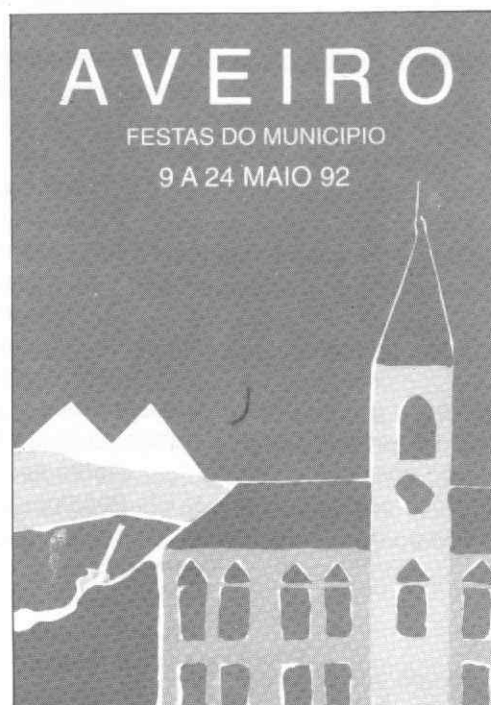
- **Dia 9:** Salva de morteiros; I e II Jornadas do XIII Torneio "Santa Joana", de basquetebol, organizado pela Associação de Basquetebol de Aveiro; Colóquio "Escolas de Natação - Planeamento e Desenvolvimento - Quatro exemplos da nossa Realidade", organizado pela Secção de Natação do Sport Clube Beira-Mar; I Encontro de Coros do IP5 - Coral Vera-Cruz, Orfeão de Viseu, Orfeão da Guarda e Orfeon Dámaso Ledesma (Ciudad Rodrigo); Ciclismo - Grande Prémio "Clássica das Beiras"; Concerto pela Banda da Força Aérea Portuguesa.

- **Dia 12 (feriado municipal):** Arruada, com a participação da Banda Amizade, Banda Eixense, Banda e Escola de Música da Quinta do Picado, Fanfarra de São Bernardo, Fanfarra da Costa do Valado e Fanfarra de São Jacinto; X Corrida de Bandeja de Aveiro, organizada pelo Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Hoteleira, Turismo, Restaurantes e Similares do Centro; Missa e Procissão de Santa Joana; Sessão Solene nos Paços do Concelho com entrega de distinções honoríficas; O Centro de Estudos e Telecomunicações e a Cidade - Divulgação da 1ª Aplicação de Apoio a Idosos com a Vídeo-Telefonia; Vela - "Regata Santa Joana Princesa", organizada pelo Sporting Clube de Aveiro; III Gincana Automóvel "Dragões de Aveiro"; I Jornada do Torneio "Cidade de Aveiro", de Andebol, organizada pela Associação de Andebol de Aveiro.

- **Dia 17 (domingo):** II e III Jornadas do Torneio "Cidade de Aveiro", de Andebol; Foto Safari Bombeiros Velhos; Desfile de Bandas e Fanfarras; Arruada pelo CETA; Inauguração da I Mostra Cultural e Desportiva do Concelho de Aveiro; Solta de Pombos, organizada pela Sociedade Columbófila de Esgueira e Grupo Columbófilo de Santa Joana; Vela - "Regata Santa Joana Princesa", organizada pela Associação de Canoagem de Aveiro; Demonstração de Ginástica e Judo, organizada pelo Sport Clube Beira-Mar; Jogos Tradicionais, organizados pela Casa

do Beirão Serrano; Actuação da Tuna de Santa Joana, Tuna Académica da Universidade de Aveiro e Tuna de Santa Cecília.

- **Dia 19:** Demonstração de Ténis, promovida pelo Clube de Ténis de Aveiro;



*Cartaz das Festas do Município/92
(Design de João Portugal)*

Sessão de Audiovisuais/Debate - "A Cegonha Branca no Distrito de Aveiro", organizada pelo Quercus, Actuação do Conjunto Musical CCD 513.

- **Dia 20:** Actuação do Grupo Etnográfico e Cénico das Barrocas; Encontro de Coros - Orfeão de Esgueira, Coral Polifónico de Aveiro e Coral Vera-Cruz.

- **Dia 21:** "É fácil velejar", organizado pelo Sporting Clube de Aveiro; Sessão de Audiovisuais/Debate - "A Ria de Aveiro - Vamos conhecê-la e compreendê-la", organizada pelo Quercus.

- **Dia 22:** Demonstração de Judo e Karaté - DO, organizada pela Sociedade Recreio Artístico; Encontro de Coros Infantis, com a participação do Coral Infantil da Tuna de Santa Joana, Coral Infantil de Santa Cecília e do Coral Infantil Vera-Cruz; Concerto pela Orquestra de Câmara de Aveiro; Colóquio Columbófilo, organizado pela Sociedade Columbófila de Esgueira e pela Federação Portuguesa de Columbofilia.

- **Dia 23 (sábado):** Homenagem ao atleta José Nogueira; Abertura do II Encontro das Associações Culturais do Concelho de Aveiro, organizado pela ADERAV; II Gincana de Bicicletas "Dragões de Aveiro"; Rally Fotográfico, organizado pela Associação dos Antigos Alunos da Universidade de Aveiro; Apresentação do livro "As coisas simples do Basquetebol", do Prof. Jorge Adelino; Torneios simultâneos de Basquetebol Infantil, organizados pela Associação de Basquetebol de Aveiro; Colóquio "O Desporto como forma de preenchimento dos tempos livres da Juventude"; Teatro - Apresentação da peça "João sem Tempo", pelo CETA; Demonstração de Boxe, organizada pelo Sport Clube Beira-Mar; Festival de Folclore - Desfile de todos os Grupos do Concelho, seguido de exibição.

- **Dia 24 (domingo):** Torneios simultâneos de Basquetebol Infantil; Desfile de Automóveis Antigos, seguido de exposição, organizado pelo Clube de Automóveis Antigos; Encerramento do II Encontro das Associações Culturais do Concelho de Aveiro; Lançamento de Pára-Quedistas, pela BOTP 2; Saída para observação de aves na Ria de Aveiro, organizada pelo Quercus; Atletismo - Circuito Juvenil, organizado pela Associação de Atletismo de Aveiro; Patinagem - Demonstração de Hóquei em Patins, organizada pela Casa do Beirão Serrano; Apresentação e exibição de um grupo de cavaleiros da Associação de Criadores de Cavalos de Aveiro; Encerramento das Festas do Município.

Entretanto, estiveram patentes três exposições, em locais diferentes: Azulejaria de Aveiro no Salão Cultural do Município; "A Ria e as Comunicações" (pintura, colectiva), no Centro de Estudos e Telecomunicações; e Biblio-Econográfica de Aveirenses Ilustres dos Séculos XIX e XX, no Museu de Santa Joana.

DISTINÇÕES HONORÍFICAS

Como vem sendo habitual, no programa das Festas do Município para o Dia da Padroeira, 12 de Maio (feriado municipal), além da concelebração eucarística na Sé Catedral e da procissão de Santa Joana pelas ruas da cidade, consta a sessão solene no salão nobre dos Paços do Concelho para a distribuição de distinções honoríficas. O facto constitui uma ocasião para homenagear os funcionários municipais com mais de vinte e cinco anos de serviço e para distinguir com mercês honoríficas pessoas e instituições que se notabilizam em favor da comunidade.

Nas palavras introdutórias, o Presidente da Câmara Municipal, Dr. José Girão Pereira, classificou a cerimónia como um gesto de "atenção para todos aqueles que têm desenvolvido capacidades e esforços em prol da cidade e do concelho de Aveiro", frisando que "estamos aqui para testemunhar-lhes o nosso agradecimento e dizer-lhes que a Câmara não esquece o seu esforço e a sua dedicação".

O Presidente da Edilidade congratulou-se também com os funcionários municipais com mais de vinte e cinco anos de serviço, recordando as dificuldades com que muitas vezes são confrontados no desempenho das suas actividades e pondo em relevo o papel decisivo da sua acção, para concluir que "esta Câmara não seria nada e a vida comunitária não seria possível, se não fossem estes homens e mulheres que, de uma forma humilde, fazem o seu trabalho, limpando as ruas, lavando as sentinas, colocando alcatrão nas estradas - trabalhos fundamentais para a vida da cidade".

A intervenção do Dr. José Girão Pereira colocou também uma tónica no futuro, nos desafios constantes "a esta comunidade, a um concelho e a uma cidade crescentemente jovem, mas onde continua a haver pobreza e problemas sociais e humanos que não podemos esquecer, apesar de Aveiro ser considerada uma cidade rica"; de modo particular, o Presidente da Câmara referiu os problemas que afectam a juventude, salientando a necessidade de os jovens serem enquadrados na sociedade e apresentarem ideias que desafiem os responsáveis, porque "todo e cada cidadão é importante na construção da alma e do corpo da cidade dos homens".

Com mais de vinte e cinco anos de serviço municipal, foram homenageados os seguintes funcionários, que receberam placas em prata: — Alzira de Jesus das Neves, António Ramos de Andrade, Maria Margarida de Lemos Soares, Deolinda Celeste de Jesus, Manuel Barros de Oliveira, Américo Neves da Silva, Manuel Tavares Cirne e António Baptista da Silva.

As instituições e pessoas distinguidas com mercês honoríficas foram as seguintes: — Com a medalha de mérito municipal, em prata: "Correio do Vouga", o mais antigo semanário da cidade de Aveiro; Fábricas Aleluia, que tem prestigiado o nome de Aveiro no país e no estrangeiro; Banda da Associação Recreativa Eixense, que cumpriu 66 anos ao serviço da música e da colectividade; Sociedade Recreio Artístico, que, com 96 anos de existência, é uma das mais antigas e prestigiadas agremiações de Aveiro; e Amadeu Teixeira de Sousa, um aveirense do bairro da Beira-Mar, cuja dedicação à sua terra e cuja obra poética são sobejamente conhecidas.

Uma distinção especial — placa em prata — foi atribuída a uma figura típica da cidade: Firmino da Silva, mais conhecido por "Firmino dos Jornais", o único ardina de Aveiro que, há mais de seis décadas, apregoa e vende os diários.

Na cerimónia estiveram presentes, para além dos Vereadores do Executivo Municipal, o Governador Civil do Distrito, Dr. Gilberto Parca Madaíl, o Bispo da

Diocese, D. António Baltasar Marcelino, o Presidente da Assembleia Municipal, Francisco da Encarnação Dias, além de outras entidades.

De entre os diversos testemunhos de agradecimento, proferidos pelos homenageados, publicamos aqui o depoimento de Amadeu Teixeira de Sousa, cheio de aveirismo:

*É entregue a
Amadeu de Sousa
a medalha de
mérito municipal*



Sou um Aveiro/ de corpo inteiro./ Cagaréu,/ eu sou,/ sob o céu/ que me criou./ Nasci/ ali,/ naquele cantinho,/ onde o sino repica,/ e São Gonçalinho/ pontifica.

Como o Santo Taumaturgo em peregrinação à Terra Santa, também eu ando, há décadas, nesta romagem de encantamento, a sorver o ar, a maresia, o salgado, a contemplar os mágicos poentes, enfim, a beleza infinita deste nosso amado Aveiro!

E, é assim, com muito Amor, que, amparado ao bordão da lira, logrei alcançar hoje o altar nobre da minha estremecida Cidade, a envolver-me de honraria.

Nesta preia-mar solene, simbiose de alegria e emoção, a inundar-me o ser de Aveirismo, fervoroso e forte, como o sangue que corre nas veias da nortada agreste; neste luminoso dia de intenso júbilo, em que se festeja a excelsa Princesa Santa Joana, Padroeira de Aveiro, e me é conferida por mercê honorífica, a medalha de mérito municipal em prata, testemunho, publicamente, à Excelentíssima Câmara desta nossa querida Cidade que vivo e amo, extremosamente, todo o sentimento que me vai no coração e na alma de Aveirense, a minha mais profunda e inesquecível gratidão. Muito obrigado.

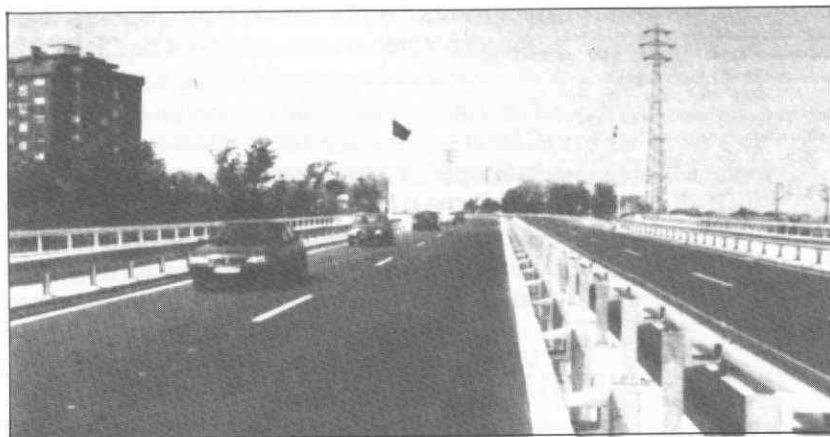
CIRCULAR DE ESGUEIRA

O dia 16 de Maio – Dia dos Mártires da Liberdade — foi assinalado em Aveiro com a inauguração de mais um melhoramento que franqueou a cidade por um novo arruamento, mais livre e mais rápido: foi a abertura da Circular de Esgueira que, saindo do viaduto e da Rua de Viseu, conduz directamente o trânsito automóvel para as Agradas do Norte, para a zona de Mataduchos e para Cacia.

Sendo obra conjunta da Junta Autónoma das Estradas e da Câmara Municipal de Aveiro, a Circular foi considerada pelo Presidente da JAE, Eng. Mário Fernandes, que esteve presente, como "a satisfação dos interesses das duas partes envolvidas" e a conclusão de um processo longo e problemático que surgiu da "dificuldade de articulação entre o IP5 e a rede viária local".

Prevê-se que, no futuro, a nova rodovia prossiga em direcção à zona industrial e a Taboeira, de acordo com um projecto que está a ser elaborado. Isto irá permitir

Trecho da
"Circular" de Esgueira



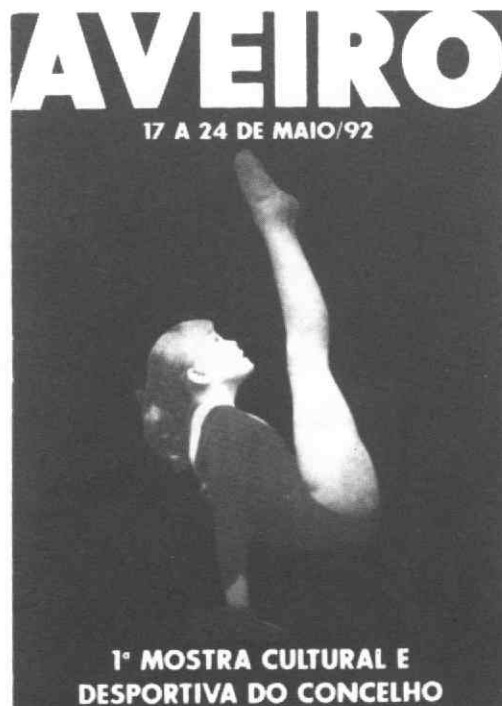
um ainda melhor desanuviamiento de trânsito automóvel e de melhores acessos, além de minorar os conhecidos engarrafamentos no centro de Esgueira.

Na construção da Circular, a JAE suportou os encargos derivados do lançamento da ponte sobre o IP5 e das ligações à antiga estrada do Olho de Água, enquanto a Câmara Municipal ficou responsável, nos termos do acordo firmado, pelo troço desde a Rua de José Luciano de Castro até àquela ponte, bem como pelos outros acessos e toda a sinalização, incluindo os semáforos.

I MOSTRA CULTURAL E DESPORTIVA

Inaugurada no dia 17 de Maio e prolongando-se até ao dia 24, a I Mostra Cultural e Desportiva do Concelho de Aveiro deu a conhecer a múltipla riqueza de associações do género, existentes na nossa cidade e nas nossas freguesias. A ideia partiu dos Serviços de Cultura da Câmara Municipal e logo foi corroborada pelo Pelouro do Desporto. Contactadas as noventa e quatro associações culturais e desportivas, logo aceitaram marcar presença nesta iniciativa.

Enchendo por completo os três pavilhões do Parque Municipal de Feiras e Exposições, esta mostra constituiu uma "tomada de consciência colectiva das potencialidades do concelho nas áreas da cultura e do desporto" – segundo



Cartaz da 1ª Mostra Cultural e
Desportiva do Concelho/92
(Design de João Portugal)

confessou o Dr. José Girão Pereira na sessão de abertura, presidida pelo representante do Governo Civil do Distrito, Dr. Artur Cunha.

Por outro lado, o Presidente da Edilidade diria também ser "vital" o papel que estas associações desempenham na comunidade, salientando que "não é a Câmara que deve fazer cultura, pois esta é do cidadão, é um acto de criação individual"; e, continuando, acabaria por explicar que "uma cultura feita pela Câmara seria uma cultura política e manipuladora".

Milhares de pessoas visitaram a I Mostra Cultural e Desportiva do Concelho de Aveiro - o que confirmou que foi uma iniciativa louvável e oportuna. A animação condizente com o certame preencheu um programa diário, atraente e diversificado.

Transcrevemos os testemunhos do Presidente da Câmara Municipal e dos Vereadores da Cultura e do Desporto, publicadas no respectivo folheto:

— "A Câmara Municipal vai realizar pela primeira vez, e integrada no programa das Festas do Município, a Primeira Mostra Cultural e Desportiva do Concelho de Aveiro.

Parece-nos uma feliz iniciativa dos Pelouros da Cultura e Desporto, susceptível de provocar uma tomada de consciência do real valor das associações, e de estimular uma maior participação dos cidadãos na valorização da comunidade.

Sempre temos defendido que as iniciativas culturais e desportivas devem ser uma manifestação espontânea do indivíduo e não pura emanção do poder político.

É por isso que esta "mostra" é em primeira linha uma homenagem a todos aqueles que têm mantido a chama do associativismo e mesmo da participação individual.

Esperamos que o concelho possa desta forma adquirir um novo fôlego e redobrado estímulo neste caminho, que levará a uma crescente tomada de consciência cívica dos aveirenses".

O Presidente da Câmara — Dr. José Girão Pereira

— "A actividade cultural do Município tem-se consubstanciado, nos últimos anos, num conjunto de acções bastantes diversificadas cujo suporte radica nas Associações Culturais.

É justo dar a conhecer um pouco da sua história, da sua inserção no meio e mostrar o seu importante papel junto das populações onde se encontram e de que fazem parte. Tantas vezes acontece, sobretudo em povoações mais pequenas, que as colectividades locais unem as pessoas, criando nelas laços de convivência e amizade.

É justo, também, dar a conhecer que a essência e o vigor das Colectividades advêm do esforço, da dedicação e do sacrifício dos tempos livres dos dirigentes e elementos que as compõem, dando-lhes corpo; por isto, se vai preservando as tradições e os costumes, dando continuidade à artes tradicionais, pugnando pela defesa do património, ensinando a música e a dança e promovendo as artes plásticas, o teatro e o canto.

Estas são as principais razões que levaram à realização da "I Mostra Cultural e Desportiva do Concelho de Aveiro"; ela constitui um acto de homenagem às Associações, na certeza de que, simultaneamente, será um incentivo para prosseguirem no importante trabalho que vão desenvolvendo em prol da comunidade".

O Vereador — Prof. Celso dos Santos

— "O Distrito de Aveiro é em termos desportivos um dos mais dinâmicos e ricos do país.

No nosso concelho estão sediados dezenas de clubes que praticam as mais diversas modalidades e onde se radicam a maior parte das sedes das Associações Distritais.

Se por um lado é natural que o munícipe tenha esta perspectiva, por outro lado faltar-lhe-á a vivência dessa realidade.

Foi para isso que nasceu esta Mostra Desportiva: levar a todos os que gostam de desporto a singularidade dos nossos Clubes, as modalidades que abraçaram as potencialidades que têm, os seus troféus, a sua vida.

Que esta Mostra sirva para que eles sejam mais conhecidos e que se possam conhecer melhor. Que nasça mais amizade e colaboração entre os carolas que nos Clubes vão, ano após ano, incutindo na nossa Juventude o Desportivismo como base importante da sua formação.

O Pelouro do Desporto da Câmara Municipal de Aveiro agradece todo o entusiasmo com que abraçaram a ideia de realizarmos esta Mostra".

O Vereador — Eng. João José Maia

FEIRA DE ANTIGUIDADES E VELHARIAS

No dia 30 de Maio, realizou-se na cidade de Aveiro a primeira edição da feira mensal de antiguidades e velharias, promovida pela Câmara Municipal, nos termos de uma proposta do Vereador Prof. Celso dos Santos.

Os aveirenses corresponderam e visitaram a feira, no Parque Municipal de Feiras e Exposições; se uns foram meros espectadores, levados pela curiosidade, outros aproveitaram a ocasião para adquirir objectos de outras eras. Efectivamente, nas pequenas barracas da feira, os vendedores tinham de tudo para todos os gostos, sobretudo artefactos de cerâmica ou vidro, artigos em ferro ou prata, moedas, toalhas de pano, objectos religiosos, livros e cartilhas escolares, canetas de tinta da china ou utensílios caseiros.

Entretanto, outras datas foram agendadas, até ao fim do ano, para a feira de antiguidades e velharias: — 14 de Junho, 12 de Julho, 23 de Agosto, 6 de Setembro, 11 de Outubro, 8 de Novembro e 13 de Dezembro.

FEIRA DO LIVRO/92

A edição da Feira do Livro de 1992, que completou o vigésimo aniversário, decorreu de 30 de Maio a 7 de Junho, no pavilhão octogonal do Parque Municipal de Feiras e Exposições. Nela participaram quatro livrarias, duas representações de comercializações livres e sessenta e sete editoras. A ocupação dos restantes



*Cartaz da Feira do Livro/92
(Design de João Portugal)*

stands foi assegurada pela Biblioteca Municipal de Aveiro, pelo Centro do Instituto da Juventude de Aveiro, pelo Clube dos Galitos e pela ADERAV; foi neste stand que, como novidade, foi apresentado o mais recente livro do Dr. Amaro Neves, "Barristas Aveirenses" — primeira publicação da FEDRAV — Fundação para o Estudo e Desenvolvimento da Região de Aveiro.

Como curiosidade, não deixou de ter interesse, no stand da Biblioteca Municipal, a exposição de antigos jornais regionais, quase todos já desaparecidos, bem como a mostra de máquinas de escrever, impressoras de chumbo, etc..

Referindo-se à Feira do Livro, escreveu o Prof. Celso dos Santos:

— "A propósito de mais uma Feira do Livro que decorreu de 30 de Maio a 7 de Junho, há a referir os seus 20 anos que agora se completam.

Deste modo uma palavra de apreço pelo empenhamento dos livreiros aveirenses que têm sabido ultrapassar dificuldades várias para tornarem realidade esta Feira, contribuindo assim, fortemente, para que todos possam encontrar-se com o que há de novo no âmbito da leitura sem terem que se deslocar as cidades vizinhas.

Pesem embora alguns problemas, aí está a Feira. Agradecemos a todos os livreiros a sua presença e confiamos em que os esforços sejam compensados com a adesão dos aveirenses".

INFORAV/92

Simultaneamente com a Feira do Livro e no mesmo pavilhão, efectuou-se a V Mostra de Material Eléctrico, Electrónico e de Informática — INFORAV/92, também da iniciativa da Câmara Municipal de Aveiro.

A propósito deste certame, é de salientar que, para além de reunir um enorme conjunto de material na área das novas tecnologias, nomeadamente a nível da comunicação e da informática, ele também serviu para sessões de apresentação e utilização de algumas novidades. Em contraste com estes stands, esteve também patente uma colecção de rádios antigos, de António Cascais, e elementos do espólio do Museu Nacional da Ciência e da Técnica.

Feita a inauguração pelo Presidente da Câmara Municipal, por diversos vereadores e por várias entidades oficiais — conjuntamente com a da já referida Feira do Livro — seguiu-se um programa de animação. No dia 1 de Junho, Dia da

INFORAV/92

V MOSTRA DE MATERIAL ELÉCTRICO
ELECTRÓNICO E DE INFORMÁTICA



Cartaz Inforav/92
(Design de João Portugal)

AVEIRO • 30 MAIO A 7 JUNHO

PARQUE MUNICIPAL DE FEIRAS E EXPOSIÇÕES

Criança, as atenções foram para as crianças com Arsénio Mota, escritor de literatura infantil, exibição de duas peças de teatro pelo Grupo de Animação Teatro de Águeda e espectáculo de dança pela Academia de Bailado Clássico.

A respeito da INFORAV/92, escreveu o Prof. Celso dos Santos:

— "Cinco anos decorreram desde a primeira Mostra realizada no Parque Municipal de Feiras.

Aquilo que, inicialmente, nos parecia difícil realizar, aconteceu, efectivamente.

Dizíamos então que este certame nascia para acompanhar o progresso das técnicas modernas integrando-se bem em Aveiro, por esta se situar numa Região altamente industrializada, sentindo-se a necessidade de técnicas especializadas e experientes no sector da informática e electrónica.

Parece não nos termos enganado.

A feira vem-se realizando com sequência, ganhando pujança e entusiasmo e mantendo o número de expositores, bem como o seu nível.

Convida-se assim a população aveirense a visitar a feira, pois nela encontrará uma importante exposição e algumas novidades.

Aos senhores expositores desejamos uma efectiva compensação que justifique o esforço que vêm fazendo para participarem em mais esta mostra, que esperamos venha a repetir-se em anos futuros".

Comissão Executiva:

— Vereador Prof. Celso dos Santos; Dr. Emanuel Cunha; João Portugal; Elmano Ramos; Justino Tomás Ribeiro; Eng. Acílio Vitória.

Secretariado:

— Alexandrina Maximino; Irene Bárto.

Gabinete de Imprensa:

— José Carlos Maximino.

Número de Expositores — 19.

biblioteca

CENTRO SOCIAL DA PARÓQUIA DA GLÓRIA "DOMUS ECCLESIAE"

Na sua reunião de 1 de Junho, a Câmara Municipal aprovou, por unanimidade, o projecto do Centro Social da Paróquia da Glória, que irá ser construído nas traseiras da Sé Catedral.

O edifício, da responsabilidade do Arq. José Quintão, terá uma área coberta de 4.584 metros quadrados e cerca de 3.600 metros quadrados de zonas ajardinadas e acessos. O espaço será preenchido com diversas valências como jardim de infância e ocupação de tempos livres (Florinhas do Vouga), biblioteca, residência de passantes, centro de dia para idoso, espaço para uma comunidade de religiosas ao serviço da instituição, salão polivalente com 400 metros quadrados e uma outra sala com 100 metros quadrados, para além de todas as estruturas de apoio ao bom funcionamento do Centro, nomeadamente lavandaria, cozinhas e despensas. O Centro Social terá duas entradas, uma pelo lado da Sé, destinada apenas a peões, e outra, lateral, a ser usada por viaturas.

A construção desta estrutura implicará, tendo em conta o que se torna necessário, a demolição do velho edifício das Florinhas do Vouga, de recuperação difícil, feito em materiais pobres e sem valor arquitectónico.

Refira-se ainda que o Centro Regional de Segurança Social tem manifestado empenho neste complexo, na medida em que se trata da primeira iniciativa desta natureza a concretizar dentro da cidade de Aveiro.

Para a execução das obras, espera-se o financiamento do Centro Regional de Segurança Social e dos fundos do PIDDAC, além da generosidade dos paroquianos da freguesia de Nossa Senhora da Glória e de outros benfeitores; para isso, já se realizaram alguns cortejos e se levaram a efeito outras iniciativas.

III SALÃO AUTOMÓVEL

De 20 a 28 de Junho, nos pavilhões octogonal e rectangular do Parque Municipal de Feiras e Exposições, realizou-se o III Salão Automóvel de Aveiro - uma iniciativa da Autarquia e dos profissionais do sector. Na inauguração, mereceram destaque as palavras do Vice-Presidente da Associação do Comércio Automóvel de Portugal (ACAP) e do Secretário de Estado da Indústria, que presidiu à cerimónia, em representação do Governo.

O representante dos retalhistas, ao usar da palavra, queixou-se da "situação menos agradável" com que se defrontam aqueles empresários, sobretudo por causa das "medidas discriminatórias que restringem os mecanismos de mercado, nomeadamente as restrições ao crédito, a restrição e imposições colocadas à publicidade e a introdução do Imposto Automóvel".

Por sua vez, o Secretário de Estado da Indústria manifestou opinião diversa, ao afirmar que tem ultimamente aumentado as vendas de automóveis. Referiu-se ainda ao Projecto Ford - Volkswagen, para concretizar: — "Este Projecto vai representar para a indústria automóvel nacional da década de 90 o que a instalação da Renault em Aveiro representou na década de 80"; e acrescentou: — "Dentro de três anos, o veículo feito em Portugal poderá ser mostrado e vendido".

A par de veículos modernos, foi curiosa a presença de cerca de duas dezenas de automóveis antigos que, na manhã do primeiro dia do Salão, "passearam" por Aveiro, antes de tomarem o seu lugar.

Registamos aqui os textos que o Presidente da Câmara e o Vereador do Pelouro das Feiras assinaram para o respectivo folheto:



Cartaz do Salão Automóvel/92
(Design de João Portugal)

1.

— "Provavelmente nunca nenhum produto despertou tanto fascínio como aquele que o automóvel continua a suscitar nas sociedades modernas.

Ele é ferramenta de trabalho e instrumento de lazer. Obsessão de coleccionistas e catalizador de investigação e desenvolvimento tecnológico. Agente poluidor e elemento gerador de sinistralidade. Mas, sobretudo e além do mais, uma realidade social iniludível, que seria desastroso não observar, mormente na sua vertente económica.

Ninguém ignora, hoje em dia, o peso da indústria automóvel na economia mundial, nem as suas incidências sobre as outras indústrias, o comércio e os serviços dos países e das regiões.

Em Aveiro, vem de longe essa percepção, com algum pioneirismo à mistura e umas quantas experiências mais ou menos românticas e individualizadas que, nos anos mais recentes, cederam lugar ao investimento em unidades de dimensão internacional – como são, aqui bem perto, a fábrica RENAULT, de Cacia, e a fundição que lhe está associada, a FUNFRAP - cuja instalação a Câmara Municipal apoiou da forma decisiva que é de todos conhecida.

Atenta à evolução do sector, a Câmara Municipal de Aveiro aderiu, no ano passado, à Rede Europeia de Cidades com Indústria Automóvel, uma estrutura europeia vocacionada para o estudo dos problemas a equacionar os futuros desenvolvimentos desta indústria, principalmente na óptica dos interesses das comunidades onde se encontra instalada.

A promoção deste certame, que lhe é exclusivamente dedicado, é outra forma de a Câmara Municipal de Aveiro dizer que está atenta ao fenómeno automóvel. Atenta e colaborante!

Assim este III Salão Automóvel de Aveiro consiga corresponder às expectativas de expositores e visitantes. Pelo menos ao mesmo nível das duas edições anteriores".

2.

— "É com muita alegria que assistimos à realização de mais um Salão Automóvel, o terceiro consecutivo.

Não é mais um certame, uma realização qualquer, mas sim uma movimentação de elevado significado para o Parque Municipal de Feiras e Exposições e demonstrativa da força dos empresários voltados para o sector do automóvel.

A eles, pelo seu empenhamento e coragem, se deve a realização de três Salões consecutivos.

Esperamos que o III Salão mantenha o nível dos anteriores, de forma a agradar aos expositores e visitantes.

Saudamos, com reconhecimento, os senhores expositores pela adesão e contributo que vêm prestando para a promoção da nossa Região".

Comissão de Honra:

– Secretário de Estado da Indústria; Governador Civil de Aveiro; Presidente da Câmara Municipal de Aveiro; Director Geral da Indústria; Director Geral de Viação; Presidente da Junta Autónoma das Estradas; Director da Prevenção Rodoviária Portuguesa; Presidente da Associação do Comércio de Automóveis de Portugal; Presidente do Automóvel Clube de Portugal; Presidente da Associação Comercial de Aveiro; Presidente da Associação Industrial do Distrito de Aveiro; Presidente do Clube Aveirense de Automóveis Antigos; Presidente da Região de Turismo Rota da Luz; Comandante Distrital da Polícia de Segurança Pública; Comandante Distrital da Guarda Nacional Republicana - Brigada de Trânsito.

Comissão Executiva:

– Prof. Celso dos Santos; João dos Santos; António Henriques; Manuel Oliveira; Dr. José Azevedo; A. Fontes; Carlos Silva; Luís Figueiredo.

Secretariado:

– Arq. José Quintão; Alexandrina Maximino; Irene Bártole; Isabel Ramos; Elmano Ramos; João Portugal; Justino Ribeiro; Gonçalo Lé; Eng. Acílio Vitória; Nelson Chaves.

Gabinete de Imprensa:

– José Carlos Maximino.

MONUMENTO A JOSÉ RABUMBA

O monumento evocativo do heróico aveirense José Rabumba, que se encontrava colocado ao lado da Estrada da Lota, junto ao Canal das Pirâmides e para lá da via rápida IP5, exposto a acções de vandalismo e ao descuido dos homens, foi definitivamente transferido para o largo que, desde há dezenas de anos, tem o seu nome em placa toponímica. Bem merece aquele que abnegadamente arrancou à fúria das ondas mais de uma centena de vidas humanas.

Se bem que a Edilidade já há vários meses tivesse tomado esta decisão, o trabalho da deslocação acabou por demorar, em virtude de se ter de projectar o arranjo urbanístico do local; este, proposto pelo Gabinete de Recuperação da Área Urbana, obteve entretanto a aprovação definitiva em reunião da Vereação.



O monumento a José Rabumba, inaugurado em 1969, foi transferido para novo local

Dessa forma, a referida praça aparece-nos agora com um aspecto substancialmente melhorado, onde domina o monumento a José Rabumba, da autoria do escultor Mário Truta, sobre o respectivo plinto que fora executado segundo o projecto do Arq. Rogério Barroca.

Para melhor aparência do local, certamente que os proprietários dos edifícios circundantes, com o apoio e a colaboração do Município, procurarão melhorar as fachadas, tornando a praça ainda mais atraente, condigna de quem aí habita, agradável a quem por lá passar e, sobretudo, condizente com o valor e mérito do homenageado.

José Rabumba — "O Aveiro", como ficou conhecido — "é o tipo do herói que se realiza praticando apenas o bem; do herói sem reverso" — escreveu Eduardo Cerqueira, aquando da inauguração do monumento; e continuava: — "Abençoemos a sua memória. E nós, os aveirense, honremo-la e preiteemo-la ainda, porquanto honrou e preiteou Aveiro, de onde era oriundo e de que era lembrança viva, constante e nobilitadora" (Litoral, 26-2-1966).

Notícias breves

Janeiro, 6	A Câmara Municipal deliberou autorizar a deslocação de dois membros da Câmara à República da Guiné-Bissau, que integrarão a visita organizada pela Associação Amigos da Guiné – Casa de Aveiro para os dias 17-25 de Janeiro.	Aveiro-Farim (Guiné)
Janeiro, 20	O Executivo deliberou participar com um stand, representativo da Região, na Feira de Gastronomia de Bourges, que se vai realizar em 21-23 de Março; neste projecto colaborou a Região de Turismo "Rota da Luz".	Aveiro-Bourges
Fevereiro, 10	Após troca de impressões, foi deliberado, em reunião da Vereação, que todo o Executivo efectuassem uma visita ao monumento megalítico de Mamodeiro - o que se veio a verificar no dia 14 seguinte. Em reunião desta data, a Câmara Municipal aprovou o programa da animação cultural, a levar a efeito em todas as freguesias rurais do concelho.	Monum. de Mamodeiro Animação Cultural
Março, 9	Foi deliberado apoiar a realização de um estudo, a levar a efeito pelo Dr. Manuel Rodrigues, sobre o Ensino Técnico e Industrial em Aveiro, com o fim de assinalar, em 1993, a passagem do centenário da criação da Escola Industrial e Comercial de Aveiro, comprometendo-se o autor a entregar o trabalho à Câmara, para publicação, além de se comprometer a redigir dois artigos sobre a matéria, a inserir no Boletim Municipal.	Apoio a publicação
Março, 23	O Vereador Prof. Celso dos Santos, na reunião deste dia, deu conhecimento do ofício remetido à Câmara pela Secretaria de Estado da Cultura, a informar que o prédio situado na Rua de João Mendonça, nºs 5 e 7, foi classificado de interesse público.	Património Cultural
Março, 30	A Edilidade deliberou apoiar a publicação do livro "A Saca das Histórias", da autoria de D. Maria José Craveiro Valente, mediante a aquisição de cem exemplares.	Apoio a publicação
Abril, 6	O Presidente do Município informou a Vereação sobre os contactos estabelecidos com o Ministério da Marinha, no sentido de a Câmara adquirir o edifício da Capitania do Porto de Aveiro, dado ser um imóvel marcante na cidade, que deve ser preservado.	Edifício da Capitania
Maió, 4	O Presidente, em reunião desta data, deu conhecimento ao Executivo de um ofício da Câmara Municipal de Baião, através do qual se solicitava a aderência da nossa Câmara à Associação dos Municípios Queirosianos, tendo presente que o escritor Eça de Queirós viveu, durante algum tempo, em Verdemilho. Os Vereadores concordaram e ainda deliberaram que a Câmara de Aveiro participasse no Encontro de Municípios Queirosianos, que se realizaria em Baião no dia 23 de Maio. Como a casa onde viveu o escritor se encontra em ruínas, a Câmara assumiu o compromisso da recuperação da mesma, dentro do possível.	Eça de Queirós
Junho, 1	Neste dia, a Vereação Municipal, por unanimidade, deliberou aprovar o projecto relativo à construção do Centro Social e Paroquial da Glória – "Domus Ecclesiæ" – elaborado pelo Gabinete de Arquitectura da Câmara Municipal de Aveiro.	"Domus Ecclesiæ"